

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
HISTÓRIA SOCIAL DAS RELAÇÕES POLÍTICAS**

IVÂNIA CRISTINA LIMA MOURA

**MONTEIRO LOBATO: ARIEL VENCIDO?
UM OLHAR POLÍTICO SOBRE O ESCRITOR VISIONÁRIO
(1914-1948)**

Vitória
2007

IVÂNIA CRISTINA LIMA MOURA

**MONTEIRO LOBATO: ARIEL VENCIDO?
UM OLHAR POLÍTICO SOBRE O ESCRITOR VISIONÁRIO
(1914-1948)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História Social das Relações Políticas, na área de concentração Estado e Políticas Públicas.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Vinícius Costa de Mendonça

Vitória

2007

IVÂNIA CRISTINA LIMA MOURA

**MONTEIRO LOBATO: ARIEL VENCIDO?
UM OLHAR POLÍTICO SOBRE O ESCRITOR VISIONÁRIO
(1914-1948)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História Social das Relações Políticas, na área de concentração Estado e Políticas Públicas.

Aprovado em ____ de _____ de 2007.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Vinícius Costa de Mendonça
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador

Prof. Dr.
Universidade

Prof. Dr.
Universidade

(Ficha catalográfica)

RESUMO

Aborda a temática da discussão política presente na obra de Monteiro Lobato (1882-1948), tomando como base a produção *lobatiana* entre 1914 e 1948. Dentro deste recorte temporal, procura desenvolver algumas reflexões sobre a participação de Lobato em sociedade, como promotor público, fazendeiro, jornalista, escritor, editor e empresário. Compreendendo a História como uma problematização presente e, dentro de uma perspectiva cultural, tenta elucidar alguns pontos teóricos ligados à obra lobatiana e ao contexto político dentro do período proposto. Dentre as obras de Lobato, estão mais próximas às questões abordadas as que circularam durante a Primeira República e fazem perceber a ânsia do autor em resolver os problemas do trabalhador rural, num clima de inquietação diante da Primeira Guerra Mundial. Após este período, trata como essencial a leitura crítica de algumas cartas do autor, especialmente as que foram publicadas um ano antes do final da Segunda Guerra Mundial. Também é importante salientar, ao longo do trabalho, o universo infantil construído pelo autor, especialmente nas obras que representam com mais nitidez o pensamento lobatiano – com traço autoritário e conservador, mas, de alguma forma, com características conciliadoras, imaginando um país mais próspero economicamente.

Palavras-chave: História. Literatura. Jornalismo. Universidade Federal do Espírito Santo – História.

ABSTRACT

Deals with the thematic of the politics discussion in the complete works of Monteiro Lobato (1882-1948), taking with basis the *lobatiana* works between 1914 and 1948. In this cut time, searches to develop some reflections about the Lobato's participation in society, with district attorney, journalist, writer, publisher and businessman. Understanding the History with a presents problem and, into of a cultural perspective, try to uncover some theoretical points connect the *lobatiana* works and the political context into the period proposed. Among the works of Lobato are more close the deals questions the works that to go around during the First Republic and to do to realize the desire's author to solve the rural worker on anxiety atmosphere up against the First World War. After this period deals with essential the critics read about some letters of author, especially that were published one year before the final of Second World War. It's important to salient too throughout of this work the children's universe was been building by author especially in works that symbolize with more clearly the *lobatiano* thoughts – with its authoritarian and conservative feature but in order to with combined characteristics imagining a country more prosperous economically.

Keywords: History. Literature. Journalism. Universidade Federal do Espírito Santo – History.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 REVISÃO DE LITERATURA.....	10
1.2 O INQUIETO ESCRITOR.....	15
2 OLHAR NACIONALISTA: DO MUNDO <i>JECO-CÊNTRICO</i> AO FANTÁSTICO INFANTIL	20
3 CONTEXTO POLÍTICO E LITERÁRIO NA TRAJETÓRIA EPISTOLAR	48
4 <i>PIRLIMPIMPIM</i> E OUTRAS SOLUÇÕES POLÍTICAS	74
4.1 MEMÓRIAS DO LOBATO OU DA EMÍLIA?.....	78
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
6. BIBLIOGRAFIA	105

1 INTRODUÇÃO

A boneca Emília, personagem de Monteiro Lobato¹, ao dissertar sobre a produção das suas memórias, revelou que o ato de *começar* não é fácil e que o mais simples é *acabar*². Na análise da personagem, sobre o que seria seu livro mais importante, o ato de finalizar requer um requinte de latim aliado à maneira – aparentemente – simplista de concluir uma obra literária. *Pinga-se um ponto final e pronto; ou então escreve-se um latinzinho: FINIS. Mas começar é terrível.*³

A obra foi lançada em 1936, numa conjuntura político-econômica que marcaria o nome do autor do imaginário de Emília para uma geração de leitores, admiradores, seguidores de seus preceitos, suas idéias e, de certa forma, do seu temperamento ora moderado, ora conservador, mas, sobretudo, autoritário. Não queremos com este trabalho acadêmico utilizar um tema banal ou *lugar-comum* que se transformaria num aliado na construção argumentativa⁴, utilizada com certo exagero estilístico.

De modo semelhante, não pretendemos experimentar, particularmente nesta introdução, o recurso cronístico de *começar* falando do próprio ato de começar, com um teor metalingüístico com o seu valor, tanto quanto ou semelhante ao poeta versando sobre a poesia. Deixamos aqui esta construção da metalinguagem para Bosi, no seu ensaio **O Ser e o Tempo da Poesia**, que enfoca a argumentação criativa de um autor literário dentro das múltiplas possibilidades de reinvenção da mensagem ou da força de construção mítica das palavras, tanto a construção que é trabalhada na fala quanto a que é forjada como recurso escrito; neste caso, impresso sob efeito da articulação de uma obra de ficção⁵.

¹ LOBATO, 1956, 9ª ed. [1936]

² [grifo nosso] V. CAVALHEIRO, 1955. In: LOBATO, 1969. [1918]

³ Também foi consultada a 18ª edição de **Monteiro Lobato – Obra Infantil Completa**. São 16 volumes ilustrados, lançados pela editora Brasiliense. **Memórias da Emília** está incluída no volume IV.

⁴ BRETON, 1999, p. 84.

⁵ BOSI, 1986.

Bosi não ensaiou, necessariamente, sobre Monteiro Lobato na obra citada, mas poderia ser possível encaixar o criador de Emília na obra do teórico em Literatura, já que este se refere ao respeito à criação do *outro*, ou seja, à autonomia que deve ser mantida, mesmo que sofra a indiferença do público.

Mas, o que vem a ser *visionário* para o que estamos propondo? Todorov nos ajuda a entender esse aspecto, no que diz respeito à criação literária – ainda que inserida no mundo *fantástico* da literatura:

A visão pura e simples descobre-nos um mundo plano, sem mistérios. A visão indireta é a única via para o maravilhoso. [...] Os objetos são, de algum modo, olhar materializado ou opaco, uma quinta-essência do olhar. Encontra-se, aliás, a mesma ambigüidade fecunda na palavra *visionário*: aquele que vê e não vê, ao mesmo tempo grau superior e negação da visão.⁶

O que o teórico em Literatura nos sugere é, justamente, um retrato ambíguo do *ser visionário*, ou seja, o que se propõe a dizer que enxerga um futuro com um olhar diferenciado dos seus semelhantes e, ao mesmo tempo, está fadado ao contrário, isto é, *a não dizer*. Esse *não dizer* pode nos parecer silenciar ou ocultar? No caso do nosso ator político escolhido – por sinal, um homem do universo das letras – a ambigüidade se aplica no que se refere à postura deste mesmo homem em sociedade.

A literatura era o viés corrosivo de Lobato, para atacar o governo, em diferentes etapas ou períodos; contudo, era também a pacificação, a conciliação, sempre deixando transparecer o seu modo otimista de lidar com o início dos seus projetos. O escritor *visionário* ao qual estamos propondo algumas reflexões neste trabalho é o mesmo que tentou provar que no Brasil existia um filão mercadológico importante para publicar livros; o mesmo *visionário* que quis provar a viabilidade da exploração de petróleo e ferro; assim como o mesmo que, antes mesmo de lançar livros, entendia que o homem rural – ou o caboclo, o caipira, o *jeca* – necessitava de cuidados físicos e morais, ou seja, necessitava de amparo público.

⁶ TODOROV, 1992, pp. 130-1.

As dificuldades do começo levantadas pela boneca Emília, mais do que desculpas, insinuam-se no contexto deste trabalho com as suas nuances: os desafios colocados pelo processo de elaboração da escrita. Processo complicado pela multiplicidade de caminhos que podem ser tomados ao escrever sobre si (no caso da personagem Emília) e ao ler o *outro* (no caso deste trabalho, a obra de Lobato).

Nosso trabalho procura resgatar a trajetória político-cultural de Monteiro Lobato (1882-1948), procurando investigar como sua produção estética e simbólica do real influenciou *mentes e corações* e contribuiu para a formação de leitores, em especial aqueles que foram socializados entre as décadas conflituosas da Primeira e da Segunda guerras mundiais (1914-1945). Acrescentamos três anos, ou seja, até 1948, ano que marca a morte do autor estudado, permanecendo, assim, 1914 a 1948, recorte que nos permite trabalhar alguns autores, inicialmente os que se debruçaram sobre a vida e a obra lobatianas, na construção de biografias. Nossa fonte primária é, pois, toda a produção literária de Monteiro Lobato, mesmo não tendo que citar todas as obras especificamente.

1.1 Revisão de Literatura

Cavalheiro, segundo o que conseguimos pesquisar, foi o primeiro a publicar uma biografia sobre Monteiro Lobato⁷. Além de ter sido contemporâneo do escritor, ofereceu-nos pistas para começarmos a entender a personalidade controversa e apaixonada do biografado. A biografia mais recente⁸ mostra-nos o Lobato tão admirado quanto aquele captado por Cavalheiro e oferece-nos, ainda, um material tanto técnica quanto esteticamente atrativo. Entretanto, não deixamos de apreciar, com olhar crítico, a obra de um homem que praticamente conviveu com o escritor, 40 anos antes da publicação desta última.

Como um *intelectual orgânico*⁹, de profunda significação para o seu meio, bem como para gerações posteriores, pensamos em estudar um Lobato político, mesmo

⁷ CAVALHEIRO, 1955.

⁸ AZEVEDO, CAMARGOS e SACCHETTA, 1997.

⁹ GRAMSCI, 1968.

inserido na literatura com suas obras infantis, por exemplo – e por que não? Daí, por conseguinte, a nossa inquietação inicial diante da pergunta com fundo shakespeariano.¹⁰

O que estamos questionando é o que a própria historiografia nos ensinou a pensar e a repensar sobre diferentes vertentes, respeitando cada lugar e cada tempo traduzidos por um ou mais autores, como Braudel¹¹ e Smith¹². Respeitando esses contextos, dos quais necessitamos para compreender os mecanismos de atuação da obra lobatiana em gerações diferentes, começamos a enveredar pela própria História, seus caminhos, suas questões múltiplas e suas transformações ao longo de alguns *enigmas*, senão desvendados, mas problematizados. Como afirma Pesavento, em seu artigo¹³, questionando o que os pesquisadores costumam inserir como *imaginário*,

não é por acaso que o realce assumido pelo imaginário enquanto objeto de preocupação temática e investigação tenha crescido justamente no momento em que as razões cartesianas e as certezas do processo científico não se apresentam como capazes de dar conta da complexidade do real.¹⁴

De posse de semelhante descoberta, estivemos a par de muitas das obras que investiram na reflexão sobre Monteiro Lobato. Não somente sobre o ator político escolhido, mas também sobre o período histórico recortado. Seguindo nosso capítulo penúltimo – a bibliografia consultada – podemos encontrar desde autores que se puseram ideologicamente contra Monteiro Lobato, como os que abraçaram suas idéias.¹⁵ Sobre a aparente rixa entre Lobato e os modernistas, utilizamos como barômetro não somente a História da Literatura Brasileira, mas, especificamente, a história do movimento Modernista, traduzida com um certo distanciamento de Lobato na obra de Brito¹⁶ – distanciamento que muito nos beneficiou, já que os elogios são tentadores e mais freqüentes, mesmo que indiretamente.

¹⁰ No título, a questão: “Ariel vencido?”; V. SHAKESPEARE, 1957.

¹¹ BRAUDEL, 1992.

¹² SMITH, 2000.

¹³ PESAVENTO, 1995.

¹⁴ Ibid., pp. 12-13.

¹⁵ BOSI, op. cit., 1986.

¹⁶ BRITO, 1958.

Sem nos debatermos de forma exaustiva sobre questões distantes para o que realmente propomos neste trabalho, ficaremos apenas com alguns pontos sobre alguns autores. É o caso de Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Ataíde¹⁷, também contemporâneo de Lobato, que nos levou a compreender melhor o papel da literatura na primeira metade do século XX, inserindo Lobato na ala dos *independentes*.

Não poderíamos deixar de entender a obra de Monteiro Lobato sem a presença semiótica, dada a nossa inserção no universo da Comunicação Social – em especial, no Jornalismo. Barthes nos apresenta alguns recursos teóricos¹⁸ para que possamos interpretar uma série de questões e preencher algumas lacunas de frases costumeiras ou o lugar-comum do que seja símbolo, ícone, dentre outras manifestações da palavra em seu sentido representativo do contexto abordado.

No campo da literatura, pudemos apreender diversos trabalhos sobre Lobato, dentre artigos, resenhas, dissertações e teses; porém, procuramos os exemplos mais qualificativos dentro do que nos propusemos como parte da História Social das Relações Políticas. O que nos atendeu, de certa forma, foi compreender alguns autores, a exemplo de Borges¹⁹, do seu estudo sobre a oligarquia paulista, no período 1926-1932.

Além de revelar-se como uma contemporânea do segundo governo Vargas, Borges nos fez refletir sobre um período rico de indagações, do ponto de vista político-ideológico; um período, portanto, que faz parte do no nosso recorte temporal e que, ainda, nos adianta respostas sobre o papel de um dos jornais pesquisados pela autora, *O Estado de São Paulo*²⁰ - jornal que Monteiro Lobato tornou-se mais conhecido pelo meio intelectual.

Na sua tese, Campos também nos forneceu subsídios para pensar Lobato de maneira diferenciada, a partir da obra infantil²¹; entretanto, fomos encaminhados

¹⁷ ATHAYDE, 1969.

¹⁸ BARTHES, 11.^a ed., 2004; BARTHES, 11.^a ed. 2003; V. também TODOROV, 1992.

¹⁹ BORGES, 1979. Tese defendida pela PUC-SP, 1978.

²⁰ Ibid., pp. 30-46.

²¹ CAMPOS, 1986.

naturalmente para o que dizia respeito à história política, sua complexidade e suas articulações no imaginário da época. Os questionamentos do autor foram importantes para o nosso terceiro capítulo, o qual aborda, com mais ênfase, somente uma das obras de Lobato, dentro da literatura para crianças, **Memórias da Emília**.²²

Bosi, na teoria da literatura, mas enfocando também alguns pontos históricos importantes, esteve presente no nosso trabalho não somente na obra citada anteriormente. Tivemos que nos abstrair mais da teoria para partir para conjunções da história; por isso, utilizamos também **História Concisa da Literatura Brasileira e O Pré-modernismo**²³. Ainda propalado como autor *clássico* ou um dos mais respeitados nesse campo, colhemos informações e ponderadas análises em *Candido*²⁴; por outro lado, na História, precisamos entender o doutrinário intelectual de Campos²⁵, compreender a série de estudos de Carone²⁶, dentre outros.

No primeiro capítulo, procuramos refletir sobre a República, sua construção, algo sobre a sua gênese, sua problematização enquanto arcabouço político e, para a vida e obra lobatianas, uma espécie de ponto de partida. Foi pensando o *ser republicano* que Lobato se revelou um autêntico nacionalista, mas, como pareceu-lhe de hábito, questionando, indagando os *falsos nacionalistas*, bem como os *falsos profetas* políticos.

Para entendermos o Jeca Tatu – ícone do caboclo apreendido pelo olhar de Lobato – precisamos entender melhor qual a perspectiva do autor sobre ser republicano. Precisamos seguir um pouco a linha de raciocínio de Carvalho²⁷ e Leal²⁸, assim como de Queiroz²⁹; em seguida, Pang³⁰, Dellannoi³¹ e Lamounier³², por exemplo, o que nos proporcionou equilíbrio teórico para analisarmos o que Monteiro Lobato

²² LOBATO, 1948. [1936].

²³ BOSI, 1983; BOSI, 1966.

²⁴ CÂNDIDO, 1980, 6ª ed.

²⁵ CAMPOS, 1940.

²⁶ CARONE, 1991, 1976, 1972, 1977, 1980.

²⁷ CARVALHO, 1977, 1980, 1995.

²⁸ LEAL, 1978.

²⁹ QUEIROZ, 1976.

³⁰ PANG, 1979.

³¹ DELLANNOI, 1998.

³² LAMOUNIER, 1977.

queria dizer ou a sua carga metafórica sobre liberalismo, bem como sobre autoritarismo, coronelismo, mandonismo, dentre outras questões presentes nos seus artigos com fundo nacionalista. Amparados teoricamente, partimos de Carvalho³³ e analisamos as discussões de Oliveira³⁴ e Poutignat e Streiff-Fenart.³⁵ Sobre nacionalismo, em especial, buscamos também Renan³⁶ e Gellner³⁷, autores dos mais citados e compilados por estudiosos do tema. Desse modo, pudemos entender melhor o trabalho de Lima e o que pretendíamos discutir sobre as diferenças territoriais ou o que colocava o *jeca* como um *ser* diferente da zona urbana³⁸.

No segundo capítulo da dissertação, quando discorreremos sobre memória epistolar, até pensamos em coletar mais cartas trocadas com Lobato e a intelectualidade da época; porém, ficamos mais atentos à obra que mais nos revelou os ideais do escritor, **A Barca de Gleyre** – tomos I e II. Para fazer coro ao que encontramos nas cartas, bem como dentro do período proposto, Pécaut³⁹ nos fez entender como funcionaria esse gérmen de *intelectual orgânico* descoberto em Monteiro Lobato, dentro de uma perspectiva sócio-cultural aliada à história – especialmente, nessa direção, valemo-nos das informações e problematizações propostas em Fausto⁴⁰ e, sobre o Estado Novo, também em Garcia e Goulart⁴¹.

Recorremos, ainda, à análise de Dutra⁴² para substanciar o que precisaríamos entender como *imaginário*, principalmente nos anos 30, período no qual Lobato se revela mais propulsor de idéias que viriam se confrontar com o poder estatal. Ao mesmo tempo, nosso suporte na literatura foi encontrado também em Coutinho e Coelho⁴³. Durante todo o trabalho, estivemos em sintonia com Koshiyama⁴⁴, na área da Comunicação Social e, buscando sempre um paralelo com a Literatura e a

³³ CARVALHO, 1999.

³⁴ OLIVEIRA, 1990; RESENDE, 2003.

³⁵ POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 1998.

³⁶ RENAN, 2000.

³⁷ GELLNER, 1993, 2000. Ano de origem dos textos incerto. Obtivemos, apenas, o ano de publicação das coletâneas.

³⁸ LIMA, N. T., 1999.

³⁹ PÉCAUT, 1990.

⁴⁰ FAUSTO, 1972.

⁴¹ GARCIA, 1982; GOULART, 1990;

⁴² DUTRA, 1997.

⁴³ COUTINHO, 1999; COELHO, 1988.

⁴⁴ KOSHIYAMA, 1982;

História, estivemos atentos às discussões de Martins e Moisés⁴⁵, Sodré⁴⁶ e, ao mesmo tempo, de Sevcenko⁴⁷, entendendo o que seria a *missão* lobatiana e procurando investigar o panorama de uma época marcada por correntes ideológicas diversas⁴⁸.

Para entendermos a lógica econômica do Brasil da época, buscamos autores reconhecidos na área, como Furtado, Prado Jr. e, dentro desse contexto, a discussão sobre imperialismo também em Ianni⁴⁹; mas sempre amparados por Weber⁵⁰. Gomes nos ofereceu o que precisávamos para encontrar a auto-representação de Monteiro Lobato na discussão epistolar; a obra acabou nos auxiliando a estudar o problema na própria obra lobatiana, com Luca, assim como nos fez repensar a dialética do *poder* na amizade de Monteiro Lobato e Oliveira Vianna, segundo a discussão de Venâncio.⁵¹

1.2. O Inquieto Escritor

Antes, porém, de começarmos o primeiro capítulo da dissertação, será necessária uma sucinta apresentação – ou seria, na verdade, uma reapresentação? – do nosso ator político. José Renato Monteiro Lobato nasceu em Taubaté, interior de São Paulo, em 1882, numa conjuntura na qual o Brasil vivia, uma espécie de ansiedade pelo final da escravidão e pela transição da Monarquia para a República. O jovem Juca, como era conhecido no meio familiar, formou-se em Direito, sob os auspícios do avô, José Francisco Monteiro Lobato. O diploma de bacharel lhe proporcionou conhecer as cidades da região e perceber as dificuldades e os atores das *cidades mortas* – expressão, esta, que batizava uma de suas obras em 1919.

Colaborador de diversos jornais estudantis na juventude, é através destes veículos que ele vê seu nome despontar, quando, em 1914, exercendo a atividade agrícola,

⁴⁵ MARTINS, 1977, 1978; MOISÉS, 1973.

⁴⁶ SODRÉ, 1976, 1979, 1988.

⁴⁷ SEVCENKO, 1983.

⁴⁸ TRINDADE, 1979; TRINDADE, 1986; SILVA, 1966.

⁴⁹ FURTADO, 1964, 1965, 1968; PRADO JR., 1973, 1966.

⁵⁰ IANNI, 1977; WEBER, 2001.

⁵¹ GOMES, 2004; LUCA, 2004; VENÂNCIO, 2004.

como fazendeiro, envia à Seção de Queixas e Reclamações d'*O Estado de S. Paulo* o artigo **Uma velha praga**. Em 1917, promove, nesse mesmo periódico, um inquérito sobre a figura folclórica de Saci-Pererê, que se torna livro em 1918 – mesmo ano da publicação de **Urupês**. A surpreendente recepção do inquérito, publicado na gráfica do jornal, leva Lobato à segunda tentativa editorial; desta vez, pela *Revista do Brasil*, periódico do qual era proprietário.

Na década de 1920, quando trazia a público o seu primeiro livro, direcionado para as crianças, Lobato já possuía em seu currículo a publicação de outros quatro títulos: dois de contos e dois de reuniões de artigos, publicações viabilizadas pelo próprio escritor, que se tornaria também editor em 1919, com a criação da editora Monteiro Lobato & Cia.⁵²

Nesse sentido, não constitui nenhuma originalidade afirmar que Lobato desempenhou uma função crucial na construção da literatura infantil brasileira. Entretanto, partimos da hipótese de que ele, como fomentador da produção, difusão e circulação do livro, exerceu um papel fundamental na formação de um público-leitor que referendasse o estatuto desse novo gênero literário que se anunciava.

Dessa forma, a representação da produção literária de Monteiro Lobato está marcada pelo seu pragmatismo e não pode deixar de ser analisada como uma estratégia prática de garantir um público-leitor, não só no sentido utópico e futuro, mas também como consumidor concreto no momento presente da publicação dos seus textos. Acreditamos que, mais do que influência, a leitura de sua obra infantil, nas décadas de vinte, trinta e quarenta, colaborou para a construção de uma sensibilidade leitora direcionada para a moderação ou a conciliação política.

Figura polêmica, Monteiro Lobato vem, nos últimos anos, recebendo maior atenção de pesquisadores, tanto daqueles que se debruçam sobre sua vida quanto dos que visitam sua produção literária, em especial àquela produzida para o público infantil.

⁵² Depois de **Urupês** e **Saci-Pererê: resultado de um inquérito**, Lobato publicou **Problema Vital** e **Idéias de Jeca Tatu**, contendo artigos, e **Cidades Mortas** e **Negrinha**, em que reúne seus artigos e contos, além de outras obras.

O que propomos é ressignificar as metáforas e o discurso de sua obra no interior de idéias, imagens, concepções e ideologias políticas no período proposto.

Partindo da explicitação de nosso objeto, nos dedicaremos a verificar no discurso de Lobato (teórico e ficcional) e nas suas atividades práticas o seu posicionamento como formador de leitores. Já a recepção de seus livros no período estudado será analisada a partir de uma reflexão que possa sugerir um papel mediador no interior da circulação das idéias da época que vivenciou e atuou.

Dentro das especificidades do nosso trabalho, e para atender à linha de pesquisa Estado e Políticas Públicas, do Mestrado em História Social das Relações Políticas, pretendemos desdobrar algumas possibilidades encontradas no perfil do nosso ator escolhido, como: avaliar os temas e as questões candentes, a partir da correspondência de Monteiro Lobato com a intelectualidade da época; resgatar a trajetória leitora de Monteiro Lobato da infância à fase adulta; identificar as sintonias e as dessintonias entre as representações estéticas lobatianas e os discursos institucionais; e avaliar a trajetória política de Monteiro Lobato, tentando apontar a sua identificação com o universo das idéias que circulavam nas décadas de trinta e quarenta.

A plêiade de conhecimento sobre Monteiro Lobato está mais voltada à Literatura Infantil, área na qual o próprio escritor estudado se debruçou após haver sofrido com perseguições políticas, as quais obtiveram um caráter *refinado* para a teoria da História do Brasil, quando é lembrado o Lobato que investiu numa causa à sua época considerada *perdida* – a causa do petróleo.

Cabe-nos aqui, no entanto, não deixar de valorizar o homem público, o Lobato político em busca de novas fronteiras para um país ainda em crise econômica, ainda sonhando com um *paraíso* financeiro – embora já mergulhado em dívidas com bancos e instituições no exterior – e ainda desvalorizando o que havia de mais contundente em referências culturais⁵³.

⁵³ BOSI, 1983, p. 242.

Como ponto de partida para esta discussão acadêmica, o *ser político* em Monteiro Lobato pode nos despertar para entender com mais propriedade o Brasil republicano. Não menos combativo foi o Lobato que enveredou pelo universo infantil, aproveitando as lembranças da bucólica herança do seu avô paterno, o Visconde de Tremembé – a fazenda Buquira, no interior do estado de São Paulo. Num clima apropriado para o despertar imaginativo da criança, o escritor construiu seus personagens para, através deles – num exercício semiótico, mas, sobretudo, político – falar e continuar falando dos problemas enfrentados pela crise na política brasileira⁵⁴.

Seria difícil a Literatura Infantil no Brasil ter existido sem estar à sombra de Lobato – fruto de uma educação elitista e livresca, aos moldes da cultura européia. O diferencial, entretanto, foi a luta dele para solucionar – ou conceituar – o que seria brasileiro de fato e o que seria, necessariamente, *importado*. A contrapartida dessa luta é a ressonância na vida política no Brasil no início do século XX. Nessa linha, é importante resgatar o debate sobre o caráter brasileiro e as questões mais substantivas que fizeram parte da conjuntura vivenciada pelo autor e sua geração. Como Prado nos lembra: “*O progresso quantitativo da cultura cafeeira no Brasil não foi, contudo, acompanhado de igual progresso qualitativo. Continuarão sendo empregados, mais ou menos, os mesmos processos rudimentares do passado.*”⁵⁵

No trabalho de levantamento das fontes e referências da trajetória de Monteiro Lobato, não encontramos reflexões que agrupassem dois pontos que consideramos primordiais: o papel desempenhado pelo escritor para a formação de leitores no período entre guerras e as reais condições político-ideológicas da recepção da literatura infantil lobatiana.

Nessa direção, dedicaremos especial atenção ao resgate de uma análise de conjuntura entre os anos vinte e quarenta, a partir da historiografia sobre o período. Igualmente, dedicaremos particular atenção às representações da crítica literária e política, através das cartas e correspondências que Lobato estabeleceu com a intelectualidade da época. Esse nosso recorte teórico que considera o referencial e

⁵⁴ LOBATO, 1969. 22ª ed., p. 151. [1921]

⁵⁵ PRADO JR., 1973, p.227.

os pressupostos metodológicos da estética da recepção, acreditamos ser adequado, na medida em que nos permite obter um panorama sobre a maneira e as condições da produção e da recepção da obra literária no Brasil.

Outro vetor que se constituirá, enquanto fonte para o nosso trabalho, no sentido de uma análise de discurso, será a produção e as representações simbólicas que as instituições fizeram através dos seus veículos de informação: textos de jornais, editais, manifestos, proclamações, editoriais de revistas e ensaios da intelectualidade da época.

2 Olhar nacionalista: do mundo *jeco-cêntrico* ao fantástico infantil

Entre o engenho e a habilidade analítica existe uma diferença muito maior, na verdade, do que entre a fantasia e a imaginação, mas de caráter estritamente análogo. Verificar-se-á, com efeito, que os homens engenhosos são sempre fantasistas e os *verdadeiramente* imaginativos são, por sua vez, sempre analíticos.⁵⁶

Nos últimos dias de vida em São Paulo, no ano de 1948, Monteiro Lobato desfrutou de uma estranha porção da fama. O escritor era visitado constantemente, na sua morada improvisada, no primeiro andar da Editora Brasiliense, como uma espécie de instrutor ou analista político de primeira grandeza. Estamos nos referindo aos últimos dias do ano de 1947, quando Lobato regressa ao Brasil, após quase um ano na Argentina escrevendo e publicando livros destinados ao público infantil.⁵⁷

A volta ao país natal rendeu a Lobato elogios e o reconhecimento da parcela mais intelectualizada, num período ansioso pela redemocratização, climatizado pelas conseqüências do pós-guerra e, mais especificamente, pela queda do Estado Novo. Foi também em 1947 que Lobato publicou sua última obra, da chamada Literatura Geral, **Zé Brasil**, pela Editora Vitória, na capital federal.

A publicação de Zé Brasil pode ter sido um pedido de desculpas ao seu primeiro ícone criado, Jeca Tatu. Também pode ter sido um libelo favorável à remarcação de terras e à reorganização do sistema econômico brasileiro. Com esta obra, Lobato encerrou seu ciclo de contribuição para a Literatura Brasileira, que muito teve de lhe prestar homenagens póstumas.

Nosso objetivo é tentar explicitar, neste primeiro capítulo, algumas considerações sobre a atuação de Monteiro Lobato, percebendo sua forma de selar um espaço, embora com alguns prejuízos morais e financeiros, no rol de escritores e pensadores do país. Como diria Gilberto Freyre, “*a figura de Monteiro Lobato há de guardá-la*

⁵⁶ POE, 1996. 2.^a ed., p. 10.

⁵⁷ AZEVEDO, CAMARGOS e SACCHETTA, 1997.

não apenas a história literária do Brasil, mas a própria história do povo e da nacionalidade brasileira: aquela história que às vezes é escrita com sangue.”⁵⁸

Lobato prefaciou a obra **Gilberto Freyre**, de Diogo Melo de Menezes, revelando a sua admiração pelo jovem sociólogo brasileiro, como podemos conferir:

No caso de Gilberto houve olhares desconfiados. Seu livro era sociologia, jogava com toda a técnica da misteriosa ciência e com a sua estranha terminologia. A desconfiança vinha de ser tudo aquilo muito amável e límpido – ou muito caseiro. Era lá possível que na tal sociologia coubessem vatapás baianos e mais coisas gostosas? E que fosse ciência verdadeira tanto negrinho insinuado nas casas grandes, e tanta mucama a fazer cafunés nos príncipes herdeiros dos latifúndios? Nos primeiros momentos o Brasil ficou na dúvida ou no “interdito” como dizem os franceses, sem saber ao certo que gênero de literatura ou ciência era a tal *Casa Grande & Senzala*. Os críticos juravam ser ciência, mas o tom era muito alegre, sadio e pitoresco para ser ciência. Muito transitável. Nossa concepção de ciência ainda estava ligada ao ar macilento, às olheiras fundas, à magreza ascética, aos olhos cansados e exigidores de óculos fortíssimos. Ciência de verdade, só nos livros narcotizantes. Um livro de ciência tinha de atormentar o leitor já nos primeiros capítulos e leva-lo ao cemitério no fim.⁵⁹

A intensa visitação a Lobato no prédio da Brasiliense, pouco tempo antes da sua morte, então, não ocorreu de maneira isolada ou aleatória. Foi observado o envolvimento do escritor – não mais o empresário – com a causa comunista, o que abordaremos mais adiante. O que procuraremos questionar neste tópico é a primeira *aparição* de Lobato na imprensa, em 1914, ano que escolhemos para iniciar o nosso recorte histórico neste trabalho.

Queremos trabalhar inicialmente, portanto, com o fato que se traduziu como o surgimento de Monteiro Lobato como homem público, conhecido e respeitado. Martins⁶⁰ nos oferece uma definição sobre o escritor, justamente neste período. Ao abordar o nascimento do Modernismo, ensaia e insere Lobato como um dos precursores, antes mesmo dos autores mais envolvidos e conhecidos, sobretudo a partir da Semana de Arte Moderna, de 1922.

O Modernismo foi, simultaneamente, o reflexo de uma inquietação e de uma insatisfação. A vanguarda da inteligência brasileira estava evidentemente insatisfeita, em 1916, com a assustadora anemia literária que resultara do esgotamento visível do Parnasianismo e do Simbolismo. E, nesse período,

⁵⁸ FREYRE, (epígrafe), in: CAVALHEIRO, 1955.

⁵⁹ LOBATO, 1948, vol. XIII, pp. 108-109. [1946]

⁶⁰ MARTINS, 1965.

até 1921, vanguarda literária quer dizer, no Brasil, antes e acima de tudo, Monteiro Lobato.⁶¹

Embora queiramos discordar da data a qual se refere Martins para citar o artigo *Urupês* – 1915 e não 1914, como encontramos nas bibliografias – o importante é como Lobato é sugerido, ou seja, um autor que prometia incomodar os mais ortodoxos: *São de sua pena os primeiros documentos contra o “passadismo”*.⁶² Martins, define, então, **Urupês** como o primeiro *manifesto modernista* e reconhece, ainda, a fonte imediata do **Manifesto Antropófago** (1928), de Oswald de Andrade. O documento modernista seria, para Martins, *uma simples paráfrase do texto lobatiano*. No artigo **Urupês**, publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, Monteiro Lobato lançava, com a figura do Jeca Tatu, o primeiro tipo de *herói* literário, contraposto ao Peri de José de Alencar, na literatura moderna⁶³; ao mesmo tempo, soltaria a sua revolta diante dos maus tratos impingidos ao homem rural.

Todas essas questões estavam sendo trabalhadas numa campanha sanitária efervescente que se colocava contrária ao governo de Hermes da Fonseca. Em 1919, com **Idéias de Jeca Tatu**, Lobato deixou clara a sua aversão ao que chamava de *hermismo*; porém, os artigos coletados para tal obra já haviam sido publicados desde 1910, especialmente n’*A Tribuna de Santos*, passando, justamente, pelo período Hermes (1910-1914). Lobato atacou o governo do militar e se colocou a favor dos civilistas, clamando por uma sociedade *menos suja*.⁶⁴ Foi publicado na mesma obra, um artigo do período *hermista*, no qual Lobato se colocava em favor do homem rural – o caboclo, o agricultor ou como ele mesmo desenhou, o *jeca*: *A velha noção que o lavrador tem do Governo é a de um formidoso tubarão com falas de sereia e dentes de piranha*.⁶⁵

Em 1921, ao tempo em que produzia um universo lírico para as crianças em **Narizinho Arrebitado**, obra usada nas escolas primárias, atacava o Estado em seus artigos no jornal *O Estado de São Paulo* e em outros do interior e publicava a coletânea **A Onda Verde**. No artigo *O pai da guerra*, por exemplo, usando como

⁶¹ MARTINS, *ibid.*, p. 21.

⁶² *Ibid.*

⁶³ *Ibid.*, p. 23.

⁶⁴ LOBATO, 1948, vol. IV.

⁶⁵ *Ibid.*, p. 273.

ponto de partida o caso do recente conflito mundial (1914-1918), Lobato mostra-se indignado com a situação que sinalizava algo de perigoso para o Brasil.

Todas as criações do Estado são grifanhas e de utilidade unilateral. O militarismo, a burocracia, o privilégio, o fisco, a censura: - dentuças!

Mas a sua obra-prima, de uma maquiavelice infinita, é a arte de confundir-se com o povo e dar-se como organização inteligente e necessária para o povo.⁶⁶

Em *Dramas da crueldade*, o feito se repete; desta vez, atacando a República e a forma de administrá-la – desorganizada pelo homem ou pelos que foram escolhidos e apontados como administradores. Critica a historiografia oficial, que tratou Canudos de forma *diferente*, sem o olhar crítico merecido; afirma que a literatura precisa de novos Euclides da Cunha – autor que interveio pública e politicamente, *em forma de arte*. É que Lobato, não somente na obra citada, mas no decorrer da sua carreira de escritor, defende a Arte como o único mecanismo capaz de transmitir a *verdadeira* história à posteridade. Eis o que fala sobre a República.

A República, feita para uso e gozo de uma mediocracia rapinante, não resolve problemas sociais. Digere. Joga pocker. Percebe porcentagens. Não lhe sobram olhos para ver em Canudos, no Contestado, na permanência do cangaço nortista, nas agitações da Bahia, o tremendo mal-estar de uma pobre sub-raça em via de eliminação, mas capaz de muito no dia em que tiver chefes.⁶⁷

Em *Dialeto caipira*, Monteiro Lobato faz uso da sua força política, como administrador, editor, jornalista e escritor, para revelar mais uma de suas opiniões sobre o *falar* e o *escrever* brasileiros, ainda imantados do fazer português. Neste artigo, também defende a primeira gramática da *língua brasileira*, de autoria de Amadeu Amaral; cria um personagem, Brasilina, para facilitar, metaforicamente, a compreensão do público – talvez a adesão do leitor às suas idéias; e reforça a crítica à subserviência histórico-cultural do Brasil a Portugal.

O estudo único em matéria filológica que nos cumpria fazer não o fazíamos. Era esse da língua nova, a língua que ao país inteiro interessa: o estudo, o retrato fiel da Brasilina arisca que atende às necessidades de expressão dos 25 milhões de jecas que somos. Porque, estranha contradição! Falamos

⁶⁶ LOBATO, 1948, vol. V, p. 58.

⁶⁷ *Ibid.*, p. 72.

à moda de Brasilina mas escrevemos à moda de dona Manuela, por falta de coragem ou medo ao bolo da palmatória portuguesa.⁶⁸

O comportamento de Lobato em sociedade por vezes oscilava, mas, na República Velha, podemos dizer que era mais *transparente*, em favor da saúde do trabalhador rural. Para externar sua opinião, utilizava o jornalismo como arma e, por conseqüência, a literatura, ao procurar *eternizar* seus artigos.

Para Martins, era compreensível que Lobato ficasse à margem dos modernistas, já que dispunha de uma posição privilegiada de *chefe incontestável de toda a renovação literária*, não podendo, assim, *sujeitar-se à condição de epígono depois de 1922*. “Daí, muito naturalmente, o seu estranho repúdio da literatura, inexplicável para tantos e que ele próprio interpretava, anos mais tarde, como um corolário do seu desinteresse por essa atividade.”⁶⁹

O desinteresse em relação à vida jornalística, já havia chegado ao escritor e jornalista Alceu Amoroso Lima – por *Tristão de Ataíde* era conhecido literária e jornalisticamente⁷⁰. Dentro deste assunto, Alceu, respeitado como um intelectual participativo em sociedade – e que depois estaria intimamente ligado a grupos sociais católicos – revela-nos uma carta enviada por Lobato, em agosto de 1919. Antes, prepara o leitor numa discussão sobre a contraposição entre objetividade e subjetividade, afirmando que Monteiro Lobato queria lançar *a poética contra a técnica*. Ou seria *a técnica contra as letras*? Embora permanecesse uma interrogação no ar, Tristão de Ataíde, dispôs-se a historicizar a literatura brasileira, citando Lobato no rol dos insatisfeitos com o cotidiano jornalístico. Para ilustrar tal fato, utilizou uma das cartas enviadas pelo autor de **Urupês**.

Quanto à tua reiteração do convite para voltar ao jornalismo... meu caro Amoroso, nada vale a pena nesta terra. [...] ou neste mundo. Escrever, para quê? Um de mais, um de menos, no hard labour do jornalismo, nessa roda que viramos eternamente e não move coisa nenhuma [...] A maior das ilusões é a crença na força do pensamento, das idéias, da filosofia, da marcha das coisas humanas. Uma coisa só, promanada do cérebro tem força propulsora: as invenções mecânicas (sic). Todas as deblaterações de moralistas contra os ladrões, por exemplo, resultaram inúteis até aqui. Só,

⁶⁸ Ibid., p. 80.

⁶⁹ MARTINS, 1965, p. 60.

⁷⁰ Sobrenome também escrito como *Athayde*.

porém, um Edison inventar a máquina de impedir o furto, em meses estará o mundo inteiro liberto do latrocínio. Assim tudo.⁷¹

Na época em que recebeu a carta, Alceu ainda estava ligado a um cargo público federal, contando com intermediação política; ao desiludir-se com o contexto no qual estava inserido, de baixa remuneração, resolveu assumir a direção jurídica de uma fábrica de tecidos de propriedade do pai⁷². O codinome viria logo no início dos anos de 1920, no diário *O Jornal*. No ano da carta citada, Lobato, o seu interlocutor, já estava em plena ascensão na direção da *Revista do Brasil*. Porém, a vida de ambos passa por uma série de transformações, incluindo rupturas, decepções e conquistas, dentro de uma vida pública intensa.

No ano de publicação da obra citada, 1969, Lobato já havia falecido há 21 anos e Alceu já havia experimentado, por exemplo, posições em sociedade que o distanciariam ideologicamente do autor de **Urupês**. Engajado nas lutas da Igreja, participou de campanha contra a Aliança Nacional Libertadora (ANL), contra o bolchevismo, e outros movimentos de esquerda⁷³. Não podemos esquecer de certa simpatia que Lobato nutria pelos esquerdistas; em alguns momentos, vale ressaltar, foi explícita a sua admiração por Prestes. Alceu Amoroso Lima também ocupou a cadeira 40 na Academia Brasileira de Letras, agremiação que Lobato disse abominar diversas vezes, colocando-a como um ponto de encontro de intelectuais retrógrados.

Na sua coletânea crítica, Lima, que assinou como Tristão de Ataíde, deixa para Monteiro Lobato o lugar dos *independentes*, dentro da preocupação teórica em encaixar os escritores brasileiros numa porção importante do século XX. Mas, vejamos, Lobato seria independente ou teria, para Tristão, o lugar dos que detestavam rótulos, partidos, agremiações, siglas ou qualquer tipo de codificação historicista? Vamos conferir o que disse o autor:

Quanto aos independentes, como o próprio nome indica, não constituíam grupo algum. Vinham do período anterior, quando o conceito de geração ainda não havia assumido a importância que tomaria a partir de 1920. [...]

⁷¹ ATHAYDE, 1969, p. 67. O segundo ponto deste trabalho discutirá, com mais detalhes, algumas cartas de Monteiro Lobato.

⁷² MENDONÇA, 2002, p. 57-8.

⁷³ *Ibid.*, p. 58.

Era um Monteiro Lobato, que em São Paulo, desde 1918, agitava o Brasil com seus contos regionais, à margem e até hostil à *cabotinagem* modernista, como apregoava. [...] ... não por egoísmo e indiferença, mas porque não tinham vocação para grupo e seguiam sua própria trilha, como acontece quase que unanimemente nas letras norte-americanas, onde cada escritor é uma ilha...⁷⁴

No contexto epistolar lembrado por Ataíde, Lobato ainda apostava em discutir a figura do caboclo. Não foi à toa que em 1919 publicou **Idéias de Jeca Tatu**. O habitante do interior do Brasil na Primeira República foi definido de várias formas; mas foi delineado, sobretudo, segundo os parâmetros de *raça* e *natureza*, pulverizados no pensamento da elite brasileira, espécie de bússola para os anos posteriores. A concretização de uma racionalidade fincada nas tradições ou no que poderia ser respeitado como herança colonialista pôde esboçar o comportamento do homem do interior, principalmente o habitante da zona rural, ainda distante ideologicamente do conglomerado urbano – embora ainda tímido, mas em ascensão.

Todo esse ambiente traçado para os intelectuais foi necessário para a consolidação das idéias nacionalistas. De forma cíclica, e durante vários anos, essas idéias serviram para esboçar e, em seguida, fortalecer o que seria perpetuado como um conjunto de conceitos sobre a figura do caboclo, por vezes tratado como sertanejo, por vezes definido como trabalhador rural. Martins também nos auxilia a lembrar que foi a *Revista do Brasil* – em 1918, passando a ser de propriedade de Monteiro Lobato – uma espécie de bandeira do nacionalismo entre os intelectuais ou, mais especificamente, *o primeiro manifesto nacionalista do Modernismo*.⁷⁵ Júlio Mesquita, ao apresentar o seu empreendimento, em 1916, havia afirmado:

O que há por trás do título desta Revista e dos nomes que a patrocinam é uma coisa simples e imensa: o desejo, a deliberação, a vontade firme de constituir um núcleo de propaganda nacionalista. Ainda não somos uma nação que se conheça, que se estime, que se baste, ou, com mais acerto, somos uma nação que ainda não teve o ânimo de romper sozinha para a frente numa projeção vigorosa e fulgurante da sua personalidade. Vivemos desde que existimos como nação, quer no Império quer na República, sob a tutela direta ou indireta, se não política ao menos moral do estrangeiro.⁷⁶

⁷⁴ Ibid., pp. 230-1.

⁷⁵ Ibid., p. 139.

⁷⁶ Ibid., pp. 138-9.

O que poderia ser entendido como *nação*? Foi esse questionamento que provocou a classe intelectual, quase sempre em busca de horizontes que tentassem explicar essa fragmentação de valores. Podemos começar lembrando Smith, numa das definições apropriadas para as reflexões que se apresentam, ao longo dos temas propostos.

A nação é uma abstração, um constructo da imaginação; é uma comunidade que se imagina soberana e delimitada. Surge quando os reinos da Igreja e da dinastia se contraem e não mais parecem atender ao anseio de imortalidade da humanidade.⁷⁷

Smith tece, então, sua definição sob a inspiração das *comunidades imaginadas* de Anderson, na obra traduzida no Brasil como *Nação e consciência nacional*⁷⁸, embora também tenha buscado alguma semelhança com a sua definição em Renan, um dos primeiros a elaborar o conceito de nação, ainda no século XIX: *Una nación es un principio espiritual resultante de complicaciones profundas de la historia; es una familia espiritual y no un grupo determinado por la configuración del suelo.*⁷⁹ Em seguida, podemos observar o que Dellanoi define como nacionalismo, uma construção do que seria tratado como simbólico na definição anterior. Vê-se que nação e nacionalismo podem se interpenetrar, numa simbiose que daria vida a várias obras e intervenções intelectuais no período avaliado.

É antes do mais um instrumento de legitimação e de mobilização política, mas mostra-se também portador de certos elementos de salvação pessoal e coletiva. Por certos aspectos, entra em contato com o sagrado, ao contrário do que se passa com o liberalismo.⁸⁰

Estamos nos propondo a tecer algumas reflexões sobre a popularização do símbolo, dentro da idéia que se apresenta como a figura do caboclo no olhar de Monteiro Lobato durante a Primeira República (1914-1930) – especialmente sobre a construção do personagem Jeca Tatu, que teria se transformado num símbolo nacional⁸¹.

⁷⁷ SMITH, In: BALAKRISHNAN, 2000, p.199.

⁷⁸ ANDERSON, 1989.

⁷⁹ RENAN, In: FERNÁNDEZ, 2000.

⁸⁰ DELLANNOI, In: CORDELLIER, 1998, p. 34.

⁸¹ BARTHES, 2003, cap. II.

Barthes aponta como *símbolo* um dos elementos semiológicos que remetem à concepção de *ícone*. Ambos são produtos de um só elemento, que origina os outros, o *signo*. Porém, à luz de H. Wallon, Barthes divide *senal* e *índice* em contraponto a *símbolo* e *signo*. O primeiro grupo seria desprovido de representação psíquica, contrário, portanto ao primeiro. Mas o que nos cabe, neste trabalho, é o conceito de *símbolo*, que parece se aproximar mais da figura do caboclo. Barthes trata o símbolo como *representação analógica e inadequada*, já que muitas vezes ultrapassa o sentido do objeto.

O *ícone*, embora não tratado especificamente pelo semiólogo na obra citada, acontece como uma extensão do símbolo, também como espécie de junção dos significados entre si. Alguns problemas se apresentam como pontos de partida para essa reflexão, tomando como base o período no qual o pensamento do escritor é lançado na imprensa brasileira e, posteriormente, no mercado de livros⁸². Será importante pensar sobre as relações políticas do autor durante o período mencionado, além de fortalecer algumas idéias sobre o que essas mesmas relações tiveram como ponto relevante na construção de um símbolo que parece ainda sobreviver no imaginário popular, quase um século depois.

O personagem surgiu de uma inquietação que teria antecedido as discussões sobre o caráter nacionalista do país? Ou o caboclo lobateano foi fruto de problemas que já se apresentavam como participantes de um espírito nacionalista? Sob outro ângulo: o discurso nacionalista de Monteiro Lobato provocou a construção do *jeca* ou teria sido o contrário? A indolência vivida pelo caboclo teria sido sugerida por Lobato para que tipo de ligação com a indolência de parte da elite brasileira naquele momento, ainda não totalmente afinada com as idéias nacionalistas?

O primeiro tópico deste capítulo não pretende se debruçar ostensivamente sobre tais questionamentos, nem mesmo traçar puramente algo cronológico, em se tratando da vida e obra de Monteiro Lobato, ou parte da sua biografia, mas procurar entender

⁸² Mercado do qual Lobato foi precursor, inicialmente como idealizador e proprietário de uma gráfica e editora. (SODRÉ, 1979). Para todo o trabalho de dissertação foram consultadas biografias de Monteiro Lobato; dentre as quais destacam-se CAVALHEIRO, 1955; e AZEVEDO, CAMARGOS, e SACCHETTA, 1997.

essa problematização, ramificada em várias outras e que parece pontuar grande parte da atuação intelectual do escritor – atuação, esta, que seria observada como fundamental para reflexões posteriores, de intelectuais que não necessariamente foram contemporâneos do universo lobatiano.

A representação do caboclo como uma associação ao protótipo de uma raça serviu de base para pensar os problemas brasileiros, a partir da metade do século XIX. Porém, esse tipo de pensamento não era ligado ao meio científico, se tomarmos como referência o objeto sociológico em questão. Caboclo significava somente parte de um conjunto de tipos que habitavam o país naquele momento político, quando se pensava, ainda, em servir à corte portuguesa com informações sobre a colônia⁸³.

No período que antecede a oficialização do que seria denominado de República, a realização de censos demográficos munia a metrópole de dados muito mais técnicos do que indicadores da formação social. O caboclo, então, na sua gênese, seria confundido com o índio, mesmo ambos diferenciados nos traços biológicos, ao menos à primeira vista⁸⁴. O Brasil já vivia uma inquietação, no sentido de tentar estabelecer parâmetros para a formação da sua própria *alma*, dentro de um sentido mais aproximado com os problemas sociais enfrentados pelo país. A elite propunha o desligamento político de Portugal, mesmo, em alguns aspectos, sentindo necessária a luta por um modelo mais *brasileiro* sem defender especificamente um modelo racial.

O sentido nacionalista já apontava de diversas formas, como através da imprensa, por exemplo, os tipos que habitavam o país naquele período. Nos primeiros anos da República brasileira já constituída, a nacionalidade ainda necessitava de novas *zonas de contato*⁸⁵, talvez para estabelecer novos pontos de apoio nas idéias que se formavam. Ainda não havia possibilidade de questionar negativamente a herança portuguesa, mas já se conhecia um tipo mais próximo do sentido nacional, o caboclo. Diante desse novo modelo que se tornava real, sem ser caricato ou forjado

⁸³ BOSI, 1983; OLIVEIRA, 1990.

⁸⁴ OLIVEIRA, 1999.

⁸⁵ Sobre o termo *zona de contato* vale observar o trabalho de Mary Louise Pratt, principalmente se o interesse apontar para questões sociológicas, no sentido de avaliar as diferenças entre *raça* e *etnia*. (V. PRATT, 1999, cap. I)

por obras de ficção, a intelectualidade brasileira começava a esboçar o que seria suscitado no início do século XX, com o movimento higienista pelo interior do país ou pelos *sertões* brasileiros⁸⁶.

A política de recenseamento iniciada no período imperial revelou alguns aspectos de preocupação com as possibilidades de miscigenação. Oliveira⁸⁷, num dos seus estudos sobre a questão indígena, menciona como a figura do caboclo ainda era associada ao conceito de *parda* e, em alguns casos, como uma mistura entre índio e branco, talvez uma superposição *interétnica* – como forma estratégica do censo para dirimir as questões raciais já presentes em solo brasileiro.

As questões se transformariam em conflitos, os quais foram trabalhados sob outras perspectivas pela elite, preocupada em construir um discurso que promoveria uma unidade, mesmo ainda desvinculada na sua prática das questões relacionadas ao *progresso* econômico. Antes de realçar essa aparição censitária do caboclo e sua conseqüente transposição para a categoria *parda*, Pacheco de Oliveira questiona:

Ou seja, como assegurar a unidade nacional em um extenso território, com uma população altamente heterogênea em termos raciais, lingüísticos e culturais, além de fortemente estratificada em termos econômicos e políticos? Tal tarefa, iniciada pela elite agrária, hierárquica e monarquista, que se articulava em torno do projeto de criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), foi posteriormente continuada pelos jovens intelectuais republicanos, influenciados pelos ideais do positivismo.⁸⁸

A deflagração da Primeira Guerra Mundial trouxe ao Brasil uma espécie de filosofia de vigilância, no sentido de arregimentar seus bens simbólicos. Tal postura questionadora seria formadora dos princípios de uma consciência *cidadã*, mais participativa e alinhada ao que seria enfatizado pela *intelligentsia*, em busca de traços sociológicos para a afirmação da nacionalidade⁸⁹. O caboclo foi apenas um desses traços, apesar de ser observado criticamente, do ponto de vista da sua

⁸⁶ LIMA, 1999.

⁸⁷ PACHECO, 1999. Sobre o mito de origem racial, o autor cita Gilberto Freyre, deixando uma margem para se pensar sobre o mesmo mito que, anos depois, seria tratado como um traço *positivo* da nação.

⁸⁸ *Ibid.*, p. 127.

⁸⁹ A autora enfatiza na sua obra a definição de Karl Mannheim para *intelligentsia*: “grupo social cuja tarefa específica consiste em dotar uma dada sociedade de uma interpretação do mundo.” MANNHEIM, 1968. In: LIMA, 1999, p. 19-20.

morbidez ou superficialidade intelectual, preguiça, doença e incapacidade de reagir diante dos fatos políticos que o cercavam.

Diante desse quadro, em 1914, Monteiro Lobato lançou a sua opinião, deixando transparecer a sua inquietação com o tipo mais freqüente no interior do país e que seria o mais cogitado para assumir o cotidiano rural, a labuta no campo. O artigo intitulado *Uma velha praga*, publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, retratava a preocupação de Lobato como fruto do conjunto de preocupações vivenciadas por fazendeiros do Vale do Paraíba⁹⁰. Como filho da oligarquia cafeeira, o escritor não pôde esconder seu ar inconformado com as queimadas, prática comum na região compreendida entre os estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

O texto também seria visto como espécie de *vingança pessoal*, já que a Lobato era fazendeiro, proprietário da fazenda Buquira, na região de Taubaté, e se sentia vítima dos estragos provocados pelo homem do campo, isto é, pelo caboclo. No entanto, após a acolhida do primeiro artigo e a reação da maioria da classe intelectual – aparentemente compreensiva ao posicionamento de indignação sobre os maus tratos do caboclo em relação à natureza – outro artigo parecia se fazer necessário. *Urupês* viria confirmar a inquietação e, talvez mais ainda, desenhar com detalhes aquele tipo que parecia habitar o Vale do Paraíba paulista com a mesma indolência com que o fazia pelo interior do Brasil⁹¹.

Lobato, indiretamente, se irmana à causa higienista que ganharia notoriedade com médicos que viajaram os sertões brasileiros com a missão de erradicar males como ancilostomose, febre amarela, malária e o que seria conhecido como Doença de Chagas. O mal que também era conhecido na Primeira República como *a doença da preguiça* era o que mais se aproximava do desenho simbólico do caboclo, segundo o autor de **Urupês**⁹².

A construção simbólica de Jeca Tatu como uma representação dos males que afligiam o homem do campo – ou do interior do Brasil – rendeu uma campanha de

⁹⁰ LOBATO, 1969. [1918]

⁹¹ Ibid.

⁹² CAVALHEIRO, 1955; AZEVEDO, CAMARGOS e SACCHETTA, 1997.

combate a verminoses, em 1925. A amizade de Monteiro Lobato e o farmacêutico Cândido Fontoura seria fundamental nesse processo, a partir da divulgação de um produto de combate às doenças causadas por vermes, o Biotônico. A fórmula já havia sido produzida por Fontoura, mas necessitava de uma campanha de divulgação. Lobato encabeçou a proposta, criando uma espécie de história ilustrada, *Jeca Tatuzinho*, que mostrava o personagem tomando o remédio e *curando-se* das verminoses.

O conhecido *amarelão* ainda seria a doença comum na zona rural. A campanha para a venda do produto criado por Fontoura é considerada uma das mais eficientes campanhas de publicidade na Primeira República. O surgimento da imagem do caboclo pareceu impactante, a ponto de resolver entre o meio intelectual parte da necessidade de atribuir a um tipo nacional um conjunto de mazelas – que se entrecruzavam numa dramática exposição. Jeca Tatu foi o nome atribuído ao caboclo lobatiano, tratado ora como símbolo popular ora com produto de uma iconografia perpendicular ao tema central naquele período, o nacionalismo⁹³.

Segundo uma das últimas biografias de Monteiro Lobato, o nome Jeca teria sido escolhido graças a um personagem *real*, que teria ocorrido na infância do autor. Seria o nome de um filho de Dona Gertrudes, moradora de um rancho próximo à fazenda Paraíso, no Vale do Paraíba. Jeca reunia as características essenciais à construção do ícone lobatiano. O outro nome, Tatu, viria depois, quando Lobato já seria o proprietário da fazenda Buquira. O animal seria o responsável pelo estrago nas roças de milho.

Como forma de chamar atenção para o público que, porventura, ainda não houvesse despertado para a importância do tema, o caboclo foi tratado em **Urupês** como o próprio título sugere: uma espécie de fungo que se desenvolve em pedaços de madeira, em estado de putrefação. É perceptível, ainda, a preocupação estilística do autor em definir uma característica principal do personagem com certo grau de longevidade ou pelo menos com uma duração suficiente para despertar no público um sentido nacional.

O personagem não seria, então, adaptável ao enredo de um conto, por exemplo. A intenção cotidiana de se aproximar da imagem idealizada, ao mesmo tempo posta à prova do leitor, seria justamente a de ser tão acessível quanto ao gênero trabalhado, o artigo, para um jornal que se comportava como o eco da angústia oligárquica paulista. Talvez uma angústia em não se fazer ouvida a contento ou em não definir um retorno político-econômico a longo prazo.

Na medida em que a cultura do imediato após-guerra refletia o aprofundamento de um filão nacionalista, o criador do Jeca mantinha bravamente a vanguarda; com efeito, depois de Euclides e Lima Barreto, ninguém melhor do que ele soube apontar as mazelas físicas, sociais e mentais do Brasil oligárquico da I República, que se arrastava por detrás de uma fachada acadêmica e parnasiana.⁹⁴

Apesar de fazer parte da *classe* dos fazendeiros, Monteiro Lobato parecia se diferenciar, em virtude de uma estética marcada por uma formação intelectual que versava pelos mais diferentes níveis, em se tratando, principalmente, de Literatura, Filosofia e Política. A miscelânea favoreceu ao assento das idéias de cunho nacionalista que provocavam os intelectuais da América Latina, apesar de poucos assumirem um confronto argumentativo com a força do totalitarismo norte-americano que já se anunciava⁹⁵.

Em **Urupês**, podemos conhecer um Lobato ainda recém-chegado ao público maior, tanto de qualidade quanto em quantidade de leitores, incluindo os formadores de opinião. O *caboclisto* denunciado por Lobato não se reportava a uma questão ou a um conflito de origem racial. Isto teria sido ligeiramente traçado pela corrente de higienistas, guiada por alguns nomes como os médicos Belisário Penna e Arthur Neiva⁹⁶, em expedições pelo interior do país, numa outra perspectiva – não a de desenhar uma iconografia, mas de procurar aplicar a ciência ao caos *redescoberto*.

Teria sido Neiva quem sugeriu o título da obra a Lobato, quatro anos depois, após a compilação de dez contos – tratados como *trágicos* pelo próprio autor. Os artigos *Uma velha praga* e *Urupês* fechavam a edição, pela gráfica e editora Monteiro Lobato & Cia. A obra, que também teria ilustrações de Lobato, seria considerada por

⁹³ Ibid, p. 58.

⁹⁴ BOSI, 1966, p. 67.

⁹⁵ GELLNER, 1993.

críticos como o ponto inicial modernista da Literatura Brasileira⁹⁷, embora, anos depois, o autor tenha repudiado tal classificação, talvez por ter rompido com o grupo de Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Anita Malfatti e outros ligados à Semana de 1922.

Nos últimos quinze anos da Primeira República, o saneamento, envolvendo a vontade de resgatar do abandono o homem do sertão – numa linha que começa com Euclides da Cunha – marcou uma ação reformista presente na formulação de uma política de saúde pública para o Brasil. A saúde pública como base para a construção da nacionalidade permitiu que fosse abandonada a tese da inferioridade racial do brasileiro.⁹⁸

Tal *redescoberta* também surgiria, talvez, como um resultado de um conjunto de inquietações que buscavam enxergar um novo país, ainda não enxergado pela República. É o que trata Nísia Trindade Lima em sua análise sobre as diferenças entre sertão e litoral, ao estudar dados relevantes sobre os médicos sanitários – antes conhecidos como higienistas – que lideravam uma política de saneamento, tratando a saúde pública como uma forma eficiente em descobrir um outro Brasil e, especialmente, um outro brasileiro, que vivia doente, apático e alheio ao seu próprio futuro político⁹⁹.

Outros nomes, como Roquette Pinto, foram importantes para tratar os problemas do homem do campo, não necessariamente chamado de caboclo, mas dentro de uma abordagem sócio-educativa, e muito mais antropológica, com o objetivo de sedimentar uma imagem que já não era mais novidade, mas um prolongamento de uma preocupação que já havia sido retratada no sertanejo euclidiano¹⁰⁰ e, sob outro ângulo, pelo indígena com as expedições de Rondon.¹⁰¹

⁹⁶ CAVALHEIRO, op. cit., 1955.

⁹⁷ MARTINS, op. cit.

⁹⁸ O trabalho de Lúcia Lippi Oliveira (1990, p.146) é resultado de sua tese de doutorado em Ciências Sociais, pela Universidade de São Paulo, em 1986. O trecho mencionado faz parte do capítulo **O nacionalismo militante**, no qual a autora traça alguns paralelos entre o período histórico e os atores envolvidos com a causa nacionalista, principalmente sobre *saúde e educação*.

⁹⁹ A obra de Nísia Trindade Lima é resultado da sua tese de doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Cândido Mendes (UCAM). A publicação é uma co-edição da UCAM com o Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ) e editora Revan (1999). Vale observar como a autora procura diferenciar sociologicamente *sertão* e *litoral* e como a figura do caboclo se faz presente nesta diferenciação. **O país de Jeca Tatu** é o título do quinto capítulo.

¹⁰⁰ CUNHA, 1966. [1902]

¹⁰¹ TACCA, 2001.

A construção simbólica de Jeca Tatu parece ter acontecido um tanto inspirada por essas fontes, acima citadas. A maioria, de uma forma ou de outra, em épocas diferenciadas, mas encravadas nos conflitos da Primeira República, os quais poderiam convergir para uma preocupação nacionalista¹⁰². Por outro lado, as fontes poderiam questionar os mesmos princípios democráticos que fariam o autor reagir, principalmente ganhar voz na ação política, diante de um quadro que não seria resolvido, mas tomaria outras feições.

Em 1919, a imagem do caboclo seria lembrada no discurso de Rui Barbosa, no Teatro Lírico do Rio de Janeiro. O discurso serviria também de tema para uma das edições da revista *O Malho*, na qual apresenta Rui como um *descobridor* político, num navio prestes a aportar nas terras vigiadas pelo caboclo, sob o olhar do desenhista J. Carlos. No seu discurso, Rui Barbosa diria que Jeca *é o mais fiel, completo e rigoroso retrato que de um tipo jamais se fez* e concordaria com Lobato, tratando o caboclo como *piolho da terra, preguiçoso, vadio, feio, sujo, regularmente bronco, poço de superstições [...]*.¹⁰³

O curioso em **Urupês** é também uma preparação para outro aspecto que viria a ser conhecido em Lobato, no que diz respeito à luta pela formação de uma geração de leitores.¹⁰⁴ A crítica lobatiana – por vezes bem humorada com cores de ironia – revelou, mesmo ainda indiretamente, um intelectual que pensava o futuro do povo brasileiro, pulverizado no tipo tão enfatizado, o caboclo. A ignorância de Jeca frente à própria saúde revelava, quase que de imediato, a explicação para a sua doença, característica mais pungente da sua resignação, associada à sua atitude predatória diante da natureza.

A obra publicada em 1918 fez o país conhecer um escritor um tanto pessimista, porém, criativo e realista com os finais dos seus dez contos trágicos, que percorrem a maior parte do volume. É na tragicidade dos contos que a verve estilística do autor vai sendo exibida, como resultado de sua produção ainda estudantil, no jornal *O Minarete*, com circulação resumida à Faculdade de Direito de São Paulo e, depois,

¹⁰² CAVALHEIRO, 1955; SODRÉ, 1979; AZEVEDO, CAMARGOS e SACCHETTA, 1997; LIMA, 1999.

¹⁰³ Ibid.

¹⁰⁴ COUTINHO, op. cit., 1999.

na cidade de Pindamonhangaba. Lobato seria um agente político prestes a entrar em ebulição. Sua preferência ao trágico, revestido de um aparato mortífero, soturno ou gótico na narrativa teria indiretamente uma ligação com a sua aproximação com idéias pouco esperançosas, diante do que ele poderia conceber como nação – termo ainda não sedimentado naquele período.

Diversos temas são retratados com argúcia nessa busca pela relativização do trágico: empreguismo, decadência social, alcoolismo, disputas familiares, solidão no campo, traição, patrimonialismo, patriarcalismo, desprezo das autoridades, exploração trabalhista, coronelismo, necrofilia, morbidez, perigo e remorso. Aos poucos, em cada conto, a figura do caboclo é lembrada indiretamente, se avaliarmos os cenários construídos para que personagens – a maioria vivendo na zona rural, em locais ermos ou marginalizados da vida urbana – estabelecessem diálogos que quase sempre desembocariam em fatalidades.

Anos depois, o pós-guerra faria o caboclo ser reconhecido por outros intelectuais – homens das letras, de alguma forma, debruçados sobre questões e aspectos nacionais.

Não é preciso estender a generalidade do tipo a todo brasileiro, porém Jeca conservador das velhas tradições, Jeca nômade, desconfiado levando incêndio a uma floresta para destocar meio palmo de mato. Jeca usando da prodigiosa fecundidade da terra como refúgio natural à sua indolência, existe, magina, e é nosso contemporâneo.¹⁰⁵

É em **Idéias de Jeca Tatu** (1919) que Monteiro Lobato começa a delimitar a sua inquietação frente a uma inquietação maior, nacional, que parecia se configurar em outros modelos e em outras produções, até mesmo de caráter científico. No prefácio da obra¹⁰⁶, o autor logo avisa que se o caboclo *pensasse* produziria tais idéias, que avançam ao longo dos artigos, alguns publicados no jornal *A Tribuna de Santos*.

A preocupação com a Arte foi tratada praticamente em toda a obra; em alguns artigos, indiretamente, talvez com a intenção de despertar no leitor um sentido nacionalista que se aproximasse de uma produção artística reconhecida como

¹⁰⁵ CASCUDO, 1920, In: LIMA, N. T., 1999, p.139-140.

¹⁰⁶ LOBATO, 1948, vol. IV.

brasileira. É em **Idéias de Jeca Tatu** que encontramos um Lobato exteriorizando suas próprias idéias, sem necessariamente dar voz ao caboclo. São contundentes as críticas ao Estado, tratado como um *monstro de truculência e onipotência* ou *chocadeira artificial das vocações artísticas*; a Soberania Nacional como *doente*; o Instituto Histórico e Geográfico como *múmia que ressona beatificamente*; o militarismo com suas *incompreensões e brutalidades*; São Paulo como pólo de um *carnaval arquitetônico, sem identidade* e a exposição de Anita Malfatti sob a dúvida *paranóia ou mistificação?*.

E faz uma série de alertas ou sugestões, como: *o artista cresce à medida que se nacionaliza*; Euclides que *revelou-nos a nós mesmos*; Pedro Américo como *o grande entre os grandes*; as idéias nitzcheanas¹⁰⁷ com a defesa da concepção biológica e social do *eterno retorno* e a filosofia *libertadora*; Bonifácio como *o vulto máximo da nossa história*; a sobrevivência espiritual como *um fato*; a poesia de Catulo como *a mais harmoniosa das molduras*; a Argentina *heróica de Sarmiento* e como *civilização integral*; a prova de que *o saci existe*; e uma ironia ao seu próprio modo de pensar: *O que nos salva é ser o país analfabeto*.

A associação ao *jeca* surge com mais força no artigo *A paisagem brasileira*, no qual o autor afirma que *o Brasil ainda é o caboclo, empunhando o machado e o facho incendiado na luta, arca por arca, contra a hispidez envolvente para que nas clareiras entreabertas tome assento a civilização*.¹⁰⁸

A admiração de Lobato por Nietzsche também está presente em vários artigos. Outros nomes, tratados como referências importantes aos temas trabalhados, aparecem na obra, como Platão, Balzac, Thomas Morus, H. G. Wells, Camilo Castelo Branco, José de Alencar e Olavo Bilac. Num dos artigos, *O Saci*, Lobato realiza uma espécie de prestação de contas aos participantes do **Inquérito sobre o Saci Pererê**, que havia sido realizado em 1917, na edição vespertina d' *O Estadinho*. O inquérito surgiu na imprensa, antes mesmo de **Urupês**, mas alguns autores não o consideraram como o início da obra lobatiana.

¹⁰⁷ Ibid. CAVALHEIRO, 1955; BOSI, 1966, 1983; AZEVEDO, CAMARGOS e SACCHETTA, 1997.

¹⁰⁸ Ibid, p. 58.

Sob outro aspecto, essa intenção nacionalista se fazia notar em produções literárias, mas com um sentido de valorização das ações políticas. *Rondônia*, de Roquette Pinto, é um exemplo, que pode ser encaixado no mesmo rol de preocupações solucionadas em parte por essas ações políticas. Lobato trata a obra como um produto pictórico das montanhas de Mato Grosso, o lugar mencionado para Rondônia, em homenagem a Cândido Rondon.

O nome de Cândido Rondon merece o respeito devido aos heróis da paz. Sua vida é lição de civismo e energia. Sua obra espanta. E espanta sobretudo porque significa cumprimento de dever. Progredimos tanto em matéria de ética, que cumprir o dever já espanta!¹⁰⁹

Lobato não se deixa esquecer do caboclo – é ele quem seria uma espécie de coautor para as idéias apresentadas. Porém, surge o homem do sertão, lembrado na efervescência da descoberta do indígena no interior do Brasil¹¹⁰, pela expedição de Rondon e, em seguida, a análise antropológica de Roquette Pinto. A rusticidade do homem parece despertar em Lobato um outro quadro para o homem do campo, mas um outro homem do interior; neste caso, o índio, que já teria sido associado, em termos raciais, ao caboclo.¹¹¹ Há, ainda, em Lobato, especialmente no artigo *Os sertões de Mato Grosso*¹¹², a descrição da satisfação em assistir ao que ele tratou como “fita Rondon” – o que seria uma das produções do *sertanista* pelo interior do país¹¹³.

Vale ressaltar, ainda, a admiração de Lobato pelas novas tecnologias ou as novas descobertas da ciência que estavam chegando ao Brasil. Em *Idéias de Jeca Tatu*, o cinema e o rádio-motor são exemplos disso; o primeiro, como espécie de coadjuvante à admiração por Rondon e o segundo, como perspectiva para o advento da economia do país. Mas é em *Rondônia* que essa satisfação parece se expressar com mais força, também por condensar dois personagens – que parecem marcantes para o ideal nacionalista lobatiano.

Rondon teve a felicidade de gozar a visão retrospectiva dum período segregado de nós por uma camada de séculos orçada por milheiros. Viu o

¹⁰⁹ LOBATO, 1948, vol. IV, p. 145.

¹¹⁰ LIMA, 1999; TACCA, 2001.

¹¹¹ OLIVEIRA, 1999.

¹¹² Op. cit., p.119-223.

¹¹³ Ibid.

que ninguém jamais vira. A cena em que Roquette Pinto descreve o lance vale pela mais bela página do romance antropológico.¹¹⁴

A admiração do autor, ainda com um estilo diferenciado, com parágrafos curtos, lembrando a construção de um poema, parece se mover mais a favor da obra pictórica do que em relação ao próprio objeto retratado. Não nos cabe, aqui, uma avaliação de Lobato diante da condição do índio na Primeira República. Mas parece importante o recorte que ele mesmo realiza na sua obra diante de outro quadro que retrata uma das características do povo brasileiro, sem se distanciar do caboclo.

Também não parece necessário o aprofundamento sobre a criação de Zé Brasil, em 1947, um ano antes da morte do autor. O personagem aparece como um pedido de desculpas ao caboclo, tratado, então, como um trabalhador sem terra à procura de melhores condições para sua família. Apesar de Zé Brasil ter surgido com uma certa respeitabilidade perante o público e revelando uma certa simpatia de Lobato às idéias comunistas sobre *melhor distribuição fundiária*¹¹⁵, a imagem de Jeca Tatu pareceu mais forte, sobretudo no sentido popular. Talvez tão forte a ponto de permanecer, durante vários anos, como símbolo de um conjunto de situações que aparecem ainda como entraves às soluções políticas. Ao lado do caboclo, marasmo, preguiça, doença a resignação. Na outra ponta da hierarquia, aparentes soluções – marcadas por abandono e negligência.

A República Velha foi marcada por conflitos de ordem social e política, mas que solidificaram o que viria com a Revolução de 30. Os recursos intelectuais encontrados pela maioria dos porta-vozes de posições políticas era, sobretudo, a imprensa. Economicamente, o Brasil ecoava praticamente os mesmos pleitos, em cima de prerrogativas semelhantes aos seus vizinhos.

Estamos nos propondo a tecer algumas reflexões sobre a participação política de Monteiro Lobato também na República Velha, sobretudo na construção de um discurso conservador, autoritário e – em alguns casos – *utópico* sobre o país. Não é de se estagnar a semelhança da literatura de ficção de Lobato com os seus artigos em jornais ou em suas cartas com intelectuais da época. Foi nesse período, ou seja,

¹¹⁴ Ibid, p. 148-9.

¹¹⁵ AZEVEDO, CAMARGO e SACCHETTA, 1997; LIMA, 1999.

durante a Primeira República, que Lobato iniciou sua vida de fazendeiro, escritor, jornalista e uma espécie de ponte entre o Estado e a elite, a qual pertencia desde o seu nascimento, em 1882.

Como fazendeiro, Lobato descortinou a imagem de um caboclo que parecia distante, não somente com a construção simbólica de Jeca Tatu, mas, no aprimoramento – com um certo rigor irônico – a forma de fazer chegar sua opinião aos poderes constituídos ou aos poderes que, subterraneamente, se infiltravam na história política brasileira. O Estado, na escritura de Lobato, ganhava tez animalésca.

O verbo *macaquear* parecia o preferido do autor, tanto no que chamava de Literatura Geral tanto no que determinava como Literatura Infantil. A figura do Estado, ora aparecia como um *monstro*, ora como um bicho indomável, ora como um labirinto¹¹⁶. Esse feixe de signos, de uma forma ou de outra, isto é, atenciosa ou displicentemente, foi formando um núcleo de leitores. A República Velha serviu não somente para constituir esse núcleo, mas para codificar esses mesmos leitores como *aliados*, *inimigos* ou alvos de inquietação.

Em 1927, Lobato produziria **Mr. Slang e o Brasil**, um encontro inusitado inicialmente conhecido pelo público do diário carioca *O Jornal*. Somente em 1948, a editora Brasiliense, ao compilar as *obras completas*, publicou a segunda edição da obra, no volume VIII da série. Talvez não possamos retratar a obra neste trabalho, como um conjunto de artigos, já que os dois personagens se repetem com freqüência nos colóquios.

O encontro acontece com um inglês, filósofo e morador da Tijuca, e um *homem comum* durante partidas de xadrez que parecem infundáveis. O tom opinativo, sério, bem-humorado e um tanto ficcional, dá-nos a impressão de **Mr. Slang e o Brasil** estar mais próximo à categoria volátil da crônica, ou seja, a um corpo narrativo situado entre Literatura e Jornalismo.¹¹⁷ Um dos *conselhos* do filósofo ao *homem*

¹¹⁶ Ibid.

¹¹⁷ O terreno um tanto sinuoso e controverso da crônica é discutido em, por exemplo: MOISÉS, Massaud., 1982; SÁ, Jorge de, 1997; MOURA, I. C. L., 1999.

comum, durante o jogo de xadrez, vale a pena ser reproduzido, a título de exemplificação:

Parece-me que esses políticos não se sustentam na sociedade com o apoio das pedras, das árvores, do ar, das coisas, em suma, e sim das pessoas – cujo conjunto tem o nome de povo. Não negue evidências. Este negar evidências tem sido a causa real de não conseguirem vocês uma só solução acertada para todos os problemas nacionais. Tudo por aqui é emergência, isto é, solução pessoal, ocasional, momentânea, provisória. Sempre o horror à marcha de frente, ao leal estudo da situação de fato. Aponte-me uma solução definitiva, uma só, acertada e justa, de quantas o país vem tentando, e eu não comerei este seu bispo que imprudentemente acaba de colocar-se sob o meu cavalo.¹¹⁸

Quanto aos poderes informais, mas nítidos para a sociedade, o escritor condenou uma das formas mais utilizadas no período relatado, o coronelismo, lembrado por sua forma peculiar em hierarquizar o poder. Como ressalta Queiroz:

Existiram, então, no Brasil coronéis de vários graus, desde o pequeno coronel não dominando senão uns 200 eleitores, até o grande coronel, o mandão nacional sobrepujando vários outros níveis de coronéis. A quantidade de graus da estrutura coronelística variou sempre de região para região, de zona para zona.¹¹⁹

Talvez seja curioso se pensarmos sobre um ranço *lobateano* frente a essa vertente social, em contraponto com a própria origem do escritor – não como filho de coronéis, mas como porta-voz de uma elite enraizada no poder do Estado, de forma semelhante, autoritária e conservadora. Qual seria a diferença que acabava por fazer o autor demarcar sua posição no terreno contrário a essa forma de *governar* nos bastidores do poder oficial?

Alguns autores discutem o coronelismo como um apêndice do mandonismo; ou este como o que mais se aproximaria da lei dos coronéis. Carvalho, em alguns aspectos, tomando como *clássico* o conceito de Leal¹²⁰ e como apropriada para a discussão a análise de Pang¹²¹, tratou de definir o termo sob outro olhar:

O mandonismo talvez seja o conceito que mais se aproxime do de caciquismo na literatura hispano-americana. Refere-se à existência local de estruturas oligárquicas e personalizadas de poder. O mandão, o potentado,

¹¹⁸ LOBATO, 1948, vol. 8, p. 11.

¹¹⁹ 1976, p. 171.

¹²⁰ 1978, pp.22-23.

¹²¹ 1979, pp. 47-50.

o chefe, ou mesmo o coronel como indivíduo, é aquele que, em função do controle de algum recurso estratégico, em geral a posse da terra, exerce sobre a população um domínio pessoal e arbitrário que a impede de ter livre acesso ao mercado e à sociedade política. O mandonismo não é um sistema, é uma característica da política tradicional. Existe desde o início da colonização e ainda sobrevive hoje em regiões isoladas. A tendência é que desapareça completamente, à medida que os direitos civis e políticos alcancem todos os cidadãos. A história do mandonismo confunde-se com a história da formação da cidadania.¹²²

Lobato deixou clara a sua postura conservadora nas histórias infantis, em pelo menos dois momentos: como divulgador de fábulas que já haviam sido recontadas e, portanto, já finalizavam como uma *moral* a ser seguida, quanto como articulador de uma *moral* que daria somente bons frutos num futuro mais distante, talvez na segunda metade do século XX. Como autoritário, o autor se diferenciou de muitos da sua estirpe intelectual e política da época, seguindo uma trilha difusa, que na ficção utilizava a atmosfera do *realismo fantástico* ou de uma tênue ironia mesclada à comicidade que pareceu típica ao mundo lobatiano.

A veia cômica não escondia seu lado utópico, indício da diferenciação de Lobato dentre os demais intelectuais conservadores e autoritários nas profissões que seguiam. O jornalismo seria uma das formas de demonstrar em que ponto estavam os intelectuais situados no cenário político, já que a maioria se utilizava dos jornais para tal finalidade. Não o jornalismo, em si, como puramente o meio de circulação de informações, mas como um poder nítido, absorvido pela sociedade, que o entendia como um centro a quem se devia obedecer. O mito da crença se fazia entender pela forma argumentativa de Lobato, por exemplo, como se tentasse provar ao leitor a sua veracidade ou a sua capacidade investigativa – quem sabe, sua propriedade em *pensar* as questões sociais, econômicas, culturais e, sobretudo, políticas.

Na América Latina, como um todo, estavam sendo arquitetados, ideologicamente, nas primeiras décadas do século XX, os mecanismos de subserviência aos países mais desenvolvidos. Os Estados Unidos eram o foco de uma construção imperialista, que na década de 20 absorvia, progressivamente, os recursos minerais de países como Venezuela, Peru, Chile e Argentina.¹²³

¹²² CARVALHO, 1995, pp. 3-4.

¹²³ IANNI, 1976.

O Brasil estaria em contraposição a esse cenário, que se amalgamava com os interesses de empresas caracterizadas como trustes, cujos representantes se infiltravam na política econômica dos países explorados. Uma forma de contestar essa exploração, que, de certa forma, chegariam ao Brasil, como uma proposta ao governo federal de usufruir de uma porcentagem do recurso mineral mais cobiçado, ainda no século XXI: o petróleo.

A característica de *visionário* em Lobato estaria não somente no foco de exploração interna do petróleo e do ferro, também outro recurso mineral defendido por Lobato. O escritor, na década de 20, já havia fundado a sua empresa, a Monteiro Lobato Gráfica e Editora. Mesmo colaborando na imprensa paulista e fluminense, Lobato continuava mantendo suas correspondências com um dos seus melhores amigos da época da Faculdade de Direito de São Paulo: Godofredo Rangel, que desempenhava a função de juiz de Direito no interior do Estado de Minas Gerais. Através das cartas, Monteiro Lobato revelava ao seu amigo o teor da luta pelos dois recursos minerais mais importantes nos Estados Unidos – importantes a ponto de construírem uma rede de *trustes*, na avaliação do escritor¹²⁴.

O embate parecia pessoal, ou seja, do próprio Lobato, não da sociedade brasileira e muito menos do poder público, que se via diante de um aprimoramento industrial. Desde a publicação de **Urupês** (1918), Lobato se caracterizou como empresário, editor e escritor, mas não sem antes deixar clara a sua postura de intelectual preocupado em *pensar* a sociedade.

Na sua primeira obra, composta por dez contos e dois artigos, Lobato, mesmo se mostrando indiferente a tal postura, revelava a sua aproximação com o jornal diário *O Estado de São Paulo*, o que, por sua vez, era formado por outros intelectuais ligados à oligarquia cafeeira paulista.¹²⁵ Borges, especificamente entre os períodos de 1926 a 1932, deixa-nos perceber que os jornais escolhidos se propunham como representantes de determinados partidos políticos; entretanto, comportavam-se como facções dos mesmos interesses – os oligárquicos, os demarcadores de territórios familiares e agregações de força político-econômica.

¹²⁴ LOBATO, 1948. [1944]

¹²⁵ BORGES, 1979.

Segundo a autora, para a qual fazemos algum eco nas nossas indagações, *O Estado de São Paulo* apresentava-se como um órgão *independente*, mas com uma semelhança doutrinária ao *Diário Nacional*, órgão instituído pelo Partido Democrático, com *tendências modernizantes*. Por outro lado, apresentava-se ao público o *Correio Paulistano*, porta-voz do Partido Republicano Paulista, aglomerado político situacionista durante a Primeira República.¹²⁶ Os outros dois jornais citados eram interpretados como *opositores*. A autora se sustentou, para iniciar a sua pesquisa, em algo que nos convém para explicitar alguns pontos.

O ano de 1926 selou a liderança de Vargas na bancada gaúcha da Câmara Federal; logo após, Washington Luís é eleito e o escolhe para Ministro da Fazenda. No mesmo ano, Monteiro Lobato é nomeado pelo presidente como adido comercial, representando o país nos Estados Unidos e mudando-se para Nova York, cidade que o fez enxergar, ainda que distantemente, *um outro* Brasil. É o mesmo ano de publicação do seu único romance direcionado para adultos, **O Presidente Negro ou O Choque das Raças**, que propõe um conflito entre negros e brancos e a suposta vitória da raça negra numa eleição.

A autora também nos propõe finalizar a sua análise no ano de 1932, ano no qual é formada a Frente Única Paulista com o Partido Democrático e o Partido Republicano Paulista, exatamente a proposta de união da oligarquia paulista. No ano citado, Lobato, que já havia voltado ao Brasil no ano anterior, estava em plena campanha pela exploração de recursos naturais do país. Havia publicado mais uma obra polêmica, **Ferro** (1931), pela Companhia Editora Nacional, e outra, não tanto polemizadora, **América** (1932), mas com um conjunto de confabulações e impressões sobre o que o Brasil ainda estava distante de obter como riqueza; havia assistido aos bombardeios dentro da luta Constitucionalista em São Paulo; e, para as crianças, estava em franca evolução com **Novas Reinações de Narizinho** – ou seja, o sucesso da obra reeditado – e **Viagem ao Céu**.

Na caracterização da oligarquia paulista é preciso partir, portanto, de dois pontos bem claros: a importância da classe agro-exportadora, estruturando o Estado segundo suas necessidades, no plano interno, e sua inserção no plano externo, de forma dependente, na divisão internacional do trabalho.

¹²⁶ Ibid., pp. 14-15.

Dentro dessa classe dominante, as forças sociais são formadas pelas diversas oligarquias regionais, entre as quais a oligarquia paulista exerce uma função dominante a partir de sua aliança com a oligarquia mineira (a chamada “política do café-com-leite”).¹²⁷

A República oligárquica¹²⁸, definida, a princípio, como a ação de uma minoria dominante politicamente, foi verificada por alguns autores como a simbologia da solidificação desse mesmo momento histórico e político¹²⁹. *Embora a política dos governadores coloque o coronel no centro da arena política, isso não significa que o poder do Estado seja fraco* – afirmou Resende, no seu ensaio sobre o tema, lembrando que, *na realidade, o processo que se desenvolve denota o fortalecimento do poder do Estado nacional*¹³⁰. Nesse contexto – e de certa forma observando o relevo do Estado desde a estratégica *política dos governadores* – a intelectualidade começava também a se definir perante o quadro de valorização de lideranças ou chefes locais, ou seja, as oligarquias estaduais e os coronéis nos municípios.

Somente em 1925, Monteiro Lobato, após a queda de vendas dos livros, declara falência da sua editora e se muda para a capital do país. Esse decréscimo teria sido, em parte, provocado pela contenção de papel destinado à impressão de livros¹³¹. No ano seguinte, Lobato migra para Nova York e de volta ao Brasil, em 1931, com seu ideal *petróleo e ferro* mais consolidado. As cartas podem indicar um discurso nacionalista em Monteiro Lobato, mas não sem antes evidenciar que a intenção do escritor era mesmo *ficar rico*. O ataque do escritor através de artigos de jornais, posteriormente coletados em livros, seria direcionado aos *trustes*¹³², o que poderíamos codificar como uma denúncia ao *clientelismo*.

A função de Lobato como adido comercial nos Estados Unidos serviu, de certa forma, para consolidar essa motivação, incluindo o deslumbramento de Lobato com a sociedade norte-americana. O modelo de sociedade capitalista, que parecia não sofrer com problemas de ordem cultural, racial ou étnica, e viver numa suposta plenitude financeira ou material. Lobato parecia não lembrar, no entanto, que aplicar

¹²⁷ Ibid., p. 20.

¹²⁸ RESENDE, 2003, pp. 112-119; PANG, 1979, pp. 39-40.

¹²⁹ RESENDE, In: FERREIRA et alii., 2003, p. 119.

¹³⁰ Ibid.

¹³¹ KOSHIYAMA, 1982.

os conceitos de uma república capitalista e imperialista num país com situações políticas quase que diametralmente diferentes, seria inviável naquele momento.

As situações políticas faziam frente aos sinais deixados por rebeliões anteriores, como o levante no Forte de Copacabana e a Semana de Arte Moderna em São Paulo, em 1922. Dois anos depois, as rebeliões tenentistas dão a tônica do discurso do governo Artur Bernardes até 1926. Nem a Semana de Arte Moderna, tampouco o Manifesto Pau-Brasil e muito menos a Revista de Antropofagia, atraíram Monteiro Lobato¹³³. Pelo contrário: o período em questão revelava um escritor preocupado muito mais com um país livre economicamente para explorar os próprios recursos naturais.

Mas Lobato talvez não atentasse para algo imbricado nesse *ideal econômico*: a política da República Velha, que não foi rompida instantaneamente após Revolução de 30. Era essa política que, inclusive, passava pela atuação de Getúlio Vargas (1937-45), e provocava o furor estilístico de Lobato. Para ele, o Estado era o vilão de um *faroeste* político e cultural, que proporcionava um terreno fértil de conchavos para clientes e coronéis. Desde **Urupês**, Lobato denunciava, estilisticamente com contos ou artigos, as *macaquices* do Estado¹³⁴. Mas a carreira lobateana parecia querer se aventurar por outro gênero literário, o romance.

Mesmo morando nos Estados Unidos, Lobato havia lançado no Brasil, pela Companhia Editora Nacional, em 1925, **O Presidente Negro ou O Choque das Raças**; talvez mais como uma provocação do que como forma de se expressar estilisticamente.¹³⁵ Sete anos depois de expressar sua admiração pela imagem, ao tecer elogios a Candido Rondon, Lobato produziria seu único romance. Na obra, o tratamento que o autor empresta ao rádio-motor pode se aproximar do que atualmente conhecemos como um conjunto de fibras óticas, matéria-prima da internet. Com o *porviroscópio*, instrumento de previsão de um futuro até 2228, Lobato revela a sua aproximação com autores como H. G. Wells e Julio Verne,

¹³² LOBATO, 1948, vol. VII.

¹³³ V. primeiro capítulo deste trabalho.

¹³⁴ LOBATO, 1948, vol. IV.

¹³⁵ Op. cit.

criando uma espécie de situação extrema na sua vida literária até então: de um lado, a morosidade do Jeca e do outro, o advento tecnológico.

Caso pensássemos somente em analisar um dos elementos construídos pelo autor, não deixaríamos de entender, a priori, que o *porviroscópio* seria um recurso estilístico em todo o espectro da obra; entretanto, não parece suficiente para explicitar as mazelas sócio-culturais travadas pelos personagens. Parece-nos precipitado afirmar que tais mazelas seriam confundidas por alguns leitores como uma aptidão de Lobato ao racismo – sem deixar de supor, ainda, alguma conotação fascista¹³⁶.

Coelho, de forma mais técnica, auxilia-nos ao situar, no seu dicionário, o *autor* Monteiro Lobato¹³⁷. O dicionário, é importante lembrarmos, é proposto num espaço de cem anos, definindo obras e autores da literatura brasileira, especificamente das áreas infantil e juvenil, iniciando-se em 1882; por coincidência ou não, o ano de nascimento no nosso ator político pesquisado. O que a autora procura explicitar em sua obra é a intensidade de criação e participação social de Lobato dentro de um imaginário favorecido pela própria época – carente, talvez, de homens com tal quilate de inquietação ou de ideais *perturbadores* da ordem pré-estabelecida.

O sucesso imediato de *Urupês* (que se esgota em poucos meses) mostra ao autor que havia um caminho para ser aberto: suprir o vazio editorial brasileiro (no momento, com apenas duas grandes editoras ativas, a Francisco Alves e a Briguiet, que só editavam autores consagrados; e a Melhoramentos que se iniciara em 1915). Assume-se, pois, como editor, fundando a Monteiro Lobato & Cia. e introduzindo no mercado editorial processos totalmente novos: abre espaço para escritores inéditos; moderniza não só o tratamento gráfico dos livros, como também os processos de venda e distribuição comercial. Sucesso absoluto, Lobato começa a enriquecer e a ampliar seu campo de ação... Em 1921, os lançamentos já passam de 50 títulos.¹³⁸

¹³⁶ Esta observação diz respeito à avaliação de alguns colegas, ao receberem a informação de que este trabalho seria dedicado à obra de Monteiro Lobato.

¹³⁷ COELHO, 1988, pp. 718-734.

¹³⁸ Op. cit., p. 718.

3 Contexto político e literário na trajetória epistolar

Isso de esperar o advento duma era de paz e prosperidade é tolice da grande. O mundo é eternamente guerra e desordem.¹³⁹

Talvez tenha sido nas correspondências que manteve com intelectuais de sua época, que Monteiro Lobato mais tenha nos revelado as facetas de sua personalidade. Nas cartas, encontramos, podemos arriscar, muito mais da essência do homem Lobato, o alicerce para o escritor que exerceu postos sociais importantes, como fazendeiro, promotor, jornalista, editor e empresário.

Nota-se que o escritor parece o primeiro produto da senda intelectual lobatiana ou a primeira reclamação sua diante do mundo, seja o mundo rural ou urbano, seja o *modus vivendi* do caipira ou do cosmopolita. Neste capítulo, procuraremos expor algumas respostas que encontramos durante a pesquisa de toda a obra do ator político escolhido. Senão respostas, mas pelo menos indícios das angústias e das convicções do escritor, ao se deparar, por exemplo, com seus anseios frustrados ou suas constatações do que estava mergulhada a sociedade do início do século XX.

Para explicitarmos sutis descobertas, embora não inéditas na sua gênese, vamos nos debruçar sobre duas linhas, que parecem as linhas-mestras do tratamento epistolar que Lobato confere a si próprio: autoritarismo e conservadorismo. Entre os dois, o princípio da utopia, antes fundado na sua formação literária do que sociológica ou puramente filosófica. Na primeira questão, as cartas parecem brotar não de um estudante da Faculdade de Direito de São Paulo, ainda adentrando na vida adulta. Lobato estava quase por se formar como bacharel, contra a sua vontade e mais por uma imposição familiar. Nas cartas, muito mais do que nos artigos, o autor se revela com mais audácia ou, ainda mais especificamente, com um tom despojado, à vontade com seu interlocutor.

Não somente sobre o assunto da sua formação acadêmica, mas sobre diversos outros assuntos, como mulheres, viagens, exposições de pintura, amigos e outros

¹³⁹ LOBATO, 1948, t. II, v. 12. Carta escrita da fazenda Buquira, 3 de abril de 1915, p. 27.

ligados ao reduto intelectual paulista, além de temas nacionais, sobretudo relacionados ao crescimento do país nos níveis político-econômico e sócio-cultural. Nosso trabalho percorre alguns anos antes do período proposto (1914-1948), no sentido de apresentar o Monteiro Lobato dos primórdios do século, destacando-se na vanguarda de uma geração de escritores, tratada por estudiosos da Literatura Brasileira como pré-modernistas. Talvez tenha sido este seu saldo de preparador de uma atmosfera literária e defensora do nacional a maior defesa para o novo grupo que apontaria na década de 1920.

O novo grupo não encararia Lobato como um desbravador, mas como uma ameaça. Estar na vanguarda gerou no público intelectual uma idéia de *carrancismo*, talvez gerada pela herança cultural autoritária e conservadora, no seio de um barão, depois visconde, José Francisco Monteiro Lobato, o Visconde de Tremembé. Por isso insistimos nessas duas linhas citadas, que tendem a explicar certos fenômenos na vida e obra de Monteiro Lobato. Se Lobato ficou à margem do movimento dos modernistas não é esta nossa discussão, mas tomemos o fato como exemplo de participação do escritor, seja direta ou indireta, na sociedade, inscrevendo-se como orgânico no seu meio, independente de estar ou não a favor de correntes artísticas.

A faculdade foi o primeiro reduto ou sub-grupo de pessoas com idéias e posições sociais afins, freqüentado por Lobato. O reduto foi batizado de *Cenáculo* e, metaforicamente, funcionava na república dos rapazes, por sua vez denominada de *Minarete*. Foi de lá que começou a ser construída a sua amizade com Godofredo de Moura Rangel, com quem manteve correspondência durante quarenta anos.

Apesar de manter-se invicto como contrário à publicação até meados de 1940, Lobato se rendeu aos pedidos do amigo e decidiu publicar, pela Companhia Editora Nacional, quatro anos depois. **A Barca de Gleyre** foi o título escolhido para a obra que reuniria quase meio século de vida e relembraria a tela do pintor suíço Charles Gleyre, denominada *Ilusões Perdidas*. Encontramos no primeiro tomo uma explicação de rodapé sobre o quadro, que fora chamado, na verdade, de *Soir*, mas a sua força expressiva fez com que o público o rebatizasse.

São, portanto, as *ilusões perdidas* de Lobato que norteiam a sua correspondência dirigida a Rangel. Nas cartas de 1904¹⁴⁰, encontramos o bacharel com agruras de escritor, mas satisfeitas, em parte, na sua carreira jornalística que estava começando.

O *Minarete*, jornal de Pindamonhangaba – veículo que atuou de 1904 a 1907 – serviria de ponto de partida para a vida jornalística e o que seria da vida pública de Monteiro Lobato, embora um momento experimentado por meio de vários codinomes ou pseudônimos – Lobatoyewsky, Yewsky, Pascalon (o Engraçado), Ruy D’Hã, Helio Bruma, Enoch Vila-Lobos, Matinho Dias, B. do Pinho, Osvaldo, P., N., Yan Sada Yako, Mem Bugalho, She, Antão de Magalhães, Nero de Aguiar, Bertoldo, Marcos Twein, Olga de Lima eram alguns exemplos¹⁴¹. No que podemos tratar como uma coletânea de cartas ou **A Barca de Gleyre**, Lobato confessa, em nota de rodapé, detalhes sobre a sua atuação no jornal: *Eu me divertia fazendo de longe O Minarete quase inteiro. Quantos números totalmente escritos por mim – o soneto, os contos, o “humorismo”, as “variedades”, o rodapé, o artigo de fundo!*¹⁴²

O jornal pertencia a um simpatizante dos *cenaculistas*, Benjamin Pinheiro, um político em ascensão na região. Além de homenagear os amigos do *Cenáculo*, Benjamin abriu espaço para os futuros jornalistas, os quais, poderiam assinar sob pseudônimos, desde que fossem capazes de utilizar o jornal como um estopim político, ou seja, um *aríete*, com o objetivo de funcionar, assim, como um demolidor da cena situacionista daquela cidade.

O projeto, aparentemente, prosperou, e Benjamin logo foi eleito prefeito e Monteiro Lobato pôde se regalar da sua condição de colaborador, mas com um misto de articulista e editor à distância, chegando, muitas vezes, a escrever exemplares inteiros. Poderemos encontrar isso no primeiro tomo d’**A Barca de Gleyre**, pois justamente nas cartas encontramos esses momentos ou detalhes com menos rigor analítico, menos recurso ficcional e mais com ironia e sofisticação na narrativa.

¹⁴⁰ LOBATO, 1948, t. 1, v. 11. Este assunto foi tratado por Lobato, nesta obra citada, em nota de rodapé. (pp. 28-31).

¹⁴¹ Ibid., p. 29.

¹⁴² Ibid.

Alguns trabalhos acadêmicos que se dediquem a estudar certas influências de Monteiro Lobato como escritor de ficção podem encontrar na sua trajetória epistolar respostas pontuais. Podemos questionar como um escritor de origem da sua simpatia pelo comunismo. Como ele, com as raízes que denotamos, autoritarismo e conservadorismo, estaria aberto a tais idéias? Talvez sua memória epistolar nos ofereça algum subsídio. Já nos primeiros anos do novo século, Lobato se revela um profundo admirador da literatura russa, o que mediria, de certa forma, seu grau de aproximação com as idéias revolucionárias, socialistas ou comunistas, anos depois.

A atividade na qual começou a se tornar conhecido, o jornalismo, foi a que também causou uma certa decepção no escritor. Não no que diz respeito à *práxis* de um articulista, que conta com uma vitrine nas mãos, mas como editor, integrante do circuito intelectual. Foi como iniciante no trabalho de editoração que Lobato pôde esboçar sua real intenção, a de ser proprietário de uma empresa, gráfica e editora. Foi na aquisição da *Revista do Brasil*, em 1918, que o autor concretizou o seu desejo, mas esbarrou, como em seus outros empreendimentos, nas intempéries da natureza ou na burocracia política. Desde 1914, Lobato já colaborava no jornal *O Estado de São Paulo*, pertencente ao mesmo grupo que mantinha a revista.

Estamos nos propondo a analisar o período 1914-1948; entretanto, faz-nos necessária uma lembrança do ator político escolhido, alguns anos antes. Desde 1904, vamos encontrar no primeiro tomo d'**A Barca de Gleyre** algumas pistas sobre as opiniões de Lobato. Nesta carta de 15 de novembro de 1904, em pleno governo Rodrigues Alves, vejamos o que Lobato expôs sobre a sua compreensão da política à época.

Você me pede um conselho e atrevidamente eu dou o Grande Conselho: seja você mesmo, porque ou somos nós mesmos ou não somos coisa nenhuma. E para ser si mesmo é preciso um trabalho de mouro e uma vigilância incessante na defesa, porque tudo conspira para que sejamos meros números, carneiros dos vários rebanhos – os rebanhos políticos, religiosos ou estéticos. Há no mundo o ódio à exceção – e ser si mesmo é ser exceção. Ser exceção e defendê-la contra todos os assaltos da uniformização: isto me parece a grande coisa.¹⁴³ (p. 83)

Logo após sua formatura em Direito, narrou a Rangel a efusiva recepção na sua cidade natal, fato que o obrigou a reconhecer a *verdadeira* intenção do foguetório, a

¹⁴³ Ibid., p. 83.

homenagem ao seu avô, o Visconde de Tremembé, possivelmente um ponto de referência política e econômica naquela região do Vale do Paraíba. Inicialmente, na carta de 30 de dezembro de 1904, Lobato se mostra revoltado com a *aldeia* que seria Taubaté, em contraposição à cidade que aprendeu a admirar, São Paulo – que já vivia uma preparação para ser reconhecida com pólo industrial e comercial.

Saltar da libérrima vida estudantina de S. Paulo e cair neste convencionalismo de aldeia, com trabalhos forçados... Sinto-me rodeado de conspiradores; todos tramam o meu achatamento. Tudo quanto mais prezávamos – o nosso individualismo, etc., é crime de lesa-aldeia, de que o vigário, os parentes e as mais “pessoas gradas” nos querem curar. O ideal é fazer de nós mais uma “pessoa grada”, mais um “cidadão prestante”. É arredondar-nos como um pedregulho, lixar-nos todas as arestas – as nossas queridas arestas! Um homem aqui só fica bem “grado” quando se confunde com todos os outros e é irmão do Santíssimo Sacramento. [...] Logo que cheguei (que cheguei “formado!”) mimosearam-me com uma manifestação; foguetes (Taubaté não faz nada sem foguetes), a banda de música, molecada atrás e oito discursos, nos quais se falou em “raro brilhantismo”, “um dos mais”, “as venerandas arcadas” e outras macuquices que tive de aguentar de pé firme em casa de meu avô. Eu percebia o jogo: a manifestação era mais dirigida a ele do que a mim, porque ele é um grande visconde e eu não passo dum simples “neto de visconde”.¹⁴⁴

Com um ranço nítido na sua narrativa, espécie de ira contida pelas necessidades sociais daquela ocasião, Lobato deixa-nos uma importante pista para a sua suposta *vingança* aos mandos do avô, que funcionava como um misto de autoridade paterna e materna. Sete anos depois, o avô ou a figura máxima da autoridade familiar para Lobato, falecera. Foi este fato que veio mudar a trajetória de Lobato, que de promotor passaria a fazendeiro. Não se trata de um fato isolado da nossa avaliação.

Consideramos pertinente registrar essa ruptura na estrutura social de Lobato, o que veio a confirmar a sua quase que *ilimitada* capacidade de vislumbrar riqueza. Inicialmente riqueza do ponto de vista individual; noutra ângulo a luta pela possibilidade de nutrir esforços e arregimentar simpatizantes para a geração de mais riqueza, ou seja, um sentimento coletivo. Eis a sua vocação política. Vejamos como ele se retrata ao amigo diante da morte do Visconde de Tremembé:

Um grande homem, o meu avô, e grande amigo meu. Esse fato vem mudar minha vida. Já não volto mais para Areias – abandono a carreira. E com pesar. Aqueles dias lá passados, sem serviço como promotor, todo entregue ao mais absoluto borboleteio mental, ora em caça de coisas de Camilo, ora a ler e anotar o Aulete ou a traduzir artigos do *Weekly Times*, ou a tentar um

¹⁴⁴ Op. cit., pp. 84-5.

conto, ou a ler um livro novo – tudo isso, dentro da nossa eterna troca de conversa escrita, é coisa de deixar saudades, pois não. Minha vida agora vai ser a de “proprietário”. Em estudante eu *tinha* uma cama, uma cadeira de balanço, uma canastra e uma agulha – minhas propriedades paravam nisso.¹⁴⁵

Na mesma carta, Lobato trata a Literatura como uma realização financeira ainda distante. Por outro lado, mantém a certeza de que o lançamento da sua primeira obra teria que ser brusco ou impactante.

Essa história de vir com o primeiro livrinho e submeter-se à piedade da crítica, e ouvir que somos uma “bela promessa”, isso não vai comigo. Ou entro e racho, ou não entro nunca. A coisa há de cair na taba como um bólido.

Quanto a ganhar dinheiro com livro, e essas esperanças de criar um “nome vendável”, uma marca de fábrica que tenha saída, varra isso da cabeça! Tão cedo o livro não será negócio de dar dinheiro no Brasil.¹⁴⁶

Apesar de nosso recorte histórico estar situado entre 1914-1948, consideramos proveitosa a intersecção de alguns fragmentos das opiniões de Lobato. Neste trecho, por exemplo, de uma carta escrita em Taubaté – 02/04/1907 – podemos antever o escritor introspectivo, um tanto irritadiço com as manifestações católicas e, portanto, populares.

Enquanto te escrevo, o foguete e a música atroam os ares, espantam os silfos invisíveis, matam a tiros de pólvora e guinchos de latão essa incomparável música chamada Silêncio. E passa uma bandeira vermelha, chamada o Divino, com fitas pendentes que vão recebendo os beijos de todas as beatas; e corre a salva do Divino para pingamento de níqueis. [...] Há uma semana que estou preso em casa porque lá fora a semana é santa. Há procissões de pretos e brancos a atravancar as ruas. Nas igrejas, muito consumo de aguinhas e e fumaças cheirosas, e litânias. Por toda parte, povo - - nosso povo, essa coisa feia, catinguda e suada.¹⁴⁷

Em Areias, o que podemos chamar do seu *exílio* intelectual e profissional, Lobato expõe ao destinatário a sua admiração pela Rússia, a começar pela literatura de Dostoiévsky. Anos depois, tal admiração lhe custaria caro ou, pode-se dizer, a sua liberdade de pensar e agir. Ao comparar a França a *um velho jardim clássico*, a Inglaterra a *um gramado lindo* e a Alemanha a *uma horta científica*, assim clama ao povo russo:

¹⁴⁵ Ibid, p. 140.

¹⁴⁶ Ibid.

Não mais impressão céptica ou finalmente agradável, nem higienicamente científica – mas a formidável impressão de quem põe o dedo na máquina infernal do Futuro. É tudo muito grande, desconforme, assimétrico, brontossáurico... Amedronta, esmaga. Exorbita do quadro comum das nossas concepções caseiras de latinos. [...] Uma simples prisão na Rússia é a Sibéria. [...] Um general de brigada, um simples general de brigada, é Troppoff. Um chefe de estado, essa coisa tão simples, é o Tzar onipotente. Uma estação do ano, uma simples estação do ano, é o inverno de 1813, com os 600 mil homens de Napoleão congelados. [...] A Rússia como a Grande Esterqueira onde fermenta o Futuro: ... os futuros valores, os futuros pensamentos, os futuros moldes sociais, as futuras normas de tudo. Toda a literatura russa me dá a impressão disso.¹⁴⁸

Mas já que nos dispomos a começar a analisar o nosso ator político a partir de 1914, com todo o clima de inquietação bélica no Brasil e no mundo, vamos acompanhar o pensamento de Lobato, ao apresentar ao seu destinatário – com um misto de orgulho e ironia – os seus companheiros *cenaculistas*. Esta carta foi escrita da Fazenda Buquira, no dia 3 de abril do ano citado.

Ricardo não é mais o nosso Ricardito do Minarete – é o Dr. Ricardo Mendes Gonçalves, vereador da Câmara Municipal de S. Paulo!
Lino já não é o Lino da rua Bráulio Gomes – é o Dr. Lino Moreira, tabelião de notas na cidade do Rio de Janeiro!
Albino o Filósofo não é mais isso – é o Dr. Albino de Camargo, lente de psicologia e lógica do Ginásio de Ribeirão Preto! [...] Raul, o último abencerragem, sempre surdinho, continua com os famosos coletes de seda e está acarrapatado a uma Secretaria qualquer. [...] Cândido está transformado em Carbono, Oxigênio, Hidrogênio e outros gases, e calmamente incorporado aos pinheiros da Suíça. [...] Lobato enternece-se com os porcos numa fazenda da Mantiqueira. Todas as luzes se apagaram – só resta a do eletricista de Sapucaí* (N. E. Rangel acumulava o cargo de juiz com o de contador de uma usina elétrica.)¹⁴⁹

No mês seguinte, Lobato confessa sua vaidade diante da riqueza material, obtida com a herança. Assim conclui a carta, com um certo ar de ironia:

Adeus. Meu ajudante de ordens me chama para resolver qualquer coisa. Vou decidir, impor sabiamente a minha vontade. Sou rei deste território de 1.800 alqueires de montes e vales.¹⁵⁰

Em outubro, também da Buquira, explica ao amigo-confidente como vai abordar a sua preocupação com o caboclo. Na realidade, preocupação conseqüente do seu envolvimento com a campanha sanitaria no Sudeste do país. A idéia de Lobato, ao

¹⁴⁷ Ibid, p. 157

¹⁴⁸ Ibid., p. 193-4.

¹⁴⁹ Ibid., p. 349.

que nos consta, seria *curar* o trabalhador das endemias para que o resultado do trabalho fosse realmente saudável e, principalmente, lucrativo.

Podemos perceber o quanto Lobato se sente prejudicado com tais endemias, que se transformavam na suposta *preguiça* – ou não seria a falta de vigor físico, em decorrência de sérios problemas no organismo? A saúde, portanto, pode-se perceber, foi o primeiro *grito* de Lobato à sociedade, no sentido de tratar do homem da terra como o suporte essencial para a desenvoltura da produção e, notadamente, da riqueza. Vamos acompanhar, por meio da discussão epistolar, a gênese de *Uma Velha Praga* e, por conseqüência, de *Urupês*. Deste modo, veremos a inserção do autor, colocando-se como *vitimado* pela situação do caboclo:

Não sei como vai ser essa obra. Talvez romance. Talvez uma série de contos e coisas com uma idéia central. Nessa obra aparecerá o caboclo como o piolho da serra, tão espontâneo, tão bem adaptado com nas galinhas o piolho-de-galinha, ou como no pombo o piolho-de-pombo, ou como no besouro o piolho-de-besouro – espécies incapazes de viver em outros meios. [...]

Atualmente estou em luta contra quatro piolhos desta ordem – “agregados” aqui das terras. Persigo-os, quero ver se os estalo nas unhas. Meu grande incêndio de matas deste ano a eles o devo.¹⁵¹

Trata-se de alguém que mostra conhecer, de perto, a realidade do trabalhador rural. Além de trabalhar a questão ambiental, ou seja, o descuido com a natureza, Lobato lembra o italiano, como aquele que veio prosperar no lugar do *jeca* brasileiro.

Começo a acompanhar o piolho desde o estado de lêmdea, no útero duma cabocla suja por fora e inçada de superstições por dentro. Nasce por mãos duma negra parteira, senhora de rezas mágicas de macumba. Cresce no chão batido das choças e do terreiro, entre galinhas, leitões e cachorrinhos, com uma eterna lombriga de ranho pendurada no nariz. Vê-lo virar menino, tomar o pito e a faca de ponta, impregnar-se do vocabulário e da “sabedoria” paterna, provar a primeira pinga, queimar o primeiro mate, matar com a picapau a primeira rolinha, casar e passar a piolhar a serra nas redondezas do sítio onde nasceu, até a morte o recolha. [...] A caça nativa que ele destrói, as velhas árvores que ele derruba, as extensões de matas lindas que ele reduz a carvão. [...] Queima toda uma face de morro para plantar um litro de milho. E assim por diante. Um dia aparece o pó da Pérsia que afugenta a piolhada: o italiano. Senhorea-se da terra, cura-a, transforma-a e prospera. O piolho, afugentado, vai parasitar um chão virgem mais adiante.

¹⁵⁰ Ibid., p. 355.

¹⁵¹ Ibid., p. 362-4. V. primeiro capítulo desta dissertação.

Lobato fecha sua carta dizendo que literatura no Brasil “*é fabricada nas cidades por sujeitos que não penetram nos campos de medo dos carrapatos.*”¹⁵² E admite que, se não houvesse virado fazendeiro, estaria na zona urbana a perpetuar a visão *erradíssima* do homem rural.

Como podemos notar, o que abordamos no primeiro capítulo deste trabalho reforça a idéia de que a discussão epistolar em Monteiro Lobato nos revela suas verdadeiras aspirações ou inquietações. Pelo menos grande parte da sua *aparição* na imprensa de São Paulo, pela primeira vez, ocorreu devido à sua ira relacionada ao trabalhador rural, por este ser ignorante e, talvez, por isso, destruidor da própria terra, do seu próprio sustento, da possibilidade de acúmulo de riqueza. Mas não seria este mesmo homem da terra ou o *piolho* da terra vítima da má distribuição de renda e, nesta mesma linha, vítima do descaso em relação à saúde pública?

Lobato reconheceria esse conjunto de mazelas proliferadas no interior do Brasil, mas, anos mais tarde, especialmente em **Zé Brasil** (1947), seis anos após sua prisão e, portanto, um ano antes da sua morte¹⁵³. Publicado no jornal *Tribuna Popular*, de viés comunista, a obra narra um lugar ainda *utópico* para a época, no qual os lavradores seriam os proprietários de um sítio, plantando e colhendo os frutos do próprio trabalho. O livreto de 24 páginas, assim como suas obras infantis na década de 30, sofreu apreensão policial. No ano seguinte, depois de várias edições clandestinas, **Zé Brasil** seria publicada pela Calvino Filho, com ilustrações de Cândido Portinari.

Na obra, temos uma denúncia diferenciada, da qual o Zé termina, de certa forma, vitorioso. Criticando a estrutura fundiária, Lobato dá voz ao meeiro, o lavrador que ficava com a *metade magra*, enquanto que a *gorda* cabia ao coronel Tatuíra. Como em **Mr. Slang e o Brasil**, há um diálogo com o personagem central e um interlocutor não revelado. Zé era identificado, a princípio com a imagem do caboclo anterior, a de 1914:

¹⁵² Ibid.

¹⁵³ LOBATO, **Zé Brasil**. [1947] In: LOBATO, Monteiro (1882-1948), op. cit., 1981. (Literatura Comentada); AZEVEDO, CAMARGO e SACCHETTA, 1997; V. PASSIANI, E. www.unicamp.br/iel/memoria/teses/Enio/dissert.

Zé Brasil sempre dormiu em esteiras de tábua. Que mais na casa? A espingardinha, o pote d'água, o caco de sela, o rabo de tatu, a arca, o facão, um santinho na parede. Livros, só folhinhas – para ver as luas e se vai chover ou não, e aquele livrinho do Fontoura com a história do Jeca Tatu.¹⁵⁴

A política defendida pelo então Partido Comunista para a questão rural era a mesma aceita pelo lavrador desenvolvido por Lobato, ou seja, divisão da propriedade rural, apoio financeiro aos pequenos proprietários e, por conseqüência, *união* dos lavradores mais pobres. Talvez por isso, Lobato tenha tido a oportunidade de, em **Zé Brasil**, redimir-se diante dos leitores e, principalmente, da figura do Jeca. O reconhecimento do caboclo como vítima do sistema sócio-político e econômico brasileiro está presente, na obra citada, em vários momentos. Vamos conferir um trecho do diálogo entre Zé e um *desconhecido*:

Mas como fazer casa boa, e plantar árvores, e ter horta em terra dos outros, sem garantia nenhuma? Vi isso com o coronel Tatuíra. Só porque naquele ano as minhas roças estavam uma beleza, ele não resistiu à ambição e me tocou. E que mundo de terras esse homem tem! A fazenda de Taquaral foi medida. Os engenheiros acharam mais de 2 mil alqueires – e ele ainda é dono de mais duas fazendas bem grandes, lá no Oeste. E não vende nem um palmo de terra. Herdou do pai, que já havia herdado do avô. E o gosto do coronel é dizer que vai deixar para o Tatuirinha uma fazenda maior ainda – e anda em negócios com o Mané Labrego para a compra daquele sítio da Grotta Funda.

- Então, não vende nem dá as terras – só arrenda?

- Isso. Também não planta nada. O que ele quer lá é reideiro como eu fui, e são hoje mais de cem as famílias que vivem no Taquaral. Desse jeito, o lucro do coronel é certo. Se vem chuva de pedra, se vem geada ou ventania, ele nunca perde nada; quem perde são os reideiros.¹⁵⁵ [...]

O personagem sugere, então, o que seria mais equilibrado para o país:

Em vez de haver só um rico, que é o coronel Tatuíra, haveria mais de cem arranjados, todos vivendo na maior abundância, donos de tudo quanto produzissem, não só da metade. E o melhor de tudo seria a segurança, a certeza de que ninguém dali não saía por vontade dos outros [...] Mas quem pensa nisso no mundo? Quem se incomoda com o pobre Zé Brasil? Ele que morra de doenças, ele que seja roubado, e metido na cadeia se abre a boca para se queixar. O mundo é dos ricos e Zé Brasil nasceu pobre.¹⁵⁶

Em 1914, percebemos um Lobato menos maduro para entender tais mecanismos ligados ao estado do homem rural, um homem de origem simples e sem ambições intelectuais, mas sedento pelo direito de usufruir da terra e gerar emprego e renda. A

¹⁵⁴ LOBATO, 1981, p. 92

¹⁵⁵ LOBATO, 1981, pp. 94-5.

distribuição desigual da terra, ou seja, as lutas entre latifundiários e trabalhadores seriam reconhecidas por Lobato, mas, antes, o público estava conhecendo um escritor ávido pela *cura* do caboclo. Assim, em 22 de novembro de 1914, ele se reporta ao amigo-confidente, não deixando de lado a sua repulsa ao governo de Hermes da Fonseca. Quase dois anos depois, ele definia o caboclo: *um Menino Jesus étnico que todos acham engraçadíssimo, mas ninguém estuda como realidade*.¹⁵⁷ Também lembraria o seu distanciamento pelo *hermismo*: *Valerá a pena neste país saber ler? Teria ido à Presidência da República o Hermes, se soubesse ler?*¹⁵⁸.

Publiquei a semana passada um artigo no *Estado* e, com surpresa, recebi a propósito cinco cartas e um convite da Sociedade de Cultura Artística de S. Paulo para fazer uma conferência lá. [...] Sinto-me capaz de tudo, mas sempre por força da habilidade e da manha, não pela força ingênita do artista que cria inconscientemente e de jacto. Sou, em suma, o tipo do “curioso” – e acho uma beleza de expressão esta palavra popular, equivalente a “amador”. [...] Outro feto que sinto no útero é um romance cômico onde se desenvolva o quatriênio Hermes, visto por um Zé Ninguém que o hermismo plantou num cargo público – de agente do correio, suponhamos. Outro feto que já me dá pontapés no útero é a simbiose do caboclo e da serra, o caboclo considerado o *mata-pau* da terra: constritor e parasitário, aliado do sapé e da samambaia, um homem baldio – inadaptável à civilização.¹⁵⁹

A repercussão do artigo que problematiza a questão do caboclo, conseqüentemente a questão política fundiária, talvez tenha sido o alicerce para Lobato se reconhecer como um homem público, ligado à imprensa ou, ainda, fazendo da imprensa a ressonância para os problemas do país. Vejamos dois exemplos que asseguram a nossa convicção de que Lobato sabia lidar com o seu público-leitor.

A Velha Praga não cessa a peregrinação. Já foi transcrita em sessenta jornais, conforme me informa o Sinésio Passos, redator dum jornal de Guaratinguetá. Acho muito, e se o consigno é para frisar a ignorância em que andamos de nós mesmos: a menor revelação da verdade faz o público arregalar o olho.¹⁶⁰

Queres descrever tudo, quando o certo é apenas sugerir – é dar um rápido relevo de estereoscópio com meia dúzia de pinceladas rápidas e manhosas. Pinceladas-carrapicho, nas quais se enganchem as reminiscências do leitor. Forçamo-lo assim a colaborar conosco – ele vê mil coisas que não

¹⁵⁶ Ibid.

¹⁵⁷ Op. cit., p. 68.

¹⁵⁸ (Op. cit., p. 117.

¹⁵⁹ Op. cit., p. 365-6.

¹⁶⁰ LOBATO, 1948, v. 12, p. 10. Carta escrita de Caçapava, 16 de janeiro de 1915.

dissemos, mas que com os nossos carrapichos soubemos acordar dentro dele.¹⁶¹

Em pouco tempo, contudo, Lobato percebe que não tem vocação para homem de jornal. Sua participação seria muito mais como articulista esporádico e menos como repórter ou até mesmo empresário. Lobato já pensava em ser artífice do mundo editorial. Os livros seriam, portanto, a sua razão política de existir em sociedade, talvez mais porque parecia urgente a sua vontade de *mandar e desmandar*¹⁶². Em fevereiro de 1915, ele revela a Rangel:

Veja você como para o mundo tem peso um nome que assina artigos no jornal. A gente passa de servo da gleba à classe dos senhores. O “senhor” é o homem armado, que pode desta ou daquela maneira tornar-se ofensivo. [...] Ando meio enjoado do *Estado*, daquela gravidade conselheiral. Eles se têm como o umbigo do universo; num necrológio ou notícia qualquer, pesam numa balança de farmácia o adjetivo a dar ao sujeito – “distinto”; “notável”, “conceituado”[...] Não sirvo para jornal. Meu campo é o livro, o panfleto – ou um jornal meu cá como o entendo. [...] A “feição” do *Estado* é um Censor que me espia sobre o ombro quando para ele escrevo. A Opinião Pública é outro Censor. A dos amigos, idem... As conveniências...¹⁶³

O escritor também não esconde a sua vontade de ser ainda mais rico, embora os acontecimentos no país e no mundo estivessem um tanto desfavoráveis para tal empreitada. *Se não fosse a estúpida crise de 1914 e a guerra, eu estava neste momento rico; a ventania européia mudou o rumo do meu barco.*¹⁶⁴ Mas nem todas as suas convicções ou decisões merecem ser interpretadas com tanto rigor, já que estamos falando de um homem de múltiplas opiniões. Vejamos um exemplo, em carta de maio de 1915, de uma das várias desistências da vida literária – um dos seus incômodos quase que permanentes ou uma espécie rara de amor e ódio caminhando numa só direção:

Ando farto de letras, lidas ou escritas. Escrever apavora-me, como em criança me apavorava tomar óleo de rícino. É algo fisicamente doloroso – e por que procurar a dor? Todo este mês foi de desenho e aquarelas – com a literatura de castigo no canto. [...] Não escrevo mais. Nunca mais. Se há quem escreva nos outros países é que existem por lá compensações sérias, renome e dinheiro. Desde que entre nós não aparece compensação nenhuma, escrever não passa de pura manifestação de cretinice.¹⁶⁵

¹⁶¹ Ibid., p. 14. Carta escrita da Fazenda Buquira, 30 de janeiro de 1915.

¹⁶² Ibid. p. 24.

¹⁶³ Ibid., p. 20-23.

¹⁶⁴ Op. cit., p. 28-9. Fazenda, 17 de maio de 1915.

Talvez a suposta repulsa pela escrita guarde um trauma ou uma má lembrança da adolescência quando Lobato foi reprovado no seu primeiro exame de Língua Portuguesa, o que parece uma contradição para quem se tornaria um célebre escritor.

Ficou-me a “bomba” que levei, e da papagueação, uma revolta surda contra gramática e gramáticos; e uma certeza: a gramática fará letrudos, não faz escritores. [...] Dá-me idéia duma *morgue* onde carneiros de óculos e avental esfaqueiam, picam e repicam as frases, esburgam as palavras, submetem-nas ao fichário da cacofonia grega.¹⁶⁶

Lobato, nas suas cartas, também deixava clara a sua opinião pelo jornalismo que se fazia à época. Podemos perceber que o autor já definia a profissão como algo descartável ou, senão, superficial. A camaradagem seria o ponto de convergência entre o sistema político e os homens de imprensa, em pleno governo Wenceslau Brás:

O jornal nos sufoca todas as tentativas de literatura, com os seus repórteres analfabetos, com a sua meia língua engaliçada, com seus críticos de camaradagem ou de “passa cá cinco mil réis” [...] Um “nome novo” consegue nos jornais amigos um “lançamento” igual ao do Tropon ou Gelol. Parece que o mesmo homem que lança um Gelol lança um novo gênio – e o público “passa” os dois, a panacéia e o gênio. Balcão e camaradagem – eis a nossa imprensa. Há um “cafagestismo” que invade tudo – já invadiu o governo e vai invadindo toda a intelectualidade.¹⁶⁷

Apesar do seu tom cético, por vezes mal-humorado ou descrente nas atividades as quais se dedicava, chegou, enfim, a idéia de fazer literatura para crianças, um segmento pouco lembrado ou somente dedicado a autores estrangeiros. Não era de se estranhar que um homem conservador tenha tido a idéia de começar pensando em trabalhar com *moralidades*. Percebemos, ainda que rapidamente, a atenção que Lobato quer dispensar às raízes brasileiras, no sentido de traduzir ou de transformar as fábulas dos autores franceses em histórias mais próximas à realidade do mundo infantil. Foi, portanto, em casa, ou seja, observando a compreensão e o interesse dos seus próprios filhos, que o escritor decidiu trilhar esse caminho, o que o tornaria, anos depois, uma das maiores referências na área.

¹⁶⁵ Op. cit., p. 31-2.

¹⁶⁶ Op. cit., p. 49-50.

¹⁶⁷ Op. cit., p. 79. Carta escrita da fazenda Buquira, 15 de abril de 1916.

Ando com várias idéias. Uma: vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para crianças. Veio-me diante da atenção curiosa com que meus pequenos ouvem as fábulas que Purezinha lhes conta. Guardam-nas de memória e vão recontá-las aos amigos – sem, entretanto, prestarem nenhuma atenção à moralidade, como é natural. A moralidade nos fica no subconsciente para ir se revelando mais tarde, à medida que progredimos em compreensão. Ora, um fabulário nosso, com bichos daqui em vez dos exóticos, se for feito com arte e talento dará coisa preciosa. As fábulas em português que conheço, em geral traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora do mato – espinhentas e impenetráveis. Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. Como tenho um certo jeito para impingir gato por lebre, isto é, habilidade por talento, ando com idéia de iniciar a coisa. É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos.¹⁶⁸

O tom *racista* de Lobato em muitas de suas cartas, assim como nos artigos e em vários momentos da sua obra infantil parece, em algumas vezes, um paradoxo. Foi em 1917 que o inquérito sobre a figura lendária do *saci-pererê* fez renascer o folclore entre literatos e acadêmicos. Lobato, nas suas cartas, não explica com exatidão o que queria obter com o inquérito: talvez produzir alguma inquietação sobre um dos ícones da cultura brasileira, talvez se auto-promover, talvez fazer galhofa – o que lhe era peculiar, apesar do seu ceticismo e dos seus arroubos de melancolia. Seria levantar a bandeira do regionalismo? Vamos ver o que ele escreve ao amigo:

Tens lido os meus artigos? Produziram efeito interessante: um despertar de consciência adormecida. E por causa deles relacionei-me com uma porção de artistas daqui, escultores e pintores. Entusiasmaram-se todos com a idéia da arte regional. O saci, sobretudo, impressionou-os muito, e eles (quase todos italianos ou de outras terras) vêm consultar-me sobre o saci, como se eu tivesse alguma criação de sacis na fazenda. Finjo autoridade, pigarreio e invento – e eles tomam notas. Mas na realidade nada sei do saci – jamais vi nenhum, e até desconfio que não existe. [...] Minha idéia de menino, segundo ouvi das negras da fazenda de meu pai, é que o saci tem olhos vermelhos, como os dos beberrões; e que faz mais molecagens do que maldades; monta e dispara os cavalos à noite; chupa-lhes o sangue e embaraça-lhes a crina. Consulte os negros velhos daí, porque já notei que os negros têm muito melhores olhos que os brancos. Enxergam muito mais coisas.¹⁶⁹

Outra curiosidade em relação à discussão epistolar é a construção dos seus personagens da obra infantil. Já vimos algo sobre o surgimento do Saci na literatura para crianças, ou seja, a partir de um inquérito para adultos, até que fossem colhidas várias opiniões sobre o *moleque de olhos vermelhos* e uma *perna só*. No inquérito, Lobato usa o codinome *Demonólogo Amador*. Ele mesmo reconhece que, em quase

¹⁶⁸ Op. cit., p. 104. Carta escrita da fazenda Buquira, 8 de setembro de 1916.

¹⁶⁹ Op. cit., p. 128-9. Carta escrita da fazenda Buquira, 10 de janeiro de 1917.

300 páginas, sua estréia acontece num livro *não assinado e feito com material dos outros*¹⁷⁰.

Na sua primeira obra infantil, **Lúcia, a Menina do Narizinho Arrebitado** (1921), dez anos depois inserida na coletânea **Reinações de Narizinho**¹⁷¹, surge novamente a figura do Saci – talvez para justificar o inquérito, em outras palavras, num mundo maravilhoso e sobrenatural. Mas surge, também, um elemento que se assemelha ao próprio Lobato. Trata-se do Doutor Caramujo, um médico que vive num lugar fantástico, o *reino das águas claras*, e é capaz de curar *quase tudo* com suas pílulas. Foi Caramujo quem proporcionou ao principal personagem da obra infantil lobatiana, Emília, o poder da fala.

Vamos voltar um pouco, de 1921 a 1917, o ano do inquérito do Saci, para perceber o quando Lobato se parece com o médico do *faz-de-conta*. Foi em 1917, depois de procurar a cura para pequenos problemas de saúde dos seus filhos e comprar vários livros de Homeopatia – uma ciência até então pouco divulgada e valorizada – que Lobato se revelou uma espécie de médico popular na região da Buquira.

Que fazer depois disso, Rangel, senão mandar vir um livro de capa verde e uma botica com todas as homeopantias do Almeida Cardoso? Cem mil réis custou-me, e desde então curo tudo. Curo tudo em casa e no pessoal da fazenda. Fiquei com fama de mágico. Vem gente dos sítios vizinhos. “Ouvi dizer que o senhor é um bom doutor que cura” – e curo mesmo. Chega a vir gente até do município vizinho atrás dos “carocinhos mágicos”...¹⁷²

Foi também em 1917 que Lobato revelou a sua admiração por Ruy Barbosa. Admiração que, na realidade, viria mais como forma de agradecimento pelo renomado intelectual ter citado Jeca Tatu como o símbolo das mazelas ou da falta de atenção à saúde pública no país.

Ruy Barbosa me dá a impressão, na ciência, duma superposição de autores; no estilo, duma superposição de clássicos. [...] Ruy tem o gênio dos cadinhos: funde. Falta-lhe o gênio das retortas: que cria. Ruy dá “misturas” geniais; não dá “combinações” novas. Tenho para mim que Ruy é muito mais Força da Natureza do que Força Individual. [...] Acho Ruy imenso

¹⁷⁰ Op. cit., p. 138.

¹⁷¹ LOBATO, J. B. M. **Reinações de Narizinho**. São Paulo: Brasiliense, 1969. 22.^a ed. [1931]

¹⁷² Op. cit., p. 133-4.

como o Amazonas, mas sem a imensidade dum Shakespeare, dum Nietzsche, dum qualquer Grande Emissor de Idéias.¹⁷³

No ano seguinte, ano do lançamento de **Urupês**, percebemos uma carta que confirma a nossa suspeita sobre a vontade de Lobato se promover, de tornar-se conhecido no meio político – trafegando pelo caminho intelectual e literário.

Os *Urupês* vão se vendendo melhor do que esperei, e neste andar tenho de vir com a Segunda edição dentro de três ou quatro semanas. Há livrarias que no espaço duma semana repetiram o pedido três vezes, e como os jornais ainda nada disseram, julgo muito promissora essa circunstância. [...] A alta do papel impede-me de lucros maiores na *Revista* e nos livros; mesmo assim, cada milheiro deixa líquido um conto e tanto... quando não encalha. A mim me favoreceu muito aquela campanha pró-saneamento que fiz pelo *Estado*. Popularizou a marca “Monteiro Lobato”.¹⁷⁴

No ano de lançamento de *Urupês*, Lobato estava de posse de um dos maiores investimentos da vida literária do país, a *Revista do Brasil*¹⁷⁵, que estava, em média, com 12 assinaturas por mês. Ao entrar como sócio majoritário, em menos de um ano, foram registrados 150 assinantes novos. No ano seguinte, o negócio cresceu, a ponto de Lobato se reconhecer como um empresário de um mercado editorial prestes a lançar seu nome e outros novos nomes, ganhando força política e econômica.

O negócio vai crescendo de tal modo que já estamos montando oficinas próprias, especializadas na fatura de livros. [...] Também iniciamos a importação de papel. [...] Começo a não ler nada, estou no caminho da bestificação. Três anos de vida como esta, e estou galego de balcão, com os pés virados para fora. Vendendo, vendendo coisas. Que sórdido fique! [...] Olegário Ribeiro, Lobato & Cia. Limitada – vê que horror! Meu nome, que aparecia no alto dos livros ou embaixo de artigos, virou agora objeto de registro na Junta Comercial.¹⁷⁶

Um ano depois de comprar a *Revista do Brasil*, Lobato reconheceria, por outro lado, que o fez *por esporte, por falta de ocupação* depois que vendeu a fazenda. Saiu melhor do que esperava, a ponto de criar a Empresa Editora *Revista do Brasil*. A sociedade foi organizada, ainda com planos de localizá-la no Rio de Janeiro e uma seção argentina, com possibilidade também de associar-se com a Cooperativa

¹⁷³ Op. cit., p. 155-6.

¹⁷⁴ Op. cit., p. 173. Carta escrita de São Paulo, 8 de julho de 1918.

¹⁷⁵ Op. cit., p. 179-80.

¹⁷⁶ Op. cit., p. 189-90.

Editorial Argentina e uma agência de publicidade.¹⁷⁷ Mas em junho de 1920, o empresário e editor já sentia as dificuldades da sua vida financeira, *remando contra a maré*, lidando com uma gente que sem *educação comercial*.

Começa a fase de desestímulo – ainda que aparentemente precoce – na vida de Monteiro Lobato: *Crédito, só para turco ou italiano. Quem o abre ao nacional, está perdido. [...] Todos os nossos calotes, até aqui, foram nacionais.*¹⁷⁸ Lobato queria ser o caçador de leitores, o que não parece heresia afirmarmos que **As Caçadas de Pedrinho** (1933) é uma homenagem ao seu espírito aventureiro e empreendedor. Em 1921, ele já pregava a proliferação dos livros editados por sua empresa no interior do país, não somente nas capitais, mas em toda *biboca* possível.¹⁷⁹ Mas, dois anos depois, uma nova crise o espera, independentemente do seu imaginário de *caçador* de leitores.

O ano de 1922 começava *escuro: Câmbio sempre mau, país cada vez mais miqueado e poucas perspectivas de bons negócios. Que vontade de mudar de terra – ir viver num país vivo, como o dos americanos!*¹⁸⁰ Em 1924, a revista foi entregue a Paulo Prado e Sérgio Milliet: *Eles são modernistas e vão ultramodernizá-la.*¹⁸¹ Por outro lado, a empresa gráfica se muda para o bairro do Braz: cinco mil metros quadrados de área coberta e os primeiros monotipos do mercado editorial de São Paulo, todos adquiridos a prazo.¹⁸² No mesmo galpão, a sede por ideais constitucionais, em 1924, assustava os linotipistas e demais funcionários da empresa:

Felizmente nada de grave nos aconteceu. Todos os cães estão vivos. Lá nas nossas oficinas da rua Brigadeiro, só duas granadas legalistas e marcas dumas 200 balas de carabina. Depois da debandada geral e da parada à força, já retomamos o trabalho. Os fugitivos vão ressuscitando, saindo das tocas.

Eu a nada assisti. Estava de férias no Rio. [...] Que horror! [...] Mas a vitalidade de S. Paulo é muito grande. Reparará tudo com rapidez. [...]

¹⁷⁷ Op. cit. *Basta uma olhadela no balanço. Quando fiz a compra, o ativo era de 3 contos e o passivo de 16; custou-me portanto 13 contos. Hoje, um ano depois, estamos com um ativo de 70 contos e um passivo de zero.* P. 202-3.

¹⁷⁸ Op. cit., p. 218.

¹⁷⁹ Op. cit., p. 239.

¹⁸⁰ Op. cit., p. 243.

¹⁸¹ Ibid.

¹⁸² Op. cit. p. 264.

A situação agora é de expectativa. Tudo no ar ainda. Que vontade de emigrar para não sei onde! Nem mais em S. Paulo, a terra clássica da paz, existe paz hoje! Revolução em S. Paulo! Bombardeio de S. Paulo! Quem jamais admitiu semelhante absurdo?¹⁸³

No ano seguinte, tornam-se mais graves as crises de energia elétrica¹⁸⁴. A Light era o grande entrave na ascensão da empresa gráfica – fato traduzido pela antipatia de Lobato a todo e qualquer governo; nesta época, Artur Bernardes cumpria o seu mandato de presidente da República. A partir de junho de 1925, o corte de energia obrigava a empresa a trabalhar somente dois dias por semana e avisava ainda mais suspensão em novembro. Juntava-se a tal panorama, a crise bancária e a falta d'água para o resfriamento de motor a óleo diesel – que seria uma das soluções para gerar energia.

Apesar do seu otimismo latente, a crise fez com que Lobato arregimentasse seus companheiros de trabalho e de vida intelectual para um novo projeto, a Companhia Editora Nacional¹⁸⁵. Monteiro Lobato e Otales Ferreira no comando, sem *acionistas nem capitalistas estranhos*, desta vez, no Rio de Janeiro, uma realidade nova e estranha para um escritor que se dizia amante de São Paulo. O planejamento inicial era uma matriz em São Paulo, uma filial no Rio de Janeiro e uma livraria em cada capital do Brasil. Em novembro de 1925, na capital federal, Lobato havia confessado a Rangel uma conversa que havia tido com Bernardes:

O Rio me dá idéia dum tremendo cancro que parasita e suga toda a seiva do Brasil. Ou o Brasil dá cabo deste Rio de Janeiro, ou o Rio de Janeiro dá cabo do Brasil. O Artur Bernardes me disse isto em Belo Horizonte, antes de ocupar a Presidência: “Só não mudarei a Capital Federal se me for impossível. Nunca haverá governo decente nesta terram enquanto a sede do governo for no Rio – naquele antro”. Eu hoje compreendo o que há de certo em tais palavras.¹⁸⁶

No ano seguinte, Lobato reconheceria que havia falido comercialmente, mas literária e jornalisticamente estava em equilíbrio¹⁸⁷. Colaborava no jornal *A Manhã*, de propriedade de Mário Rodrigues, na época com a maior tiragem do Brasil. Havia sido traduzido na Síria por E. Kouri, na Alemanha por Fred Sommer, na França por

¹⁸³ Op. cit. p.265-6.

¹⁸⁴ Op. cit., p. 277.

¹⁸⁵ Op. cit., p. 279-80.

¹⁸⁶ Op. cit., p. 284.

Duriau. Tanto em 1925 quanto em 1926 – talvez pelo seu envolvimento com o mercado gráfico e o somatório de crises financeiras – havia parado de trabalhar a literatura infantil, mas confessava nas cartas a sua vontade de voltar: *De escrever para marmanjos já me enjoei. Bichos sem graça. Mas para as crianças, um livro é todo um mundo.*¹⁸⁸

O ano de 1926 foi decisivo para o escritor, que tomaria a incumbência de trabalhar para o governo como adido comercial do Brasil em Nova York, ficando por lá até 1931, ganhando U\$ 700,00 por mês¹⁸⁹. Foi nos Estados Unidos que a vida literária de Monteiro Lobato foi voltando a ser fomentada; primeiro, em 1926, com a polêmica **O Presidente Negro ou O Choque das Raças**; e, em 1927, depois de **Mr. Slang e o Brasil**, para adultos, acelerou a produção infantil com **Aventuras do Príncipe, A Cara de Coruja, O Irmão de Pinóquio, O Gato Félix, O Noivado de Narizinho, O Circo de Escavalinho e Aventuras de Hans Staden** – todas publicadas em São Paulo, pela Companhia Editora Nacional¹⁹⁰. Neste mesmo ano, Lobato sonhava em ser milionário, fundando nos Estados Unidos uma segunda empresa e editora, a *Tupy Publishing Co.* Para ele, uma maravilha: *Morar e ter negócio na maior cidade do mundo, onde os homens se envenenam com o fedor da gasolina de 800 mil automóveis! América, a terra de Henry Ford, o Jesus Cristo da Indústria!*¹⁹¹

Foi somente em 1926 que ocorreu a publicação de outra coletânea de artigos polêmicos, **Opiniões** – desta vez deixando mais clara a sua simpatia pelos movimentos de esquerda. Se a marca de Lobato era polemizar, de alguma forma, parecia mais fácil tal comportamento pelo fato de estar distante, morando nos Estados Unidos da América? Alguns dos artigos já haviam sido publicados em jornais paulistanos, entre 1921 e 1923.

Em *Psicologia do jornal*, o autor nos dá a impressão de estar na fase de aceitação da sua vida jornalística; no período, havia sido convidado para colaborar no diário carioca *O Jornal*. Sua simpatia – ainda que momentânea, já que ele nos oferece condições para saber que também abomina tal ofício – é exposta logo de início,

¹⁸⁷ Op. cit., p. 291.

¹⁸⁸ Ibid.

¹⁸⁹ Op. cit., p. 302.

¹⁹⁰ AZEVEDO, Carmen Lucia de et alli, 1997.

¹⁹¹ LOBATO, J. B. M. **A Barca de Gleyre**, 1948, pp. 299-300.

quando diz que *freguês de jornal é como freguês de restaurante. Adquire hábitos gastronômicos, sérios e respeitabilíssimos.*¹⁹² Ao opinar sobre o jornal inglês *Punch*, não esconde a sua admiração pela Rússia; daí, talvez, o complicador para continuar pacificamente operando em favor do Brasil como funcionário do governo Washington Luís.

Na Inglaterra celebrizou-se a feição imutável do *Punch*. Passassem os decênios, estraçalhassem-se as nações, criassem novas manchas o sol – o *Punch* não mudava – e isso dizia muito alto do encoscoramento conservador da mentalidade inglesa. Pois o *Punch* um dia mudou! Anda agora de frontespício novo, e todo gamenho das suas reformas internas. [...] Pois que mudou o *Punch*, adeus equilíbrio de até aqui! A ordem velha naufraga. A Rússia de Lenine vencerá.¹⁹³

Em **Mr. Slang e O Brasil**, Lobato já havia sinalizado sua admiração por Luís Carlos Prestes. Ainda que utilizando um personagem, o inglês da Tijuca, o autor fechou sua obra – que também pode ser tratado literariamente como uma novela – com esta dica às autoridades: *Tomei um bonde e remergulhei-me na cidade dos monumentos a revoltosos, calculando de mim para mim onde iria erguer-se em anos futuros a estátua do marechal Prestes.*¹⁹⁴

Enquanto isso, na coletânea **Opiniões**, ressurge o artigo *O padrão*, há um curioso diálogo travado entre Lobato e, provavelmente um preso político. Na edição da Brasiliense, de 1948, há uma nota de rodapé revelando Prestes como o interlocutor. Vejamos um trecho sobre a estabilização da moeda:

- E acha que o futuro presidente realiza o seu programa e nos dota de moeda de verdade?
- É possível. Ele está profundamente imbuído da necessidade de arrolar o país entre os povos honestos. A convicção é uma grande força e além disso ele é...
- Empacador!
- Isso mesmo. Só lamento que não complete seu grandioso programa pondo no ministério os dois grandes nomes nacionais naturalmente indicados.
- Na Praia Vermelha o Assis Brasil, não é?

¹⁹² LOBATO, J. B. M. **Opiniões**. In: _____ **Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital**. São Paulo: Brasiliense, 1948. (Literatura Geral. Obras Completas, vol. 8), p.127.

¹⁹³ Op. cit., pp. 128-9.

¹⁹⁴ LOBATO, J. B. M. **Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital**. São Paulo: Brasiliense, 1948. (Literatura Geral. Obras Completas, vol. 8), p. 120.

- Isso mesmo. E na pasta da Guerra...

- Ele!¹⁹⁵

Por outro lado, em *Gânglios pensantes*, destaca a figura de Francisco de Oliveira Vianna, um intelectual, que com Lobato trocava correspondências desde o início dos anos 1920. Dizia que, se em São Paulo, havia um teórico na Economia, como Carlos Inglês de Souza; em Niterói, no Rio de Janeiro, um Oliveira Vianna. É muito provável que o texto tenha sido escrito e republicado dentro do período de 1922 a 1926, em pleno *estado de sítio*; senão, vejamos a referência do próprio autor a tal momento de tensão política. Primeiro, sugere a inserção de Vianna numa espécie de *laboratório de análise sociológica*, elogia os nomes citados por dominarem os bons métodos de estudo.

O objeto de estudo é o nosso povo, sua contextura, os movimentos que nele se operaram e se operam, a dose de eugenismo de vários fatores, o modo por que se comportam na reação contra o meio físico – formação e evolução, em suma, do povo brasileiro.¹⁹⁶

Em seguida, cita *algo nuevo* nas letras brasileiras, com as obras de Vianna, embora num contexto um tanto conflituoso. Antes de citar mais uma vez o sociólogo, metaforiza o republicanismo e o federalismo, embebidos da efeméride federalista dos Estados Unidos da América.

Quando veio a República e os constituintes se meteram à tarefa de coser para o país um novo terno constitucional, nenhum se lembrou de tomar medidas ao corpo do gigante nu, recém-despido do casacão monárquico. Importaram dos Estados Unidos uma roupa feita – muito bem cosida, de muito bom pano, lindo corte, mas com o grave defeito de não servir para o gigante. Vem daí que para que as coisas funcionem é mister um periódico despi-lo e enfiá-lo na camisola de força do estado de sítio.¹⁹⁷

Fechando seu artigo sobre os futuros *cérebros* brasileiros, deixa mais uma sugestão à elite do seu país – elite que, para Lobato, era uma conjunção de altos valores morais, aptos, portanto, a exercer os postos mais elevados do poder.

¹⁹⁵ LOBATO, J. B. M. **Opiniões**. In: _____ **Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital**. São Paulo: Brasiliense, 1948. (Literatura Geral. Obras Completas, vol. 8), p.141.

¹⁹⁶ Ibid., pp. 150-1.

¹⁹⁷ Ibid., p. 152.

Para a treva só há um remédio, a luz. A treva em matéria de inteligência tem o nome de estupidez. Idéias claras, ciência: eis a única luz que bate a treva da estupidez. Quem elabora idéias claras como as de Oliveira Vianna, ciência de verdade com a sua, não pode deixar de ser um dos gânglios pensantes do cérebro da nação. Os homens de hoje não percebem isso. Mas os do futuro far-lhe-ão justiça.¹⁹⁸

Werneck Sodré lembra-nos o clima tortuoso do estado de sítio para a oligarquia, seguindo uma lógica de situações bélicas e políticas, do ponto de vista territorial. A imprensa não podia se fazer notar; até mesmo em silêncio, definia a sua posição de subserviência. Mas era comum, no entanto, que se operasse a clandestinidade.

A 5 de julho de 1924, em S. Paulo, novo movimento militar irrompia; a 28, revoltosos abandonavam a cidade, já bombardeada e ante a iminência de fechar-se o cerco das forças legais; a 24 de outubro, o capitão Luís Carlos Prestes levantava a guarnição de Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul; em fins de dezembro, rompia o cerco nos arredores de S. Luís; a 21 de janeiro, travava-se o combate de Formigas e, entre 26 e 30 de março, o e Catanduvas; a 30 de abril, finalmente, cortando o território paraguaio, a Coluna Prestes irrompia em Mato Grosso, começando sua longa peregrinação pelo interior do país, durante os anos de 1925 e 1926, para internar-se na Bolívia a 3 de fevereiro de 1927. Durante esse tempo, levantes isolados surgiram em diversos pontos, logo reprimidos, mas o clima de rebeldia era endêmico. Com a imprensa empresarial peiada pelo estado de sítio, surgiria a imprensa clandestina. [...] Sob o sítio, com a imprensa amordaçada, a inquietação política prosseguia: a República oligárquica aproximava-se inexoravelmente do seu fim.¹⁹⁹

Todo esse clima envolvendo Lobato – direta ou indiretamente – também pôde ser captado no artigo de Venâncio²⁰⁰, que resgatou as correspondências trocadas entre Lobato e Vianna. Curiosamente, 17 anos sem qualquer encontro pessoal – apenas de maneira epistolar. As cartas revelam que a amizade se solidificou, extrapolando até a relação editorial – lembremos que Lobato editou algumas obras do sociólogo; porém, foi um tanto sacrificada pelas posturas políticas dos dois. Não que fossem díspares, mas, na época, talvez, constrangedoras. Ao solicitar a falência da sua empresa em 1925, dois meses depois criou, em sociedade, a Companhia Editora Nacional – fato que acabou viabilizado as edições de Vianna, já que a empresa estava localizada no Rio de Janeiro. Assim registra Venâncio:

O primeiro livro de Vianna lançado pela editora em 1930 foi *Problemas de política objetiva*, uma coletânea de artigos publicados nos principais jornais do país entre 1918 e 1928. Embora este tenha sido um livro importante na

¹⁹⁸ Ibid., p. 153.

¹⁹⁹ SODRÉ, N. Werneck. 1977, pp. 413-4.

²⁰⁰ VENANCIO, 2004, pp. 111-37.

carreira de Vianna, sua relação com a Companhia Editora Nacional não foi determinada pelo lançamento de obras isoladas como esta, mas, ao contrário, pela sistemática reedição de suas obras na “Brasiliiana”, coleção criada pela editora em 1931 e considerada uma das mais importantes do país.²⁰¹

Como Vianna acabou aderindo ao governo Vargas, como consultor jurídico do Ministério do Trabalho, inicia-se a fase do *desencanto*, como sugere Venâncio – ao se debruçar mais especificamente sobre o tema, o que não é o nosso caso. Procuramos, assim, exemplificar algumas passagens do nosso ator político escolhido e sugerido como *visionário*. Eis um trecho citado de uma das cartas de Lobato a Vianna, justamente quando este começa a sua *missão trabalhista* (e *varguista*): “*Teu cartão veio provar-me que, como homem que se mumifica dentro de um ministério do trabalho, tens forçosamente de ignorar o que o trabalho anda a operar ao redor de ti.*”²⁰²

No Estado Novo, nota-se esse ar de revolta ou desapontamento diante de um governo que atravancava as empreitadas do escritor – no caso, como também um empreendedor no ramo petrolífero. No final de 1938, sem perder seu ar de ironia, Lobato se dirigia ao amigo para fazer um pedido, sobre a União Jornalística Brasileira²⁰³, que estava requerendo a organização de uma feira permanente de amostras em São Paulo e em prol da causa do petróleo. O teor irônico de Lobato revela o quanto os dois amigos se distanciavam, justamente por situações políticas conflitantes.

O correio do Estado Novo descobriu meios de dilatar para 9 dias o trajeto de uma carta daí para aqui. Se no zodíaco tivesse o signo do Kagado, não seria outro o escolhido para o nascimento do Estado Novo. Quando te falei dos mistérios insondáveis da burocracia esotérica não calculei que estava próxima a vinda de mais uma documentação dos cujos. O despacho que S. Ex.^a deu, como vejo de tua carta, foi deferido em termo. [...] Se isso não é esoterismo integral, não sei o que seja! [...] Fiquei na mesma. Que termos? Se é a parte de lá que fala em termos e sabe de termos, por que não os declara logo? Voltaire mandava que antes de qualquer debate se definisse os termos. A burocracia esotérica que nos felicita não segue o precioso conselho de Voltaire. Não define os termos...²⁰⁴

²⁰¹ Ibid., pp. 121-2.

²⁰² Ibid., pp. 131.

²⁰³ Sob a direção de Lobato. VENANCIO, V. CAVALHEIRO, 1955.

²⁰⁴ VENÂNCIO, 2004, pp. 132-3.

A função polemizadora de Lobato teria o seu ponto final apenas em 1941, quando foi punido a seis meses de prisão pelo Tribunal de Segurança Nacional. O sonho mais combatido de Lobato era *devolver* ao Brasil o que ganhou em Nova York e com *juros fabulosos: dar ferro e petróleo ao Brasil*.²⁰⁵ Foi nos EUA que Lobato pôde descobrir-se como o *visionário*. Em 1928, o jornal *Times* anunciava que a estação WCFW inauguraria comercialmente a irradiação de imagens: *O sonho que localizei em séculos futuros encontro realizado aqui*.²⁰⁶ E mais: acreditava que havia *morrido* literariamente. Talvez por isso e pelo seu envolvimento com outros projetos, ficou em silêncio editorial até 1930: *Porque a minha vocação pela metalurgia é muito maior que a literária*.²⁰⁷

Não se sabe ao certo sobre a simpatia de Lobato, especificamente nesta época, aos grupos comunistas; porém, Hélio Silva nos lembra o depoimento de Alberto Araújo, o homem escolhido para presentear Luís Carlos Prestes – já fixado na Bolívia – com alguns livros. Teriam tais autores sabido dessa missão político-intelectual? Não podemos deixar de lado ao menos uma hipótese de que o governo Vargas estivesse suspeitando de um suposto envolvimento de Monteiro Lobato com os grupos revolucionários de esquerda – mesmo que esse envolvimento fosse *apenas* para ofertar alguns livros de sua autoria. Lembremos, mais uma vez, que Lobato estava morando nos Estados Unidos, como funcionário do governo brasileiro.

Quando a Coluna, maltrapilha e faminta, portando armas descalibradas e as últimas dezenas de balas, quase imprestáveis, cruzou a fronteira bolívianna, Prestes perdeu o contato com o Brasil. Foi um jornalista, Luís Amaral de *O Jornal*, o primeiro a localizá-lo, narrando o encontro em uma entrevista de larga repercussão. Prestes deu-lhe a pistola com que fizera a campanha.

Homiziado em São Paulo:

‘[...] Siqueira decidiu enviar emissário de sua absoluta confiança a Guaíba, na Bolívia, para se entender com Prestes. Foi escolhido Alberto Araújo, que seguiu em dezembro de 28, levando vários sacos contendo uma pequena e escolhida biblioteca, os livros de escritores brasileiros vivos foram quase todos ofertados pelos seus autores. Mário de Andrade, Osvaldo de Andrade, Plínio Salgado que mandou *O Estrangeiro* com delicada dedicatória, Graça Aranha, Afonso Schmidt, Monteiro Lobato, etc.’²⁰⁸ Quem organizou a pequena biblioteca foi o escritor Jaime Adour da Câmara.

²⁰⁵ Op. cit., p. 302.

²⁰⁶ Op. cit., p. 309.

²⁰⁷ Op. cit., p. 312.

²⁰⁸ GRIFO NOSSO.

Embora de caráter literário, a coletânea tinha livros marxistas. Nela estava Plecanof, com *Questões Fundamentais do Marxismo*.²⁰⁹

Numa de suas últimas cartas escritas de Nova York, Lobato, ao tempo em que confessa a sua investida frustrada na Bolsa de valores em 1929, diz que vai *ressuscitar literariamente* e não esconde a sua vontade de ganhar dinheiro com os livros: *Só me volto para as letras quando o bolso se esvazia [...]*²¹⁰ Em 1931, de volta a São Paulo, anima-se com a possibilidade de trabalhar com investimentos na siderurgia. Assim ele se reporta ao amigo:

Vai bem este grande negócio. Tenho diante dos olhos amostras do maravilhoso aço produzido com ferro esponja que obtivemos nas experiências do Rio. Aço de lâmina Gillette, coisa que nunca houve no Brasil!

Amanhã entra a nossa proposta de governo, num tremendo relatório técnico de 90 páginas, que exaure a questão. Sindicato Nacional da Indústria e Comércio, chama-se a nossa companhia. Mas nem vale a pena falar nisto: pensas que é literatura de ficção...

Quanto ao petróleo, continuo com esperanças de dá-lo ao Brasil num ano ou dois. Estou imprimindo um prospecto para o lançamento da Companhia Petróleos do Brasil. Primeira fase: pequeno capital só para as experiências com o aparelho Romero, o *Indicador de Óleo e Gás*. Bem sucedidos que sejamos, virá a companhia perfuradora e exploradora – e havemos de afogar em petróleo este país que nega as verdadeiras riquezas que tem.²¹¹

Até parece que Lobato, no seu *exílio na América* – como era de hábito seu chamar os Estados Unidos da América – não tomou conhecimento da chegada de Vargas ao poder em 1930. Será que, se residisse em solo brasileiro, em meio às inquietações, aos levantes urbanos e a toda sorte de confabulações políticas, teria voltado com tantos ideais? Após 1929, com a crise da Bolsa de Nova York – incluindo a própria frustração de Lobato – o Brasil assistiria ao começo da ascensão de um homem público, Getúlio Vargas, que, aos poucos, por efeito de um golpe ou de uma estratégia necessária para a sua fixação no poder, *militarizou* a consciência política de um país ainda em crise financeira. É assim que Werneck Sodré se reporta ao fato:

²⁰⁹ SILVA, Hélio. **1930 – A Revolu o Traída**. Rio de Janeiro: Civiliza o Brasileira, 1966. (O Ciclo de Vargas – Volume III). Col. Documentos da História Contemporânea – Vol. 11 B. pp. 136-7. O trecho citado por Silva   o depoimento de Alberto Araújo.

²¹⁰ LOBATO, J. B. M. **A Barca de Gleyre**, t. 1, pp. 319-20.

²¹¹ Op. cit., pp. 324-5.

A recuperação econômica do Brasil, com a clara aparição e o vigoroso funcionamento dos novos fatores, deu grande relevo à figura de Getúlio Vargas, posto no poder pela Revolução de 30, primeiro movimento brasileiro de rebeldia que, partindo da periferia, conseguiu impor-se no centro, e também o primeiro que representaria características nacionais, irrompendo em várias regiões do país. Enquanto as forças políticas se preparavam para dar ao país uma nova Constituição, o governo de Vargas pôs em evidência a luta entre a classe senhorial, entrincheirada no latifúndio e participante da revolução, e a classe média, que foi um de seus elementos dinâmicos. A Carta de 1934 refletia ainda esse desencontro. Mas a classe trabalhadora, que recebera a revolução com simpatia, ainda que sem participar dela, desde as greves de 1917 havia alcançado um nível político relativamente importante e começava agora a representar no panorama político um papel próprio. A heterogeneidade das correntes representadas na revolução se refletia, com razoável aproximação, na variedade de forças atuantes.²¹²

Em 1934, a vontade de Lobato, de gerar riqueza com os recursos naturais do Brasil, encontrava a barreira da racionalidade num conturbado momento político. Será que a cúpula do governo Vargas não sinalizava já um antagonismo às idéias lobatianas? O próprio Lobato deixou em aberto tal questão, numa de suas cartas a Rangel, afirmando que as perfurações estavam em marcha, como se fosse dar *cocada a uma criança*; seu senso de observação, porém, impunha uma condicional: *Se o governo não me atrapalhar, dou ferro e petróleo ao Brasil em quantidades rockfellerianas*²¹³. Tal condicional sinalizava, portanto, o seu silêncio forçado na prisão, em 1941. Após sua liberdade, o desestímulo é relatado ao amigo:

Nem livros novos para crianças tive coragem de fazer este ano, apesar de ter na cabeça idéias magníficas. Vem vindo a indiferença por tudo. Se eu for para a Argentina, talvez ainda bruxoleie antes de apagar-me completamente. Aqui nesta terra, nem ânimo de bruxolear eu tenho. Não vale a pena. Depois que me vi condenado a 6 meses de prisão, e posto numa cadeia de assassinos e ladrões só porque teimei demais em dar petróleo à minha terra, morri um bom pedaço na alma. Espero que seja esse o meu último desapontamento. Nada mais empreendo, não correrei risco de nenhum outro.²¹⁴

²¹² SODRÉ, N. W. **Evolução Social do Brasil**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS; MEC/SESu/PROEDI, 1988. (Síntese Universitária), p. 85.

²¹³ Op. cit., p. 328.

²¹⁴ Op. cit., p. 335.

4 *Pirlimpimpim* e outras soluções políticas

Não dizer o que é verdadeiro e dizer o que é falso são duas coisas muito diferentes, mas de que pode, contudo, resultar o mesmo efeito; pois esse resultado é certamente o mesmo todas as vezes que esse efeito é inexistente.²¹⁵

A complexidade do sistema político na Primeira República parecia surgir na obra lobateana, como se o escritor fosse um estopim para algumas discussões, como o equilíbrio financeiro do mercado editorial brasileiro, o sentimento nacionalista em resgatar a imagem do trabalhador, o empreguismo, a capacidade do país em explorar os próprios recursos naturais.

O imaginário da época era permeado por elementos conservadores, dos quais o próprio Lobato participava, de uma forma ou de outra, isto é, voluntária ou involuntariamente. Podemos dizer, com base nas suas obras, de 1921 a 1947, que a ação de participar mais abertamente, ou seja, envolvendo-se nas discussões, opinando sem receio de ser criticado, seria mais forte em Lobato. Foi o traço conservador, no entanto, que pareceu estabelecer um diálogo com o público infantil, de maneira a ensinar a este que o *futuro* político no Brasil poderia ser outro; aliás, um sistema político melhor, no qual o Estado não ocultasse suas intenções em relação à sociedade.

O Sítio do Picapau Amarelo serviu de exemplo para crianças que, por diversas razões, quiseram conhecer o autor das histórias – das mais prováveis às menos aceitáveis do ponto de vista materialista. Trafegar pelo aspecto sagrado ou *sacralizador* da sociedade pode ter sido um desafio significativo à época.

A família do sítio era capitaneada por uma mulher, Dona Benta, que se responsabilizava por manter a *ordem* no lugar e aconselhar as crianças, todas acreditando no mundo sobrenatural, daí a incursão de Lobato pelo realismo mágico²¹⁶, que quase quarenta anos depois viria a ser reconhecido como um gênero

²¹⁵ ROSSEAU, 1986, p. 57.

²¹⁶ PAUWELS, Louis; BERGIER, Jacques. pp. 7-23; 369-440; TODOROV, Tzvetan, pp. 175-6.

literário, associado ao romance, ao conto, à novela, ao teatro, à poesia e outras manifestações da palavra escrita.

Lobato, ao tentar argumentar, metaforicamente, às crianças do sítio sobre o papel de uma pequena sociedade matriarcal, ensaiava uma valorização da figura da matriarca como a voz dominante e, portanto, com a função de aconselhar ou doutrinar. Seria um tipo de exercício autoritário, auxiliado pela capacidade criadora e fantasiadora dos personagens que circulam por toda a obra infantil.

Um dos estudos sobre a participação política de Lobato e sua produção literária, originalmente tese de doutoramento pela New York University, dedica-se à participação do escritor no Modernismo, o mesmo período inscrito na História da Literatura Brasileira como um anunciador de novas posturas estéticas, com fundo sócio-político. Landers não deixa de mencionar a inserção de Lobato, em tal período, no universo infantil:

Em 1921 com a publicação de *Narizinho*, o autor paulista iria construir para as crianças um mundo livre, utópico, baseado na sua “desadoração” aos sistemas rígidos. O Sítio do Pica-Pau Amarelo é simbólico do Brasil que ele queria para todos os brasileiros. [...] O Sítio é também o Brasil característico com a sua comida, o seu folclore, a sua história e sobretudo a sua língua coloquial e oral. É o Brasil que os modernistas só foram descobrir depois da Semana.²¹⁷

Se, para apresentar certos problemas, inseridos no imaginário de alguns autores, Monteiro Lobato utilizou a figura matriarcal para *doutrinar* as crianças, como deixar que esses mesmos problemas fossem avaliados pelos pais das crianças? Supomos que os pais que podiam comprar livros, à época, sobretudo pertenciam à elite, que sabia dominar a língua portuguesa, ou seja, eram alfabetizados. Qual seria a possibilidade de o escritor proporcionar ao leitor um panorama das suas convicções? Ora, nas vozes dos personagens.

Alguns autores abordam essa problemática, principalmente do ponto de vista literário, isto é, de como o autor emana de uma suposta vontade de polemizar,

²¹⁷ LANDERS, 1988, pp. 27-8. A autora grafou a palavra *Picapau* como dois nomes próprios, formando uma palavra composta, fato que destoia das versões de Lobato. Trata-se de uma só palavra e com significado próprio: uma espécie de espingarda, que, por sinal, era considerada a “arma” simbólica de Pedrinho.

juntamente com as suas obras, não somente com artigos de jornais. No caso da Literatura Infantil lobateana, podemos observar essa forma de polemizar em forma de realismo, mas com um forte traço mágico – mesmo nas entrelinhas. Seria uma maneira de lidar com problemas reais, mas um tanto amenizados, já que as crianças estariam ainda despreparadas intelectualmente?

Podemos citar um exemplo, o qual nos remete, inclusive, ao título deste trabalho. Ao apresentar Shakespeare às crianças, Lobato utiliza uma das obras teatrais do autor inglês mais ligadas ao fantástico ou às sendas do realismo mágico, segundo o que encontramos de teoria sobre o gênero²¹⁸. Ora, e o que seria mágico, ao se diferenciar do fantástico? Estariam as duas expressões literárias – talvez poéticas numa amplitude estilística – interligadas no universo simbólico de Monteiro Lobato? O que teria de atrativo em **A Tempestade**²¹⁹ poderia ser a simpatia do povo brasileiro pelo sobrenatural, pelo irreal ou por manifestações lendárias, transportas para um gênero literário. Como ator político, Lobato não se distanciava dessas representações e, por sua vez e por sua amplitude intelectual e elitizada, conseguia observar as diversas manifestações de fé e da cultura da fé dentre os seus leitores.

A linha sutil entre opressão e liberdade parece desvendar, na obra citada de Shakespeare, algumas angústias de Lobato. É nesse clima opressor e ansioso por uma libertação de conceitos que Lobato publica **O Escândalo do Petróleo** (1936). Cinco anos depois, o Estado resolve conduzi-lo à prisão, durante quatro meses.

A intervenção do personagem Próspero no destino de um grupo, com o auxílio de Ariel²²⁰, seu fiel espírito que clamava pela liberdade, parece-nos lembrar da luta que Lobato teria que travar, principalmente denunciando a infiltração dos *trustes* norte-americanos no Brasil. Seria um clamor pela liberdade plena para uma atuação político-econômica ou uma libertação do domínio de representantes norte-

²¹⁸ PAUWELS; BERGIER (1969) ; TODOROV, Tzvetan (1992).

²¹⁹ SHAKESPEARE, W. Obra provavelmente datada do século XVII. Lobato a cita em **A Rainha Mabe**, in: LOBATO, J. B. M., **Histórias Diversas e Viagem ao Céu**. São Paulo: Brasiliense, 1969, 18ª ed, pp. 680-3.

²²⁰ Op. cit.

americanos no país?²²¹ Na voz de Dona Benta, Lobato ofereceu algumas pistas sobre o que considerava dos próprios personagens, à luz da admiração pelo olhar shakespeareano:

- [...] Que é Emília, senão uma Arielzinha? O faz-de-conta de Emília vale por todas as varas de condão. E o pó de pirlimpimpim e o superpó do Visconde? E Pedrinho, com o seu caráter tão bonito? O sábio Próspero na idade de Pedrinho, devia ser igual ao meu neto.²²²

Qual seria o perigo que Lobato estaria *antevendo* ou imaginando, diante das circunstâncias políticas vividas por sua geração? Como nos faz lembrar Octavio Ianni, num dos seus estudos sobre o imperialismo e as implicações culturais:

Nas relações imperialistas, a indústria cultural desempenha papéis especiais, além dos que desempenha na sociedade dominante. A indústria cultural do imperialismo está constantemente voltada tanto para o proletariado quanto para a burguesia e a classe média do país dependente. As forças militares e policiais dos países subordinados são um alvo constante e prioritário dessa indústria. Esta se volta para a conquista e reconquista, indefinidamente, de uns e outros, das suas concepções, organizações e lideranças, a fim de que as próprias relações imperialistas possam continuar a reproduzir-se.²²³

Se o *locus* do caboclo, a zona rural, não parecia apropriado para que o *jeca* se absorvesse pelo caráter político-econômico de civilização, por que, então, a trajetória literária infantil do autor aponta como paraíso social, ou como o mais próximo ao ideal para a vida em sociedade, a vida *ruralizada*? Será que o projeto nacionalista de Lobato, o Sítio do Picapau Amarelo, teria se desenvolvido diante de uma fuga à idéia central de retratação do homem da zona rural?

Os caminhos que Monteiro Lobato percorreu ou experimentou, política e economicamente, sinalizavam um sentido nacionalista. Depois de sofrer a angústia da incompreensão por parte do público, a maioria servil a questões político-partidárias, Lobato resolveu mergulhar no imaginário infantil. O que parecia uma simples incursão pelo universo simbólico da criança passou a ser concebido como uma missão lobateana, algo que se traduzia por sua participação decisiva em alguns

²²¹Podemos notar, com uma certa ênfase, a reunião de artigos polêmicos em **Ferro** (1931), **Na Antevéspera** (1933) e **O Escândalo do Petróleo** (1936) – este, aparentemente, o mais conhecido e mencionado por estudiosos de Lobato e sua época.

²²²LOBATO, 1969, p. 682.

²²³1976, p. 26.

movimentos, como a luta por petróleo e ferro e, antes, a consolidação de um mercado editorial. Foi neste mercado, no entanto, que o escritor se tornou mais respeitado. Talvez por isso a sua dedicação diferenciada às obras infantis.

O Sítio do Picapau Amarelo, considerado por alguns estudiosos como o projeto nacionalista de Lobato, ecoava nos admiradores infantis, mas ressoava nos adultos. Essa sonoridade estilística era peculiar em Lobato, que mantinha a sua linha radical, mas não deixava de se reconhecer como intelectual. O conjunto de metáforas, incluindo a construção dos personagens e a ambientação das histórias, traduzia um autor incompreendido pelos adultos – e preocupado em se fazer compreender por uma geração ulterior.

As cartas a seu amigo Godofredo Rangel, com o qual manteve correspondência durante quarenta anos, revelavam justamente essa intenção, mesmo adornada com um tom metafórico e, às vezes, fantasioso²²⁴. Antes de mergulhar num embate político com a ditadura Vargas, Lobato, dirigindo-se ao seu público infantil, acreditava estar formando uma nova geração de leitores e reafirmava seu estilo, ainda a ser plenamente descoberto.

- Era uma vez um gato – começou o visconde. Mas um gato à-toa de roça, um gato que não valia coisa nenhuma, além de que nascido com muito maus instintos. Se fosse um gato sério e decente, eu teria muito gosto em o declarar aqui, mas não era. Era o que se chama – um gato ladrão. E porque era um gato ladrão, ninguém queria saber dele. Na casa onde nasceu, logo descobriram a sua má índole o tocaram para a rua com uma boa sova. O gato saiu correndo e foi morar numa casa bem longe da primeira, dizendo que o seu dono tinha morrido e que ele era o melhor caçador de ratos do mundo. Todos acreditaram nas palavras do mentiroso e o deixaram ficar. Mas tão ordinário era esse gato, que em vez de corrigir-se e viver vida nova, continuou com maroteiras. Na primeira noite que dormiu nessa casa foi à cozinha e roubou um pedaço de carne que a cozinheira havia guardado para o dia seguinte. Roubou e ficou quietinho, deixando que a cozinheira pusesse a culpa numa pobre negrinha e a castigasse com vara de marmelo.²²⁵

4.1 Memórias do Lobato ou da Emília?

²²⁴ LOBATO, 1944, op. cit.

²²⁵ LOBATO, 1948, pp. 218-9. [1927]

Como não babaria de gozo Maquiavel, se ressuscitasse!²²⁶

A década de 30 parece ter sido para Monteiro Lobato um vasto relato de personagens que o instigavam a refletir sobre o poder, de diversas formas, as quais, na maioria das vezes, migravam para o lado irônico, cômico ou satírico. Na epígrafe deste tópico, destacamos de **O Escândalo do Petróleo** (1936) uma frase que nos fornece alguma pista sobre o tom de Lobato naquela ocasião. Parece-nos pontual, mas, radicalmente, expõe sua convicção sobre o caso da exploração dos recursos minerais do país.

A rixa com o governo Vargas já vinha se avolumando anos antes, logo após a chegada de Lobato dos Estados Unidos. Em 1931, publica **Ferro**, sugerindo que o país merecia uma poderosa infra-estrutura para a exploração siderúrgica; ao mesmo tempo, punha-se frontalmente contra as idéias do grupo varguista no poder. Em 1935, publica, pela Companhia Editora Nacional, da qual permanecia como sócio, **A luta pelo petróleo**, de Essad Bey. Na obra, assina o prefácio, denunciando a falta de eficiência do Serviço Geológico brasileiro.²²⁷

Além disso, concedia entrevistas, palestras e enviava cartas às autoridades, incluindo o próprio presidente Getúlio Vargas. O trecho desta carta, logo adiante, de 5 de maio de 1940, pode significar uma certa astúcia – já que também se seguiam explicações históricas do caso do petróleo, que veio à tona com **O Escândalo do Petróleo**, quatro anos antes. Se a prisão de Lobato foi em 1941, tal *astúcia* não poderia significar também um convite à sua punição pelo Tribunal de Segurança?

O Petróleo! Nunca o problema teve tanta importância; e se com a maior energia e urgência o senhor não toma a si a solução do caso, arrepender-se-á amargamente um dia, e deixará de assinalar a sua passagem pelo governo com a realização da Grande Coisa. Eu vivi demais esse assunto. No livro O ESCÂNDALO DO PETRÓLEO denunciei à nação o crime que se cometia contra ela – e com a maior dor de coração vejo hoje que o *oficialismo persiste nesse crime*, e agora armado duma arma que não existia antes: o monstruoso tanque chamado CONSELHO NACIONAL DO PETRÓLEO.

Dr. Getúlio, pelo amor de Deus ponha de lado a sua displicência e ouça a voz de Jeremias. Medite *por si mesmo* no que está se passando. Tenho a

²²⁶ LOBATO, 1948, vol. VII, p. 47.

²²⁷ VENÂNCIO, 2004, p. 132.

certeza de que se assim o fizer, tudo mudará e o pobre Brasil não será crucificado mais uma vez.²²⁸

Parece-nos saliente o que Garcia, no seu estudo sobre ideologia e propaganda política no Estado Novo (1937-1945), lembra-nos com clareza sobre o clima da época, dentro de um sistema organizado, gerenciado e fiscalizado pelo governo.

A neutralização das iniciativas ao nível da sociedade, substituída pela direção do Estado, se estendia, também, à instância cultural. A censura estabelecia os limites do que poderia ser produzido e divulgado através do teatro, cinema, funções recreativas e esportivas de qualquer natureza, radiodifusão, literatura e imprensa.²²⁹

No mesmo ano de **O Escândalo do Petróleo**, é publicada uma das obras mais reveladoras do imaginário refletido em Monteiro Lobato: **Memórias da Emília**. Era como se estivesse traçada uma linha imperceptível: de um lado, o *escândalo* para os pais das crianças; do outro, a fantasia das *memórias* de uma boneca de pano. Nesta outra vertente do público – a princípio, reservada às crianças – podemos conferir esse mesmo sentimento de radicalismo, aliado à comicidade.

A obra infantil lobatiana, nesse período destacado para o nosso trabalho, discute, mesmo nas suas entrelinhas, um conjunto metafórico dedicado a um público-leitor ainda na sua formação moral e intelectual. Nossa suspeita é a de que, para se fazer entender pelos pais das crianças, Lobato procurou *amenizar* seu discurso, mas, de certa forma, orientando o público, tanto o adulto quanto o infantil, a certos princípios éticos defendidos pelo escritor. Alguns desses princípios surgem na obra como momentos vividos por Lobato, durante a sua formação familiar. O culto à família, incluindo a obediência aos pais, parece ser os norteador do discurso, mas, de maneira instigante e polemizadora, assim como o temperamento e o comportamento do escritor²³⁰.

A obra infantil lobateana, na década de 30, pode se destacar em quase todo o período, no que diz respeito às questões que estamos levantando ao longo deste

²²⁸ LOBATO, 1948, vol. 7, p. 168-9.

²²⁹ GARCIA, 1982, p. 68. O autor cita: Decreto-lei n.º 1915/39, art. 2.º, letra “c”, in Lex, 1939, pp. 666-

7.

²³⁰ CAVALHEIRO, 1955.

trabalho; porém, é importante mencionar que algumas das obras parecem mais provocadoras de alguma reação da sociedade. Ou seria para provocar uma reação que desembocaria no poder estatal? A década começa para o Brasil com uma revolução que selaria a seqüência de conflitos políticos; para Lobato, editorialmente, com a história do menino que não concordava em crescer, **Peter Pan**²³¹.

Ao sugerir uma reflexão para o pequeno leitor sobre a vontade de *crescer* de tamanho físico e moral, estaria Lobato querendo provocar os pais das crianças sobre o assunto? E que tal pensarmos sobre o crescimento do país? Como tradutor, Lobato ousou mesclar os personagens, levando o garoto inglês para passear no sítio gerenciado por Dona Benta e animado por situações, as mais estranhas possíveis, aos olhos de um adulto que talvez não quisesse ou não pudesse entender outras facetas do discurso, além de um mundo *encantado* de cenas fantásticas ou sobrenaturais.

Pedrinho avisava o destino; o qual, não seria por acaso o detentor de um arremate moral: “*Sem cheirar este pó nunca chegaremos ao País das Fábulas. [...] Hoje vamos apenas dar um pulinho ao País das Fábulas para apresentar vovó ao senhor de La Fontaine.*”²³² Temos, então, em **O Pó de Pirlimpimpim**, publicado também em 1930, um exemplo para começarmos a pensar, neste capítulo, sobre a intenção de Lobato em apresentar mundos paralelos aos seus leitores infantis.

O artifício - o pó – seria apenas uma ilustração para a estabilidade mítica da narrativa? Talvez possamos entendê-lo como a ligação subjetiva do autor com o mundo dos contos de fadas, abertos a encantamentos com artifícios ou dons sobrenaturais. Neste caso, a onomatopéia sugerida num neologismo lobateano ainda trata de enriquecer a visualização da idéia central, a mudança de lugar ou a mudança de concepção de um lugar ainda não detalhado, mas almejado.

Ao apresentar o efeito do *Pirlimpimpim* às crianças não teria Lobato proposto um ou mais momentos de ousadia política? Em 1931, ano em que publica **Ferro**, espécie de libelo em favor de uma indústria siderúrgica nacional, as aventuras iniciais dos

²³¹ LOBATO, 1948, vol. V. [1930].

²³² LOBATO, 1969. 22.^a ed, p. 279.

personagens do Sítio do Picapau Amarelo ganham uma nova edição, desta vez com a coletânea **Reinações de Narizinho**. No ano seguinte, a obra é reeditada; fato, talvez, que prepararia o público para o lançamento, em 1934, de uma das obras mais ousadas de Lobato, que, para o universo infantil dos livros, apresenta a sua idéia de *brasilidade* ou de uma língua portuguesa, o mais próxima possível do *falar* brasileiro: **Emília no País da Gramática**.

Não estamos, portanto, distantes do mesmo autor que falou do mesmo assunto, vinte anos antes, mas num cenário mais real ou mais próximo da realidade a qual assistia. **Urupês** (1918) seria, ao que nos pareceu, um exercício de indignação, seguido de **Idéias de Jeca Tatu** (1919), que deixou claro o que Lobato queria dizer quando se referia ao Brasil, ou seja, que o país necessitava, e com urgência, de tratar da sua mão-de-obra, a maioria debilitada, sem perspectivas de melhoria econômica. Na obra infantil lobateana, não estamos distantes do nacionalismo defendido pelo escritor. É a década de 30 também que tem início a incursão de Lobato pela mitologia grega, trabalho que encerraria o conjunto das suas obras infantis pelo Brasil²³³.

Neste tópico, traremos à discussão alguns pontos que circundam a nossa hipótese, distribuídos, em suas particularidades, em **Memórias da Emília**. Encontramos na obra citada um farto material sobre o que Lobato teria a dizer, segundo seus preceitos autoritários, camuflados de profunda indignação com a ordem estabelecida pelo período Vargas. A complexidade das memórias da principal personagem do Sítio do Picapau Amarelo começa pela própria decisão em escrever ou, mais que isso, procurar ser o foco de uma obra autobiográfica. O desafio estava proposto: a produção em si mesma, ou seja, o exercício em hierarquizar informações, descrever vivências reais e entrecruzar conflitos e outros personagens – literalmente, no tempo e no espaço.

Como podemos evidenciar essa angústia de Lobato, transformada na fantasia de uma boneca de pano? Em primeiro lugar, podemos lembrar das correspondências

²³³ Em 1947, são publicadas, na Argentina, pela editora Códex: **Uma Fada Moderna, A Lampreia, No Tempo de Nero, A Casa da Emília** e o **Centaurinho**. CAVALHEIRO, 1955; AZEVEDO, C. L. de, CAMARGOS, M.; SACCHETTA, V. 1997

trocadas entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel. O material foi compilado em **A Barca de Gleyre**, em dois volumes, e serviu de fonte para vários trabalhos acadêmicos que procuraram tratar a narrativa epistolar como um forte indicador ou revelador de características não totalmente à mostra nas obras. Justamente essas características, chamemos aqui como detalhes íntimos ou situações mais pessoais ou secretas, que foram questionadas por Lobato, tão logo o seu amigo e colega de faculdade de Direito propusesse.

Memórias, para Lobato, seriam algo parecido com chiste, anedota, mais próximo, talvez, à dissimulação. Pode parecer exagero da nossa parte, mas é o que consideramos mais encaixados aos indícios que encontramos na coletânea de cartas, publicadas mais de 30 anos depois do primeiro pedido de Rangel ao amigo Lobato.

Em setembro de 1916, Lobato afirmou ao amigo que era absurda a idéia de publicação. No mês seguinte, reafirmava e, num tom um tanto receoso, justificava: “... são, afinal de contas, nossas memórias íntimas – mas memórias só para nós.” (1944, v. 2, p 72) Esta foi uma das muitas respostas negativas de Lobato a Rangel sobre a publicação das cartas.

Em 1943, entretanto, Lobato decide pela publicação e revela ao amigo que estava com todas as cartas *passadas a máquina*, revisadas e, enfim, prontas ao prelo. É assim que se dirige a Rangel, após sua decisão, numa atitude de reconhecimento e solidariedade pela participação na sua vida de *homem de letras* ao amigo juiz de Direito e seu leitor mais leal:

Creio que não há em literatura uma série tão longa de cartas entre duas vocações, sempre sobre o mesmo assunto e no mesmo tom.. Outra coisa está me parecendo: que na literatura fiquei o que sou por causa dessa correspondência.²³⁴

O material epistolar soava como um material memorialístico fidedigno ou mais próximo à realidade descrita por ambos; talvez por isso mesmo deve ter passado por uma criteriosa edição. Como nos lembra Luca, o diálogo de Lobato com Rangel:

²³⁴ LOBATO, 1948, t. 2, v.12; LUCA, 2004, p. 157.

[...] não resultou de um plano preestabelecido, tampouco narra eventos pretéritos, distorcidos ou modificados pela perspectiva do presente ou pelas falhas da memória, constituindo-se na mais sincera autobiografia que se poderia exigir [...] Ainda que não se possa imputar intencionalidade às missivas, é inegável que Lobato selecionou, ordenou, cortou, colocou notas e depurou o material, sem que se possa estabelecer o quanto interferiu nos próprios originais.²³⁵

A representação de si, pois, viria de forma epistolar, sem a preocupação imediata de esforçar-se para construir uma auto-imagem que seja perpetuada, ou seja, a função do que seriam as *memórias*. Mas, antes da publicação de **A barca de Gleyre** Lobato talvez necessitasse definir para o seu público o que, de fato, seria uma obra memorialística. Em 1936, para cumprir essa função de forma mais cômica, embora fantástica ou beirando o inverossímil, viriam as memórias da sua personagem mais autoritária, radical e arredia. Seria coincidência associar essas mesmas características a Lobato?

Memórias da Emília é um exemplo do que Lobato tinha a dizer sobre suas convicções, mesmo que aparentemente direcionadas a um público infantil. Lembremos que o livro mais polêmico de Lobato, que ensaiaria a sua crise com o governo Vargas, **O Escândalo do Petróleo** foi também publicado em 1936. Enquanto Lobato, com esta última, se dirigia ao público adulto, mais precisamente ao Estado, procurando provar a ineficácia do país na exploração de recursos minerais, falava às crianças, por meio da voz de Emília, sua personagem polêmica e instigadora de soluções criativas, mesmo que essa criatividade custasse o deboche dos seus amigos do Sítio.

As memórias são iniciadas com a argumentação de que o gênero é desenvolvido, até ser publicado, depois que o autor sente que “o dia da morte vem vindo.” Mas a boneca diz que não pretende morrer, e sim, fingir que morreu, o que seria, para a personagem, a única *mentira* das suas memórias. O tom moralizante de Lobato é realçado com a voz da matriarca da comunidade, Dona Benta, ao ensinar: “*Nada mais difícil do que a verdade, Emília.*”²³⁶ E a boneca retruca, definindo o gênero à sua maneira, ou seja, permitindo que vejamos o Lobato empresário, participante

²³⁵ Ibid.

²³⁶ LOBATO, J. B. **Memórias da Emília**, São Paulo: Brasiliense, 1969. 22.^a ed, p 439.

ativo do mercado editorial e, talvez, interessado em dar seu recado a personalidades que queriam se tornar célebres ou notáveis com a publicação memorialística.

Bem sei que tudo na vida não passa de mentiras, e sei também que é nas memórias que os homens mentem mais. Quem escreve memórias arruma as coisas de jeito que o leitor fique fazendo uma alta idéia do escrevedor. Mas para isso ele não pode dizer a verdade, porque senão o leitor fica vendo que era um homem igual aos outros. Logo, tem de mentir com muita manha, para dar idéia de que está falando a verdade pura.²³⁷

Maquiavel, com ironia, citado por Lobato em **O Escândalo do Petróleo**, como lembramos anteriormente, não parece ter sido ocorrido de maneira desinteressada. Estamos, na metade da década de 30, diante de um Lobato enfurecido com o poder estatal. Em **Memórias da Emília**, percebemos uma fantasia que não tem arremates tão felizes, mas conflitantes. O conflito ideológico entre verdade e mentira marcaria toda a obra, ora permeada de situações verossímeis – de certa forma, presas ao mundo real, materializado – ora ausente de qualquer pudor para provocar situações esdrúxulas.

Nada se torna esdrúxulo, porém, se passarmos a respeitar o público para o qual Monteiro Lobato falava, mais diretamente: as crianças. São estas as portadoras de uma certa compreensão que pode aceitar soluções estranhas ou as mais fantásticas possíveis. A abordagem do tema, antiga antítese que assola o imaginário do ser humano, não dispensou sequer o suposto ateísmo ou a verve de ceticismo que, na maioria das vezes, ocorria em Lobato. Vamos exemplificar com uma dose de ironia, na voz de Dona Benta:

- Acho graça nisso de você falar em verdade e mentira como se realmente soubesse o que é uma coisa e outra. Até Jesus Cristo não teve ânimo de dizer o que era a verdade. Quando Pôncio Pilatos lhe perguntou: 'Que é a verdade?', ele, que era Cristo, achou melhor calar-se. Não deu resposta.²³⁸

Para escrever suas memórias, Emília achou por bem *exigir* que Visconde de Sabugosa fosse seu secretário, uma espécie de *ghost writer*, que estivesse pronto para receber ordens. “*Faça o que eu mando e não discuta*”²³⁹, disse ela, após ouvir de Visconde uma reflexão sobre produzir memórias e aproximar-se do fim da vida.

²³⁷ Op. cit. p.440.

²³⁸ Ibid.

²³⁹ Ibid.

Em letras “graúdas”, ordenou que escrevesse: MEMÓRIAS DA MARQUESA DE RABICÓ.

O secretário da boneca sugeriu que se datassem certas situações, argumentando para a *dona* das memórias a importância de informações mais precisas. A boneca, de pronto, aceita o tom da narrativa, mas resolve suprimir as datas, justificando sua escolha: “*Isso é apenas para atrapalhar os futuros historiadores, gente muito mexeriqueira.*”²⁴⁰ Logo em seguida, tratou de esboçar a sua definição sobre os filósofos: “*É um bicho sujinho, caspento, que diz coisas elevadas que os outros julgam que entendem e ficam de olho parado, pensando, pensando. [...] Pensando que entenderam.*”²⁴¹

Parece-nos que, não somente nas **Memórias da Emília**, Lobato faz questão de nos mostrar sua provocação diante de argumentações ou elementos cristãos; ao mesmo tempo, diante de outra problemática por ele realçada: o mundo das crendices, superstições e ritos mais ligados à narrativa popular e, basicamente, oral. Parece-nos também que essas crendices, tão distantes do intelectual Lobato, faziam-se mais próximas, se avaliarmos o lugar reservado a esses elementos na sua obra infantil. O primeiro episódio das Memórias, portanto, trata de um anjo, um elemento cristão, mas com requintes lobateanos de anti-cristianismo ou uma certa liberdade de *não religião*.

A irreverência do elemento está, pois, numa proximidade com o que poderíamos chamar de *marginal*: o anjo possui uma das asas quebradas e faz parte de outra obra, **Viagem ao Céu** (1932). Como figura fora dos *padrões angelicais* ou o que o lugar-comum entenderia como anjo, Lobato foi construindo seu personagem, Flor das Alturas, fielmente adaptado a um arranjo metalingüístico, parecendo-nos apropriado para discutir sobre alguns requintes da língua portuguesa. Já que o anjinho, por viver no *céu* e não ter idéia nenhuma das coisas da terra, foi condicionado a acreditar no que Emília explicava. Sobre a utilidade da *língua*:

Eu penso que todas as calamidades do mundo vêm da língua. Se os homens não falassem, tudo correria muito bem, como entre os animais que

²⁴⁰ Op. cit. p. 442.

²⁴¹ Op. cit. p.443

não falam. As formigas e as abelhas, por exemplo. Esses bichinhos vivem na maior ordem possível. [...] E qual o segredo da felicidade desses animaizinhos? Um só: não falam. [...] A língua é a desgraça dos homens na terra.”²⁴²

Ao que se vê, Lobato preferiu pela manutenção da sua opinião, a de que o homem é corrompido, em busca da sobrevivência. Temos, portanto, um Lobato nietzscheano, questionador das desgraças e fraquezas humanas, e tão radical quanto o próprio Nietzsche, se considerarmos a valorização do discurso das antíteses. Emília, para escrever suas memórias, teve que optar pela mentira? De certa forma, haveria uma implicação entre esconder ou camuflar certas informações?

Ao que nos parece, n’**A Barca de Gleyre**, há uma intenção em *editar* a obra, no sentido jornalístico de se fazer acreditar como mercadoria e, no caso dos autores, como condição para a posteridade. Não podemos deixar de mencionar, ainda, a preferência de Lobato em optar pela mentira, mas com um conserto que somente a sua personagem seria capaz de realizar. Por enquanto, vamos ao início da obra. Já tocamos no primeiro ponto de discussão, a antítese, realçada pelas leituras netscheanas de Lobato e, não deixa de ser, da busca por explicações sobrenaturais.

O *anjinho*, espécie de ponte para perguntar e ouvir de Emília certas respostas – como a que ocorreu sobre a *língua* – transformou-se num fetiche. Diríamos até um pouco mais: um talismã, um ser encantado que pousara, por acidente, no Sítio do Picapau Amarelo, passando a receber ensinamentos e certas *ordens* da Emília.

A supervalorização do lugar das histórias fazia parte, ao que nos parece, da própria natureza ou da própria personalidade de José Bento Monteiro Lobato. Era característico dele se mostrar cansado, aparentemente derrotado, mas pronto para o próximo embate. Foi visível esse conjunto de situações e de exemplos dentro do seu estilo de escrever, sobretudo no que podemos encontrar em artigos, publicados, em sua maioria, no jornal *O Estado de São Paulo*. Nas cartas trocadas com seu amigo Rangel, também percebemos a mesma característica, de se valorizar sem receio e comemorar um futuro de êxito financeiro, num país mais próspero economicamente.

²⁴² Op. cit. p. 445.

Para não ficarmos tão longe da característica principal do nosso ator político escolhido, vamos às memórias da Emília. Lobato, através da *vontade* da sua personagem, esclarece que faz questão de intercalar algumas obras e alguns personagens já conhecidos pelo público infantil. O anjo teria que ganhar ainda mais notoriedade. Sob a pena do escritor, reina a fantasia, característica da sua personalidade imaginativa e visionária; portanto, o eixo da nossa problematização, desde o título.

A obra que escrevia, **Memórias da Emília**, era também um conjunto de pistas sobre a sua convicção de estar no lugar político que estava, na situação polemizadora na qual geralmente se encontrava. Vejamos um exemplo da sua admiração pelo povo inglês, calcificada em lances hiperbólicos:

A estória do anjinho começou a correr mundo. Toda gente das redondezas veio vê-lo. Os jornais deram notícias. O rádio e o telégrafo transmitiram essas notícias para todos os países. E de tal modo a novidade se espalhou que as crianças do mundo inteiro ficaram assanhadíssimas para conhecer o anjinho. Queriam à viva força vir ao sítio brincar com ele.

Mas virem como, se as crianças do mundo são milhões? Os pais e as mães explicavam aos filhos que o maior dos absurdos pensar em semelhante coisa. Acontece, porém, que quando uma criança quer vivamente uma coisa e não consegue, dá de emagrecer, fica doentinha, cheia de bichas. E as crianças do mundo inteiro começaram a ficar doentinhas e lombriguentas de tanto desejo de virem ao sítio.

A situação tornou-se tão grave que o Rei da Inglaterra, o Presidente Roosevelt, o *Fuehrer* da Alemanha, o *Duce* da Itália, o Imperador do Japão e o *Negus* da Etiópia se reuniram em conferência para tratar do assunto. Depois de muita discussão ficou assentado que todas as crianças do mundo seriam levadas ao sítio de Dona Benta. Mas por partes. Primeiro as de um país; depois as de outro – e assim até o último.²⁴³

A construção narrativa de Lobato favorece a sua opinião sobre o povo inglês e, portanto, as primeiras crianças que visitam o sítio são as inglesas, comandadas no navio *Wonderland*, pelo Almirante Brown. Tal admiração de Lobato se fez presente em vários de seus artigos, mas, sobretudo, em **Mr. Slang e o Brasil**²⁴⁴. Para transformar em ainda mais célebre a visita, a aventura ganhou fôlego com a astúcia de Emília, que resolveu esconder o *verdadeiro* anjo num *oco de uma figueira*. Enquanto isso, Visconde estava disfarçado de anjo na entrada do sítio.

²⁴³ Op. cit. p.449.

²⁴⁴ V. Cap. 1

Toda essa arrumação do cenário serviu para percebermos um Lobato um tanto marcial, apesar de considerar desnecessários certos títulos, assim como hierarquias ou patentes. Não parece à toa que o Marquês de Rabicó, esposo da sua personagem principal, é a figura de um porco, um tanto glutão e desrespeitador das brincadeiras das crianças. Um representante, digamos, do exagero e da desordem. O Almirante Brown seriam mais um alvo dessas críticas? Para começarmos a aclarar as pistas, vamos conferir, então, a saudação inicial do inglês militar a Pedrinho:

- Senhor, a notícia da viagem ao céu que os netos de Dona Benta fizeram chegou até nós na Inglaterra, e Sua Majestade o Rei Eduardo VII houve por bem permitir que as crianças inglesas, comandadas por mim, que sou o Almirante Brown, viessem visitar o anjo que a Senhora Marquesa de Rabicó trouxe da Via Látea.²⁴⁵

Pedrinho demonstra desconfiança e pede um *refém* do navio para se assegurar de que a tripulação seria inofensiva. O Almirante revidou, dizendo que *os inglesinhos* que comandava no navio eram *todos da mais fina educação*, mas Pedrinho achou mais conveniente se justificar, questionando a garantia de que na tripulação não haveria algum malfeitor. O Almirante Brown acatou a proposta do anfitrião e se ofereceu ele mesmo, como refém, na sala, conversando com Dona Benta.

Uma solução pacífica, percebemos, mas logo combatida em sua gênese pela matriarca do Sítio, que considerou absurda idéia de manter um *refém*, desconsiderando um assunto tão nobre, ou seja, a honra que o Rei da Inglaterra prestara à comunidade do Sítio com a visita. A paz foi estabelecida no diálogo, mas a inexperiência do garoto serviu para Lobato usar a voz do Almirante e revelar o que considera como justo para um resultado positivo do trabalho; neste caso, usando o exemplo de uma operação militar:

- Se fosse assim, meu menino, não poderia haver exércitos no mundo, nem esquadras. Os generais e almirantes, que comandam exércitos e esquadras enormes, não os mantêm na disciplina por meio da força física – sim da força moral. Com a força moral, um homem sozinho domina milhões.²⁴⁶

²⁴⁵ Op. cit. p. 451. Na obra, a fala do Almirante Brown aparece entre aspas. Há, ainda, a opção de Lobato pela grafia “Látea”, não “Láctea”.

²⁴⁶ Op. cit. p. 453.

Os ingleses, então, mereciam toda a boa hospitalidade, na voz de Dona Benta: “- *Ele é bobinho, Almirante. [...] Não faça caso do que disse. Vá entrando sem a menor cerimônia, porque esta casa é sua. E a criançada que vá com Pedrinho e brinque à vontade. Laranjas temos bastante.*”²⁴⁷

A voz de Dona Benta parece resumir a tônica de moralidade presente nas histórias. Também há uma certa necessidade em falar sobre vida e morte, bem e mal, ordem e desordem, antíteses trabalhadas por Lobato ao longo de quase toda a sua obra. Na obra infantil, esta necessidade se traduziu em preocupação na formação moral dos pequenos leitores. Vejamos este exemplo sobre o que Lobato, na voz de Dona Benta, pensa sobre vida e morte. Para consolidar tal reflexão, o leitor é preparado com a lamentação sobre a morte do Rei Jorge V, que teria *visitado* o Sítio, junto com astrônomos, episódio descrito na obra **Viagem ao Céu** (1932). Na realidade, uma reflexão de Lobato sobre a formação do universo e sua condição darwinista – nunca camuflada ao seu público.

As **Memórias de Emília** viriam, também, permeadas desses exemplos e do gosto de refletir sobre os contrários. A reflexão dos dois personagens ocorre após a lamentação de um fato entre o real e o fantástico, ou seja, a morte do Rei Jorge, mas a fantasiosa visita ao Sítio.

Também não deixamos de perceber que Lobato menciona outra obra sua – talvez com o intuito de publicizá-la ou propriamente vendê-la? Não esqueçamos do nosso ator político pesquisado, que era empresário e vivia sob condição de seu sucesso editorial. A reflexão de Dona Benta, ao Almirante Brown, demonstra-nos a diferença cultural, mas a semelhança do *fim* de ambos: “- *Não valem nada nesta vida, Almirante. Quando chega o nosso dia, o gancho da morte nos pesca, sejamos reis ou mendigos.*”²⁴⁸

Após outra conversa, Dona Benta explica a Tia Nastácia, que cumpre a função de criada da casa, que não acorde o almirante, já que este se encontrava cansado, *após duas semanas no mar, da Inglaterra ao Brasil, lidando com mil crianças.*

²⁴⁷ Ibid.

²⁴⁸ Op. cit. p. 454.

Lobato, então, deixa a voz de Nastácia penetrar no discurso, para demonstrar também a condição sócio-cultural da personagem, cuja descendência negra é lembrada pelo autor em várias obras, com um certo ar de preconceito. Vejamos como Nastácia reagiu à *ordem* da patroa, que ainda cumpriu uma função doutrinatória no discurso, em favor da adequação à Língua:

- Credo! – exclamou a preta. – Esses ingleses têm cada uma!... Bem diz Pedrinho que eles são *cêntrico*.

- Excêntricos, Nastácia – corrigiu Dona Benta.²⁴⁹

Peter Pan, Popeye e Alice são alguns dos personagens, de outros autores, que surgem em **Memórias da Emília**, a bordo do navio comandado por Brown. A admiração de Lobato pela cultura de língua inglesa, que o fez ser referenciado no meio intelectual como um voraz tradutor, entrelaçou parte do discurso. Seria um *empréstimo*, de características e temperamentos de outros personagens? Talvez Lobato tenha sentido necessidade em apresentar tais personagens ao público, mas inseridos na sua perspectiva, não deixando de valorizar o que era *brasileiro* na sua narrativa.

Alice estava torcendo o nariz a tudo e achando que aquele sítio não parecia digno dum anjinho. – Uma casa velha, estas árvores tortas por aqui, aquele leitão lá longe nos espiando – então isto lá é moradia digna dum anjinho caído do céu? Os anjinhos querem nuvens bem redondas. Se o levássemos para Londres, haveríamos de dar-lhe um palácio de cristal cheio de nuvens de ouro – ouro fofo bem macio.

- A senhora está muito enganada – rebateu Emília. – O anjinho anda muito satisfeito por aqui. Tem se regalado de brincar. Outro dia me disse que estava enjoado de nuvens redondas e não trocava todas as nuvens do céu por este pomar.²⁵⁰

Ao conhecer o lugar, a personagem de Lewis Carroll foi induzida a mudar de idéia: “Estou achando que este sítio de Dona Benta é ainda mais gostoso que o nosso *Kensington Garden* lá de Londres...”²⁵¹ Em seguida, Lobato oferece mais uma pista sobre a narrativa direcionada não somente às crianças:

Lá na sua salinha Dona Benta conversava com o Almirante Brown sobre a política do Império Britânico. O Almirante já dormira uma boa soneca e

²⁴⁹ Ibid.

²⁵⁰ Ibid., p. 456.

²⁵¹ Ibid., p. 459.

agora, sentado na rede, ia bebendo o uísque mandado vir da venda do Elias Turco. Era falsificado. Mesmo assim o velho inglês o bebia, embora com caretas a cada gole.²⁵²

Apesar de se mostrar contra as guerras em algumas de suas obras, incluindo o final de **Memórias da Emília**, Lobato, por outro lado, não perde a oportunidade de se colocar também nas *trincheiras*, do ponto de vista da absorção do imaginário popular da sua época. Lembremos o período em questão, a década de 30 e o conjunto de rebeliões no Brasil e no mundo. Será que, imantado por essa consciência bélica, o autor não nos quis oferecer a sua outra face, ou seja, o seu lado explosivo, em consonância com o seu lado radical e, às vezes, exagerado?

Por que promover determinadas reflexões à criança que o lia? Para incitá-la a viver num mundo de conflitos e preparar-se para enfrentar a *realidade*? Peter Pan era um dos personagens *visitantes*, ou seja, de outras obras, mas um dos mais descontraídos no Sítio do Picapau Amarelo. O menino conhecido da obra de J. B. White por não querer crescer demonstrava sua amizade com Pedrinho, embora em sintonias culturais diferentes, mas similares quanto à vontade de potencializar a força junto com a arte da estratégia.

- Ah, Peter Pan! Se você soubesse que boba e medrosa é a vovó... Tem medo de tudo, até das baratas. Não pode ver um revólver. Faça, só admite essas de mesa, de ponta redonda. Em matéria de armas só tenho uma espingardinha de cano de guarda-chuva que eu mesmo fiz, e o meu velho bodoque...

Peter Pan sorriu com superioridade.

- Pois lá na Terra do Nunca temos um verdadeiro arsenal. Depois de bater o Capitão Gancho, fiquei com todas as armas dos corsários. Até um canhãozinho do navio pirata eu levei para a Terra do Nunca.

- Levou um canhão!?...

- Só não levei os grandes por serem muito pesados e consumirem muita pólvora. Você não imagina, Pedrinho, como canhão grande come pólvora! Mas espadas, pistolas, espingardas, lanças, machados e punhais, isso levamos tudo. Lembra-se daqueles lobos que nos rondavam por lá? Pois caímos de tiros neles. Não ficou um! Os que não morreram fugiram com cem pernas, apavoradíssimos! Nossa caverna lá na Terra do Nunca está hoje como a fortaleza do Gibraltar: inexpugnável!

Pedrinho fremiu de entusiasmo; depois suspirou, pensando com raiva do pacifismo de Dona Benta.

²⁵² Op. cit. p. 460.

- Que pena! – exclamou. – Se vovó deixasse, poderíamos também fazer disto aqui uma fortaleza inexpugnável. Está vendo aquele cupim lá no pasto? Tem um oco ótimo para ninho de metralhadora.

- Também pelo alto destas árvores é possível esconderem-se muitos atiradores – observou Peter Pan correndo os olhos pelo pomar. – Você, não sei, mas eu sou capaz de transformar isto aqui numa tremenda fortaleza. Olhe: daquele lado corro uma linha dupla de trincheiras. À esquerda e à direita abro fossos intransponíveis...

- Com uma ponte levadiça! – ajuntou Pedrinho, entusiasmado.

- Isso só em castelo – volveu Peter Pan em tom de desprezo ante os conhecimentos militares de Pedrinho.²⁵³

Diante do quadro traçado pelo personagem inglês ao inocente neto de Dona Benta, podemos imaginar a época na qual era construída tal narrativa. Lobato não somente publicava também **O Escândalo do Petróleo**, mas com tal obra parecia estar declarando *guerra* simbólica ao governo Vargas. Para o público infantil, deixou que seu tom moralizante fosse transformando em fantasia. Intercalar personagens, portanto, não parece ter sido problema para o editor, já consumido por dívidas das suas empresas e ainda sonhando com a possibilidade de prosperar com a exploração de petróleo.

Vejamos como o autor nos apresenta a condição sócio-cultural da criada da casa e, ao mesmo tempo, apresenta-nos Alice, uma das personagens mais famosas da literatura inglesa. Emília serve de ponte para a apresentação::

- Esta aqui, tia Nastácia, é a famosa Alice do País das Maravilhas e também do País do Espelho, lembra-se?

- Muito boas tardes, Senhora Nastácia! Murmurou Alice, cumprimentando de cabeça.

- Ué! – exclamou a preta. – A inglesinha então fala nossa língua?

- Alice já foi traduzida em português – explicou Emília. – E voltando-se para a amenina: - Gosta de bolinhos?

Nastácia apresentou-lhe um na ponta do garfo.

- Prove, menina bonita.

Alice devorou o bolinho, arregalando os olhos – e pediu a receita.

Nastácia riu-se.

²⁵³ Op. cit. pp. 463-4.

- Receita, dou; mas a questão não está na receita – está no jeitinho de fazer. Outro dia estive cá a sogra do Nhô Teodoro e também quis a receita. Dei. Sabe o que aconteceu? Ela fez o bolinho pela receita e saiu uma bolacha. Ninguém pôde comer. Ah, ah, ah! Isto de cozinhar, menina, tem seus segredos. Só mesmo para uma criatura como eu que nasci no fogão e no fogão hei de morrer...²⁵⁴

A resignação de Nastácia percorre praticamente toda a obra infantil lobateana. Qual a necessidade, então, de retratar essa resignação? Aparentemente, poderíamos dizer que o objetivo seria atender às próprias necessidades do autor em assumir seu distanciamento à raça negra. Tal repúdio desenvolveu-se em várias narrativas, com feições diferenciadas; porém, é importante reforçar que **Memórias da Emília** tem-nos passado a sensação de que as memórias de Lobato, de certa forma, seriam sutilmente introduzidas. Falar de Nastácia, com ou sem rancor racista, teria ligações com a infância de José Renato Monteiro Lobato? Uma das suas biografias menciona Anastácia, o nome da criada da casa da família Lobato.

Se o autor prestou uma homenagem, poderemos reconhecê-lo por isso também; mas, por outro lado, não seria uma homenagem um tanto canalizada pela valorização da figura negra sempre em lugar subalterno, em postura de obediência? O que será que Lobato queria construir com sua verve fantástica, ou seja, ao que diz respeito ao realismo mágico, que seria um dos estilos mais cultuados por escritores latino-americanos, principalmente a partir da segunda metade do século XX?

O que poderemos constatar, ao percebermos certas nuances no texto, é a decisão de Lobato, na maioria das vezes, como *a vitória do bem sobre o mal*. Em **Memórias da Emília**, pequenas lutas são travadas entre personagens de outros autores, sempre enfatizando a vitória do *bem*, que seria a combinação perfeita entre inteligência, astúcia e coragem.

Em alguns casos, porém, a força física resolveu a questão, como a que o marinheiro Popeye é derrotado por Peter Pan e Pedrinho, após uma luta, com *pontapé* e *pé-do-ouvido*. Mas a sutileza de Lobato em se sentir à vontade com questões militares ou militarizadas, está também no discurso dos adultos, como o que ocorre com Almirante Brown e Dona Benta. Vejamos como algo que começa como grave,

²⁵⁴ Op. cit. p. 471.

termina como quase inacreditável, talvez sobrenatural, talvez estranho ou maravilhoso. Algo a nos fazer pensar em como o autor estava tentando deixar pistas, não puramente expor com radicalismo seus pontos de vista.

Assim combinado o ataque, os dois meninos encaminharam-se na direção da figueira, seguidos da Emília. Enquanto isso, lá na saleta Dona Benta caçoava com o Almirante.

- Tome este cafezinho – dizia ela, apresentando-lhe uma xícara. – Nada melhor do que o café para estimular os nervos e levantar o moral.

Mas o abatimento do Almirante era enorme. Estava a pensar nas suas tremendas responsabilidades. Que conta iria dar ao rei? Fora escolhido como o homem de mais confiança de Sua Majestade. Graças a isso os pais de toda aquela criançada lhe entregaram os filhos. Ora, se acontecesse uma desgraça, se Popeye na sua bebedeira investisse contra as crianças e as machucasse, que contas daria ele ao rei e aos pais?

- Minha senhora – disse o pobre Almirante – acho bom telegrafarmos ao governo brasileiro pedindo a remessa imediata de tropas. Só com um batalhão bem servido de metralhadoras poderemos dar cabo desse monstro.

Dona Benta ria-se.

- Não é preciso tanta coisa, Almirante! Vossa Honra não conhece o engenho de meus netos. Não há o que eles não consigam. Pois se até ao céu já foram!...²⁵⁵

Ao final da visita, foi revelado o segredo de derrotar o visitante indesejado. Segredo na posse da *autora* das memórias. Ao que nos parece, Emília quis retratar os seus grandes feitos. Neste episódio, posa de heroína e recebe honrarias, talvez uma ironia de Lobato, que se mostrou em diversos artigos como contrário a tais benesses.

O Almirante chamou Emília para receber seus cumprimentos.

- Tudo dependeu da sua idéia, Senhora Marquesa – disse ele. – A principal coisa foi trocar a lata de espinafre pela de couve moída. Cabe-lhe, portanto, a grande honra deste memorabilíssimo feito, e estou certo de que Sua Majestade Britânica saberá recompensá-la devidamente. Talvez a faça baronesa do Império.

- Prefiro que Sua Majestade britânica me mande uma caixa de latas de leite condensado – respondeu a boneca.²⁵⁶

²⁵⁵ Op. cit. pp. 472-3.

²⁵⁶ Op. cit. p. 474. Neste trecho, como se pode ler, a palavra *britânica* aparece com grafias diferentes na obra disponível para a pesquisa.

O anjo, encontrado, segundo a nossa análise, como um contraponto de Lobato com sua própria exclusão do exercício da religiosidade, despede-se dos amigos do Sítio, após haver se recuperado de uma das suas asas. Como se pode observar, o papel do autor parece o de desmistificar a figura angelical, transferindo o caráter metafísico e sobrenatural para a mais modesta das personagens naquela situação, Tia Nastácia.

É na voz de Nastácia que Lobato aparece para dizer como o homem rural brasileiro, seja ele negro, índio, caboclo ou propriamente o mestiço, dentro do arcabouço freyreano²⁵⁷ de explicar a mestiçagem como um traço natural, segundo a historicidade dos seus atores. Ou seja, tomando como suporte o olhar de Gilberto Freyre – que nos cabe agora para entender um pouco mais sobre a participação da personagem Nastácia em **Memórias da Emília** – Lobato toma por empréstimo o imaginário popular e o transporta, em fragmentos, para os diálogos na sua obra. A que retrata as principais aventuras da boneca-de-pano é apenas um exemplo do que já podemos constatar em outras obras. Vejamos quantos temas já foram citados e discutidos numa obra infantil *aparentemente* voltada somente para crianças.

Não queremos tratar o leitor infantil como menor intelectualmente. Não se trata dessa discussão. O que queremos destacar é a importância do teor dos diálogos, os quais os pais das crianças teriam mais maturidade política para entender. A obra infantil seria, então, a tentativa de ir formando uma geração de leitores? É uma questão que nos é tentador dizer que sim, a partir também do que podemos constatar em **A Barca de Gleyre**, com a narrativa epistolar. Agora, que tal observarmos a ironia da sacralização dos fenômenos? Este diálogo nos deixa perceber o olhar lobateano sobre o sagrado e sobre a questão do negro:

- Estou desconfiada do anjinho. Esses abraços e beijos parecem-me fora de propósito. Para mim, ele já está pensando, mas é em fugir. Já sarou. Já voa. E se Nastácia não cortar logo a ponta duma de suas asinhas, prrr!... lá se vai ele, a qualquer momento.

- Não seja boba, Emília! Juro que o anjinho não pensa mais no céu. Está acostumadíssimo conosco.

²⁵⁷ FREYRE, 1978.

- Pode ser – disse a boneca – mas, por causa das dúvidas, vou insistir com tia Nastácia para que lhe corte a asinha, já, já. E se ela não tiver coragem, eu mesma cortarei.²⁵⁸

Emília foi e intimou a preta a cortar a asa do anjinho naquele mesmo dia.

- Deus me livre! – respondeu Tia Nastácia. – Cortar a asa dum anjo do céu, como se fosse galinha?... Deus me livre de cometer semelhante sacrilégio. Os anjos são criaturas celestes.

- Pois então eu mesma corto – gritou Emília. – Ele está mudado e hoje me deu um abraço e um beijo com cheirinho de despedida. E já voa perfeitamente, sabe?

Em seguida, após a negativa de Nastácia, um ar de *revolta*:

Ninguém descreve o desespero das crianças. O chão do pomar ficou ensoado de lágrimas. Pedrinho dava pontapés raivosos nas cascas de laranja. Narizinho, no colo de Dona Benta, soluçava com desespero. Só Emília não chorou. Apenas enfureceu-se contra Tia Nastácia.

- Aquela burrona! Prometeu que cortava a asinha dele e não cortou. Agora, está aí...

Foi correndo à cozinha tomar satisfações.

- Viu o que a senhora fez? Por causa da sua lerdeza, do seu medo, do tal “sacrilégio”, perdemos o nosso anjinho. Voou! Foi-se para sempre...

Nastácia enxugou uma lágrima na ponta do avental.

- Mas eu não tinha coragem de cortar a asinha dele, Emília. Tive medo. Essas criaturinhas do céu são as aves de Deus. Deus podia me castigar...

- Castigar, nada! – berrou Emília. – Todas as aves são de Deus e no entanto prendemos canários e sabiás nas gaiolas e comemos pombos assados sem que Deus se importe. Pensa que Ele fica o tempo todo prestando atenção nas aves do quintal do céu? Tem mais que fazer, boba. Além disso, anjo é coisa que há lá por cima aos milhões. Um de menos, um de mais, Deus nem percebe. Perdemos o anjinho por sua culpa só. Burrona! Negra beijuda! Deus te marcou, alguma coisa em ti achou. Quando ele preteja uma criatura é por castigo.²⁵⁹

Próximo ao capítulo final – e para realçar seu sentimento de vingança – Visconde define a personagem Emília, o papel da personagem no Sítio com detalhes que a dona das memórias não autorizaria. Visconde não passa, então, da posição de secretário ou *ghost writer*. Ele assume sua posição de injustiçado:

Emília é uma tirana sem coração. Não tem dó de nada. Quando Tia Nastácia vai matar um frango, todos correm de perto e tapam os ouvidos.

²⁵⁸ Nesta edição, O pronome *Ele* – referindo-se a Deus – surge das duas formas, no último parágrafo da citação.

²⁵⁹ Op. cit. pp. 476-7.

Emília, não. Emília vai assistir. Dá opiniões, acha que o frango não ficou bem matado, manda que Tia Nastácia o mate novamente – e outras coisas assim.

Também é a criatura mais interesseira do mundo. Tudo quanto faz tem uma razão egoística. Só pensa em si, na vidinha dela, nos brinquedos dela. Por isso mesmo está ficando a pessoa mais rica da casa. Eu, por exemplo, só possuo um objeto – a minha cartola. [...]

Emília é uma criaturinha incompreensível. Faz coisas de louca, e também faz coisas que até espantam a gente, de tão sensatas. Diz asneiras enormes, e também coisas tão sábias que Dona Benta fica a pensar. Tem saídas para tudo. Não se aperta, não se atrapalha. E em matéria de esperteza, não existe outra no mundo. Parece que adivinha, ou vê através dos corpos.

Um dia, em que muito me impressionei com qualquer coisa que ela disse, propus-lhe esta pergunta:

- Mas afinal de contas, Emília, que é que você é?

Emília levantou para o ar aquele impicante narizinho de retrós e respondeu:

- Sou a Independência ou Morte.

Fiquei pensativo. Na realidade, o que Emília é, é isso: uma independência de pano – independente até no tratar as pessoas pelo nome que quer e não pelo nome que as pessoas têm. [...]

Aqui no Sítio quem manda é ela. Por mais que os meninos façam, no fim quem consegue o que quer é a Emília com os seus famosos jeitinhos.²⁶⁰

Uma suposta viagem à Hollywood realizada pela boneca, faria Lobato mostrar ao seu público que havia uma indústria em ascensão, o cinema. Na verdade, Emília forja a viagem, contando o que teria acontecido caso o anjinho não tivesse fugido. Lobato também acena para uma possibilidade, ainda que retratada de forma fantasiosa: a de encontrar os seus personagens em obras cinematográficas.

Fomos para Hollywood no “Wonderland”, com toda a criançada inglesa, Peter Pan e o Almirante. E Alice também. Fugi do Sítio. Eu já andava enjoada de bolinhos, de pitangueira, de países da gramática. Fugi – fugi – fugi com o anjinho e o Visconde.

A viagem foi ótima, exceto para o Visconde, que enjoou, a ponto de deitar ao mar metade da sua ciência. Vomitou logaritmos, ângulos e triângulos, leis de Newton – uma trapalhada. [...] Lá chegando, com o anjinho por uma das mãos e o Visconde pela outra, fui logo em procura da Shirley Temple. Bati na porta da casinha dela. Veio uma criada.

- Dona Shirley está? – perguntei.

Quando a criada nos viu, arregalou os olhos e abriu a boca deste tamanho.

²⁶⁰ Op. cit. pp. 479-81.

- Shirley, corra!... Venha ver três fenômenos – gritou ela. [...]

Shirley veio de galope. Mas não mostrou o menos espanto. Abraçou-me dizendo:

- Eu sabia que você acabava chegando até aqui. Ainda ontem disse a mamãe:.. "Qualquer coisa está me dizendo que a Emília não tarda."

Quem se admirou daquelas palavras fui eu.

- Então... então já me conhecia? – perguntei.

- Ora, Emília! Quem não conhece a Marquesa de Rabicó? Fique sabendo que em Hollywood todos sabemos de corzinho aqueles livros onde vêm contadas as suas histórias. O caso da pílula falante, da viagem ao País da Fábula, onde Dona Benta sentou em cima do dedo do Pássaro Roca pensando que era raiz de árvore... Quem não sabe essas histórias?

- Pois então, minha cara Shirley, estamos mais do que pagas, disse eu, porque no Brasil não há quem não conheça você. Aquela sua fita do tempo da guerra, quando você foi pedir ao Presidente Lincoln que soltasse o prisioneiro, e começou a comer maçã no colo dele – "Este pedaço é meu", "Este agora é o seu" – não há por lá quem não conheça. Sabemos você de cor Shirley.

- Ótimo! – disse ela. – E que pretende fazer por aqui?

- Que pergunta! Pretendemos virar estrelas. Minha idéia é empregar-me na Paramount, eu e estes companheirinhos. Formaremos o mais estupendo trio que ainda houve. Que acha?

- Acho que vai ser um sucesso louco, Emília! Nunca apareceu no cinema um anjo de verdade, nem uma boneca falante, nem um sabugo científico.²⁶¹

Como nem todas as entrelinhas são de apenas fantasia em Lobato, vejamos a reação do governador da empresa de filmes, à famosa atriz, ao se deparar com a proposta de um grupo sul-americano.

- Viva Mr. John! – gritou ela. – Foi ótimo que nos encontrássemos. Eu ia justamente à sua procura, para apresentar três novos artistas vindos da América do Sul.

- Não me fale em artistas novos – respondeu Mr. John, que era o governador da Paramount. – Estou farto. Tenho mais de mil propostas de artistas novos. O mundo inteiro quer entrar para o cinema.

- Mas estes são especiais – disse Shirley.

- Todos são especiais – replicou o homem. - Não há um que não diga de si as maiores maravilhas.²⁶²

²⁶¹ Ibid., p. 482.

²⁶² Ibid., p. 488.

Mas, é no capítulo final de **Memórias da Emília** que Lobato desvenda toda a sua condição de vitimado e ameaçado por suas próprias convicções. Tentamos captar os trechos que parecem mais marcantes para o que queremos apresentar como hipótese neste trabalho, enfatizando também os que surgiram como partes de um discurso autoritário, partindo da perspectiva do sítio como um lugar pacífico, saudável e – quem sabe – *sagrado*:

Dizem todos que não tenho coração. É falso. Tenho, sim, um lindo coração – só que não é de banana. Coisinhas à-toa não o impressionam; mas ele dói quando vê uma injustiça. [...] Quando vejo certas mães baterem nos filhos, meu coração dói. Quando vejo trancarem na cadeia um homem inocente, meu coração dói. [...] Quantos homens não padecem nas cadeias do mundo só porque quiseram melhorar a sorte da humanidade? Aquele Jesus Cristo que Dona Benta tem no oratório, pregado numa cruz, foi um. Os homens do seu tempo, que só cuidavam de si, esses viveram ricos e felizes. Mas Cristo quis salvar a humanidade e que aconteceu? Não salvou coisa nenhuma e teve de agüentar o maior dos martírios. [...] Eu era uma criaturinha feliz enquanto não sabia ler e portanto não lia os jornais. Depois que aprendi a ler e comecei a ler os jornais, comecei a ficar triste. Comecei a ver como é na realidade o mundo. Tanta guerra, tantos crimes, tantas perseguições, tantos desastres, tanta miséria, tanto sofrimento...

Por isso acho que o único lugar do mundo onde há paz e felicidade é no sítio de Dona Benta. Tudo aqui corre como num sonho. A criançada só cuida de duas coisas: brincar e aprender. [...] Entre os personagens inanimados gosto muito da porteira e da pitangueira.

A porteira só sabe fazer uma coisa: abrir-se e fechar-se. [...] Dali não vem mal ao mundo. A pitangueira, essa é importante. [...] É outra excelente pessoa, donde também não vem mal ao mundo. [...] A que eu acho mais interessante é a jabuticabeira enorme e com uma copada bem redondinha em cima. As folhas, muito juntas, não deixam atravessar o menor raio de sol. Quando chega certo mês, os seus galhos cobrem-se de botoezinhos brancos, que vão engrossando e se abrem em pequenas flores. Depois as flores secam e caem e ficam umas bolotinhas verdes do tamanho de grãos de chumbo. Esse chumbinho verde vai crescendo até ficar do tamanho duma noz. Começam então a mudar de cor. Perdem o verde, ficam pretas como tia Nastácia. [...]

Talvez, neste trecho, logo em seguida, a idéia comum do *racismo* presente na obra lobatiana:

Dona Benta é uma criatura boa até ali. Só isso de me aturar, quanto não vale? O que mais gosto nela é o seu modo de ensinar, de explicar qualquer coisa. Fica tudo claro como água. [...] Tia Nastácia, essa é a ignorância em pessoa. Isto é... ignorante, propriamente, não. Ciência e mais coisas dos livros, isso ela ignora completamente. Mas nas coisas práticas da vida é uma verdadeira sábia. Para um tempero de lombo, um frango assado, um bolinho, para curar uma cortadura [...] Eu vivo brigando com ela e tenho-lhe dito muitos desaforos – mas não é de coração. Lá por dentro gosto ainda

mais dela do que dos seus afamados bolinhos. Só não compreendo porque Deus faz uma criatura tão boa e prestimosa nascer preta como carvão.²⁶³

Em **Memórias da Emília**, portanto, percebemos a insatisfação de Lobato com o ser humano – e, por sua vez, como *ser político*. Também não deixamos de perceber a sua insatisfação com a *cor preta* metaforizada pela jaboticaba, mas, por outro lado, nítida com a sua aversão a Tia Nastácia, por ser *negra* e *ignorante*. Não nos dispomos aqui, no entanto, a analisar toda a obra infantil detalhadamente, mas, precisamos ao menos esclarecer que, no ano seguinte, 1937.

Lobato lançava outra obra provocativa, **O Poço do Visconde**. Nesta obra, teremos, enfim, outra revelação da obra infantil direcionada não somente às crianças; desta vez falando diretamente do petróleo – uma das bandeiras do escritor, que acabaria por levá-lo contra o governo Vargas e, conseqüentemente, à prisão em 1941. Vejamos apenas um trecho que nos confirma tal questionamento. Talvez um recado para os pais das crianças e, por outro lado, para os representantes do poder. Usando a voz do personagem Pedrinho, o escritor avisava:

- Bolas! Todos os dias os jornais falam em petróleo e nada do petróleo aparecer. Estou vendo que se nós aqui no sítio não resolvermos o problema do Brasil ficará toda vida sem petróleo. Com um sábio da marca do Visconde para nos guiar, com as idéias da Emília e com a força bruta como a do Quindim, é bem provável que possamos abrir no pasto um formidável poço de petróleo. Por que não?²⁶⁴

Depois de muitas peripécias no Sítio do Picapau Amarelo, lugar considerado, pelo próprio autor, um *paraíso* – e onde quase tudo é possível, graças à criatividade – o recado final é a vitória da descoberta do petróleo pelo *geólogo* Visconde de Sabugosa. Eis o letrero, escrito por Pedrinho, pendurado por Mister Kalamazoo, um estrangeiro que ajudou a confirmar a descoberta.

SALVE! SALVE! SALVE!
DESTE ABENÇOADO POÇO – CARAMINGUÁ N.º 1,
A 9 DE AGOSTO DE 1938
SAIU, NUM JATO DE PETRÓLEO,
A INDEPENDÊNCIA ECONÔMICA DO BRASIL.

Todos correram a ler.

²⁶³ Op. cit. pp. 490-2.

²⁶⁴ LOBATO, J. B. M. **O Poço do Visconde**. 8.^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1960. [1937], pp. 804.

Novas palmas, novos bravos, novos hurras acolheram aquela inscrição em letras de ouro e com um significado de ouro.

Mas Dona Benta, que não podia de sono, apenas disse:

- AMÉM...²⁶⁵

O que não podemos deixar de mencionar, no entanto, é a reafirmação que Lobato faz em **O Poço do Visconde**, de algo que havia pregado 23 anos antes: a *cura* do homem rural. O *dinheiro* que Lobato tanto propalava nas suas cartas, o fato de querer *ficar rico*, ou seja, o dinheiro que queria conquistar, teria que ser dividido com “os milhares de pobrezinhos que nunca tiraram petróleo”²⁶⁶. É o que sugere a voz matriarcal lobatiana, Dona Benta, ao concordar com a idéia de Pedrinho, em divertir-se mais dividindo do que gastando o dinheiro sozinho ou *egoisticamente*:

- Isso, meu filho. Você está certo. O maior prazer da vida é fazer o bem. Eu sempre quis beneficiar este nosso povo da roça, tão miserável, sem cultura nenhuma, sem resistência, largado em pleno abandono no mato, corroído de doenças tão feias e dolorosas. Se empregarmos nosso dinheiro em melhorar-lhe a sorte, não só nos divertiremos, como você diz, como ficaremos com a consciência tranqüila.²⁶⁷

²⁶⁵ Ibid., p. 900.

²⁶⁶ Ibid., p. 881-883

²⁶⁷ Ibid., p. 882.

5 Considerações finais

Como pudemos perceber, estudar a vida e a obra de Monteiro Lobato requer um pouco mais de tempo, em virtude da própria versatilidade do autor, que experimentou diversos setores da sociedade. Além de conhecido como escritor, tanto de artigos jornalísticos, quanto de outros gêneros dedicados a adultos, o país insiste em lembrar a figura de Lobato mais voltada à literatura infantil; por isso, nas nossas pesquisas no acervo da Capes, por exemplo, encontramos muito mais obras – dentre dissertações e teses – voltadas para os estudos literários.²⁶⁸

Não queremos dizer que, com isto, ao adentrarmos na área da História Social, perdemos com os trabalhos em Literatura. Pelo contrário: ganhamos subsídios importantes para repensar a Literatura e suas implicações históricas. Dentro de uma perspectiva cultural, a História tem-nos mostrado, em consonância com obra lobatiana, escolhida para este trabalho, que há possibilidades múltiplas em tecer reflexões, sem que haja uma solução ou uma finalização da análise. Longe disso, nossa missão parece ter sido muito mais construir um diálogo entre Jornalismo, Literatura e História do que, propriamente, estabelecer limites.

Como se pôde observar, os capítulos sugerem outros temas, que poderão se desdobrar em outros trabalhos. No primeiro capítulo da dissertação, a imagem do caboclo pode ser desdobrada desde a intervenção de Lobato pela campanha de saneamento do país, até outras questões, como a discussão interétnica, a discussão político-econômica da distribuição de terras, a diferenciação entre sertão e litoral ou entre zona rural e zona urbana – a partir da reconstrução da figura do *jeca*, dentre outros.

No capítulo posterior, outros temas podem ser desvendados, a partir da interpretação epistolar, como a inserção de Lobato como peça política e econômica importante na região da fazenda Buquira, a gênese de algumas das suas obras –

²⁶⁸ V.site da Capes: www.capes.gov.br/resumos

seguida da explicação do próprio autor, o surgimento do Lobato editor e as implicações políticas devido à sua posição quase sempre *contrária* ao governo – geralmente, dizia, como vimos, era avesso a qualquer tipo de governo. No capítulo final, podemos relembrar o que afirmou Lajolo:

É exatamente porque a literatura infantil – como formação histórica – é moderna, que o fato de Lobato ter-se distinguido nela é significativo do ponto de vista de sua modernidade. Formação tardia na sociedade burguesa européia, a literatura infantil brasileira surgindo na segunda década deste século sugere a maturidade da formação burguesa de certos segmentos de nossa população, que já se estratificava em diferentes públicos, consumidores da produção cultural para eles orientada. E o sucesso de Lobato na criação de nossa literatura infantil atesta sua sintonia com o mundo moderno de seu tempo.²⁶⁹

Trabalhamos com apenas uma obra na literatura infantil lobatiana, que, segundo o que constatamos, é a que mais se aproxima das concepções políticas do autor. Entretanto, deixamos espaço para que os pesquisadores entendam que, em outras obras citadas ao longo da dissertação – e não somente no último capítulo – sirvam para apreender tal fato. Não é arriscado dizermos que em todas as obras de Lobato há a sua predisposição em falar sobre política, mesmo falando sobre temas que parecem distantes.

Não faltam, portanto, temas a discutir; mesmo que tais questões pareçam cansativas ou já esmiuçadas o bastante. Nosso olhar semiótico nos autoriza a dizer que cada pesquisador – e, portanto, em cada repertório cultural – há espaço para a reflexão. Ao longo deste curso, entendemos esse princípio com mais propriedade e assertividade. Monteiro Lobato continua ganhando espaço na vida acadêmica porque deixou uma vasta obra, fez diferença na sociedade da sua época e, no período histórico proposto por este trabalho, fez da sua missão intelectual algo que seria perpetuado pelas gerações futuras, dos seus próprios leitores.

²⁶⁹ LAJOLO, Marisa. **A modernidade em Monteiro Lobato**. In.: ZIBERMANN, Regina (org.), 1983, p. 47.

6 Bibliografia

ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.

ANDRADE, Mário de. **Amar, Verbo Intransitivo**. São Paulo: Casa Editora Antônio Tisi, 1927.

ZIBERMANN, Regina (org.). **Atualidade em Monteiro Lobato: uma revisão crítica**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. (Novas Perspectivas, 8)

ATHAYDE, Tristão de. **Meio Século de Presença Literária – 1919 -1969**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1969. (Col. Documentos Brasileiros, dir. Afonso Arinos de Melo Franco).

AZEVEDO AMARAL, Antônio J. **Ensaio Brasileiro**. Rio de Janeiro: Omena e Barreto, 1930.

_____. **O Estado Autoritário e a Realidade Nacional**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

AZEVEDO, Carmen Lucia de, CAMARGOS, Marcia e SACCHETTA, Vladimir. **Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia**. São Paulo: Editora SENAC, 1997.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 2004. 11. ed.

_____. **Elementos de Semiologia**. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

BORGES, Vavy Pacheco. **Getúlio Vargas e a Oligarquia Paulista (História de uma esperança e muitos desenganos através dos jornais da oligarquia: 1926-1932)** São Paulo: Brasiliense, 1979.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1983.

_____. **O Pré-modernismo**. São Paulo: Cultrix, 1966.

_____. **O Ser e o Tempo da Poesia**. São Paulo: Cultrix, 1986.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BRITO, Mário da Silva. **História do Modernismo Brasileiro**. Antecedentes da Semana de Arte Moderna. São Paulo: Saraiva, 1958.

CANCELLI, Elizabeth. **O Mundo da Violência: a Polícia na Era Vargas**. Brasília: EDUNB, 1993.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Nacional, 1980. 6. ed.

CAMPOS, André Luiz Vieira de. **A República do Picapau Amarelo: uma leitura de Monteiro Lobato**. São Paulo: Martins Fontes, 1986. Col. Leituras.

CAMPOS, F. **O Estado Nacional**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940.

_____. **Educação e Cultura**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940.

CARDOSO, Sérgio. **Que República?** In: BIGNOTTO, Newton (org.). op. cit.

CARONE, Edgard. **Brasil: Anos de Crise (1930-1945)**. São Paulo: Ática, 1991. Série Fundamentos.

_____. **A República Nova (1930-1937)**. 2.^a ed. São Paulo: Difusão Editorial do Livro, 1976. (Corpo e Alma do Brasil, 40).

_____. **A República Velha; Instituições e Classes Sociais**. São Paulo: Difel, 1972. pp. 269, 287, 402-404.

_____. **O Estado Novo (1937-1945)**. Rio de Janeiro: Difel, 1977.

_____. **A Quarta República (1945-1964)**. São Paulo e Rio de Janeiro: Difel, 1980.

CARVALHO, José. Murilo de. **As Forças Armadas na Primeira República: o Poder Desestabilizador**. In: FAUSTO, B. (org.), **O Brasil Republicano**, v. 2, **Sociedade e instituições (1889-1930)**. Rio de Janeiro e São Paulo: Difel, 1977.

_____. **A Construção da Ordem: A Elite Política Imperial**. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

_____. **Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: uma Discussão Conceitual**. Trabalho apresentado no simpósio **Nation-Building: Conflict, Between Local Power and national Power in the Nineteenth Century**. Leiden, 1995.

_____. **Forças Armadas e Política no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, pp. 61-102.

CASCUDO, Câmara. **A Humanidade de Jeca Tatu**. Revista do Brasil, São Paulo, n. 57, 1920. In: LIMA, Nísia Trindade. **Um Sertão chamado Brasil: Intelectuais e Representação Geográfica da Identidade Nacional**. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ, UCAM, 1999.

CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato – Vida e Obra**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1955. In: LOBATO, Monteiro. **Urupês**. São Paulo: Brasiliense, 1969.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e Democracia**. São Paulo: Moderna, 1981.

CINTRA, Antonio Otávio. **A Política Tradicional Brasileira: uma interpretação das relações entre o centro e a periferia**. Belo Horizonte: n. 01, 1974.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira**. 3.^a ed. São Paulo: Quíron, 1988.

COUTINHO, Afrânio. (dir.) **A Literatura no Brasil**. 4^o vol. *Era Realista – Era de Transição*. São Paulo: Global, 1999.

COHN, Gabriel. **A Sociologia e a Arte da Controvérsia**. In: Revista *Civilização Brasileira*, maio-agosto, 1968. In: PÉCAUT, Daniel. **Os Intelectuais e a Política no Brasil – entre o Povo e a Nação**. São Paulo: Ática, 1990.

COSTA, J. Cruz. **Contribuição à História das Idéias no Brasil**. Rio de Janeiro: *Civilização Brasileira*, 1967, 2. ed. In PÉCAUT, Daniel, op. cit.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões: Campanha de Canudos**. São Paulo: Aguillar, 1966. [1902]

DEBRUN, M. **Ideologia e Realidade**. Rio de Janeiro: ISEB, 1959.

DELLANNOI, Gil. **O Nacionalismo e a Catálise Ideológica**. In: CORDELLIER, Serge (coord.). **Nações e Nacionalismos**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.

DUBOIS, Philippe. **O Ato Fotográfico**. 8. ed. São Paulo: Papyrus, 1993. Cap. 1 – *Da verossimilhança ao índice*.

DUTRA, Eliana de Freitas. **O Exorcismo do Mal**. In: **O Ardil Totalitário: o Imaginário Político no Brasil dos Anos 30**. Rio de Janeiro: UFRJ; Belo Horizonte: UFMG, 1997, pp. 33-88.

_____. **As Armadilhas do Bem**. In: op. cit. pp. 89-146.

FAUSTO, Bóris. **A Revolução de 1930**. São Paulo: Brasiliense, 1972. 2. ed.

_____. **A Crise dos Anos 20 e a Revolução de 30**, In: FAUSTO, Bóris. **O Brasil Republicano**. tomo III, vol. II.

FELDMAN-BIANCO, Bela e LEITE, Miriam Moreira (orgs.) **Desafios da Imagem**. São Paulo: Papyrus, 2004. Cap. 5 – **Reflexões sobre Iconografia Etnográfica**.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **A Reação Republicana e a Crise Política dos Anos 20**. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, vol IV, n.º 11, 1993.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREIRE, Paulo. **Educação e Atualidade Brasileira**. Tese, Recife, Escola de Belas-Artes, 1959.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime de Economia Patriarcal**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978. [1933].

FURTADO, Celso. **Dialética do Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964.

_____. **Desenvolvimento e Subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1965, 3. ed.

_____. **Formação Econômica do Brasil**. 8.^a ed. São Paulo: Nacional, 1968.

GARCIA, Nelson Jahr. **O Estado Novo: Ideologia e Propaganda Política – a legitimação do Estado autoritário perante as classes subalternas**. São Paulo: Loyola, 1982.

GELLNER, Ernest. **El nacionalismo y las dos formas de cohesión en sociedades complejas**. In: **Cultura, Identidad y Política. El nacionalismo y los nuevos cambios sociales**. Barcelona: Gedisa, 1993.

_____. **O advento do nacionalismo e sua interpretação: os mitos de nação e de classe**. In: BALAKRISHNAN, Gopal (org.). *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

GOMES, Ângela Maria de Castro. **Regionalismo e Centralização Política: Partidos e Constituintes nos Anos 30**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. (Brasil, Século 20).

_____ e outros. **A República no Brasil**. Rio de Janeiro: FDV/Nova Fronteira/CPDOC, 2002, pp. 30-53; 65-79. .

_____ (org.) **Escrita de si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GOULART, Silvana. **Sob a Verdade Oficial: Ideologia, Propaganda e Censura no Estado Novo**. São Paulo: Marco Zero, 1990.

GRAMSCI, Antônio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. (Coleção Perspectiva do Homem, 48)

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil – sua história**. São Paulo: Edusp, 1985. (Coleção Coroa Vermelha) Estudos Brasileiros. Vol. 06

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981, 14. ed.

IANNI, Octavio. **Imperialismo e Cultura**. Petrópolis: Vozes, 1976, 2ª ed.

IANNI, O., SINGER, P., COHN, G. e WEFFORT, F. C. **Política e Revolução no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

JAGUARIBE, Hélio. **O nacionalismo na atualidade brasileira**. Rio de Janeiro: ISEB. 1958.

_____. **Desenvolvimento Econômico e Desenvolvimento Político**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1962.

KOSHIYAMA, Mitika Alice. **Monteiro Lobato: Intelectual, Empresário, Editor**. São Paulo: T A Queiroz Editor, 1982. Biblioteca de Letras e Ciências Humanas, série 1, Estudos Brasileiros, Vol. 3.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1983.

LAMOUNIER, B. **Formação de um pensamento político autoritário na Primeira República: uma interpretação**. In: FAUSTO, B. (org.) **O Brasil republicano**., v. 2. Rio de Janeiro: Difel, 1977.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**. São Paulo: Alfa-Ômega, 4. ed., 1978, 19-57.

LEVINE, R. **O regime de Vargas: os anos críticos, 1934-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

LIMA, Nísia Trindade. Op. cit.

LOBATO, J. B. Monteiro. **Cidades mortas**. São Paulo: Brasiliense, 1948. (Literatura Geral, Obras Completas, 2)

_____. **Idéias de Jeca Tatu**. São Paulo: Brasiliense, 1948. (Literatura Geral. Obras Completas, 4)

_____. **A Onda Verde e o Presidente Negro**. São Paulo: Brasiliense, 1948. (Literatura Geral. Obras Completas, 5)

_____. **Na Antevéspera**. São Paulo: Brasiliense, 1948. (Literatura Geral. Obras Completas, 6)

_____. **O Escândalo do Petróleo e Ferro**. São Paulo: Brasiliense, 1948. (Literatura Geral. Obras Completas, 7)

_____. **Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital.** São Paulo: Brasiliense, 1948. (Literatura Geral. Obras Completas, 8)

_____. **América.** São Paulo: Brasiliense, 1948. (Literatura Geral. Obras Completas, 9)

_____. **Mundo da Lua e Miscelânea.** São Paulo: Brasiliense, 1948. (Literatura Geral. Obras Completas, 10)

_____. **A Barca de Gleyre.** São Paulo: Brasiliense, 1948. (Literatura Geral. Obras Completas, t. 1, v. 11)

_____. **A Barca de Gleyre.** São Paulo: Brasiliense, 1948. (Literatura Geral. Obras Completas, t. 2, v. 12)

_____. **Prefácios e Entrevistas.** São Paulo: Brasiliense, 1948. (Literatura Geral. Obras Completas, 13)

_____. **Literatura do Minarete.** São Paulo: Brasiliense, 1948. (Literatura Geral. Obras Completas, 14)

_____. **Conferências, Artigos e Crônicas.** São Paulo: Brasiliense, 1948. (Literatura Geral. Obras Completas, 15)

_____. **Cartas Escolhidas.** São Paulo: Brasiliense, 1948. (Literatura Geral. Obras Completas, t. 1, v. 16)

_____. **Cartas Escolhidas.** São Paulo: Brasiliense, 1948. (Literatura Geral. Obras Completas, t. 2, v. 17)

_____. **Urupês.** São Paulo: Brasiliense, 1969.

_____. **Reinações de Narizinho.** São Paulo: Brasiliense, 1969. 22.^a ed.

_____. **Viagem ao Céu e O Saci.** 15.^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1968. (Literatura Infantil. Obras Completas, 2).

_____. **Caçadas de Pedrinho.** 13.^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1958.

_____. **Aventuras de Hans Staden.** 11.^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1960.

_____. **História do Mundo para as Crianças.** 18.^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1968.

_____. **Memórias da Emília.** 9.^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1956.

_____. **Peter Pan.** 11.^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1959.

_____. **Emília no País da Gramática.** 11.^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1960.

_____. **Aritmética da Emília.** 12.^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1962.

_____. **Geografia de Dona Benta.** 10.^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1958.

_____. **Serões de Dona Benta.** 8.^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1960.

_____. **História das Invenções.** 11.^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1963.

_____. **D. Quixote das Crianças.** 8.^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1960.

_____. **O Poço do Visconde.** 8.^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1960.

_____. **História de Tia Nastácia.** 7.^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1957. (Literatura Infantil. Obras Completas, 11).

_____. **O Picapau Amarelo.** 10.^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1960.

_____. **A Reforma da Natureza.** 6.^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1960.

_____. **O Minotauro**. 8.^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1960.

_____. **A Chave do Tamanho**. 8.^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1960.

_____. **Fábulas**. 18.^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1960.

_____. **Histórias Diversas**. 2.^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1964.

_____. **Os Doze Trabalhos de Hércules**. 3.^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1958, t. 1.

_____. **Os Doze Trabalhos de Hércules**. 3.^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1958, t. 2.

b

_____. **Zé Brasil**. [1947] In: LOBATO, Monteiro (1882-1948). Monteiro Lobato/biografia por Ruth Rocha; panorama da época por Ricardo Maranhão; seleção de textos, contextualizações, notas, cronologias, características e exercícios por Marisa Lajolo. – São Paulo: Abril Educação, 1981. (Literatura Comentada)

LUCA, T. Regina de. **Monteiro Lobato: estratégias de poder e auto-representação n'A barca de Gleyre**. In.: _____ (org.) **Escrita de si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

MARTINS, Wilson. **O Modernismo**. São Paulo: Cultrix/Universidade de São Paulo, 1977, 5. ed.

_____. **História da inteligência brasileira**. São Paulo: Cultrix/Universidade de São Paulo, 1978. 3. ed. V. 6

MEDEIROS, J. **Ideologia autoritária no Brasil (1930-1945)**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1978.

MENDONÇA, Carlos Vinícius Costa de. **As raízes da ordem e a confirmação da autoridade**. In: **O êxtase autoritário: a política educacional de Segurança Nacional na Era Vargas e sua repercussão no Espírito Santo (1930-1940)**. São Paulo: USP, Dep. de História, Tese de Doutorado, 2002, pp. 1-52.

MICELI, S. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil: 1920-1945**. São Paulo: Difel, 1979.

MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária**. São Paulo: Melhoramentos, 1973. 6ª ed.

MOURA, Ivânia Cristina Lima. **A tecla do tempo: a fusão do Jornalismo e da Literatura na crônica**. Disciplina: Projetos Experimentais. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 1999.

OLIVEIRA, Franklin de. **O que é a Revolução Brasileira?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **Ensaio em Antropologia Histórica**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1999. Parte II – **Atravessando fronteiras étnicas e Cidadania, racismo e pluralismo: a presença das sociedades indígenas na organização do Estado Nacional brasileiro**.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A Questão Nacional na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PAUWELS, Louis e BERGIER, Jacques. **O despertar dos mágicos – Introdução ao Realismo Fantástico**. 4ª ed. São Paulo: Difel, 1969.

PANG, Eul-Soo. **Coronelismo e oligarquias – 1889-1934: a Bahia na Primeira República brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil – entre o povo e a nação**. São Paulo: Ática, 1990.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Em busca de uma Nova História: imaginando o imaginário**. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, ANPUH/Contexto, vol. 15, n.º 29, 1995.

PICCHIA, Menotti del. **Soluções Nacionais**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. .

PINHEIRO, Paulo Sérgio. **Classes médias urbanas: formação, natureza, intervenção na vida política**. In: FAUSTO, Bóris. (org.) **Brasil Republicano**, tomo II, vol. II, São Paulo: Difel. 3.ed, 1985.

POE, E. Allan. **Manuscrito encontrado numa garrafa e outros contos**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. 2.ª ed. p. 10.

POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PRADO JR, Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1973.

_____. **A Revolução Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1966.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Bauru, SP: EDUSC, 1999. Cap. 1 - *Crítica na zona de contato*.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O mandonismo local na política brasileira e outros ensaios**. São Paulo-Alfa-ômega, 1976.

RENAN, Ernest. **Qué es una nación?** In: FERNÁNDEZ BRAVO, Álvaro (comp.). **La invención de la nación. Lecturas de la identidad de Herder a Homi Bhabha**. Buenos Aires: Manantial, 2000.

RESENDE, Maria Efigênia Lage de. **O processo político na Primeira República e o liberalismo oligárquico**. In FERREIRA, Jorge e outros. **O Brasil republicano, O tempo do liberalismo excludente**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SALETTTO, Nara. **Partidos e eleições no Espírito Santo da Primeira República**, 2005.

SOUSA, Maria do Carmo Campello. **O processo político-partidário na Primeira República**. In: MOTTA, Carlos Guilherme (org.), **Brasil em Perspectiva**, São Paulo: Difel, 1972.

RODRIGUES, L. M. **O PCB: os dirigentes e a organização**. In: FAUSTO, B. (org.), op. cit., 1981. V. 3.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SHAKESPEARE, William. **A Tempestade**. São Paulo: Melhoramentos, 1957. 2ª ed. *Obras Completas de Shakespeare*. Vol 1.

SILVA, Hélio. **1930 – A Revolução Traída**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. (O Ciclo de Vargas – Volume III). Col. Documentos da História Contemporânea – Vol. 11 B.

SMITH, Anthony. **O nacionalismo e os historiadores**. In: BALAKRISHNAN, Gopal (org.). **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

_____. **¿Gastronomía o geología? El rol del nacionalismo en la reconstrucción de las naciones**. In: FERNÁNDEZ BRAVO, Álvaro (comp.). **La invención de la nación. Lecturas de la identidad de Herder a Homi Bhabha**. Buenos Aires: Manantial, 2000.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Burguesia Brasileira**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

_____. **História da Imprensa no Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **Evolução Social do Brasil**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS; MEC/SESu/PROEDI, 1988. (Síntese Universitária).

TACCA, Fernando de. **A Imagética da Comissão Rondon**. São Paulo: Papirus, 2001.

TRINDADE, Hélio. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30**. São Paulo: Difel, 1979.

TRINDADE, Héliogio. **Integralismo: teoria e práxis política nos anos 30**. In: HGCB - Brasil Republicano (Sociedade e Política). 1930-1964. São Paulo: Difel, 1986, pp. 299-335.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 1992. 2ª ed. Série Debates (Teoria da Literatura).

VENANCIO, M. Giselle. **Cartas de Lobato a Vianna: uma memória epistolar silenciada pela história**. In.: _____ (org.) **Escrita de si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

VIANNA, Luiz Werneck e CARVALHO, Maria Alice R. **República e Civilização Brasileira**, in: BIGNOTTO, N. (org.). **Pensar a República**. Ed. UFMG, 2002

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2001. Col. "Obra-prima de cada autor". Cap. II